Prêmio BIZZ 97: vote nos melhores do ano

SHOW BIZZ

SEU 1 • ANO 13 / Nº 12 • EDIÇÃO 149 / DEZEMBRO • R$ 5,00

Fotolira AZUL

PÔSTER
Spice Girls

EXCLUSIVO
A volta por cima de
MAX CAVALERA

RENATO RUSSO
e a fúria do mundo

METAL ao vivo
Bruce Dickinson
Scorpions

PLANET HEMP
LIBERADO
A verdadeira história de Marcelo D2

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR PODE CAUSAR DOENÇAS DO CORAÇÃO E DERRAME CEREBRAL.

www.hollywood.com.br

Laser Sharp.
O DJ.
Capaz de discotecar com até 3 CDs ao mesmo tempo com seu feixe holográfico.

Bass Sharp.
O pesado.
Faz a terra tremer com os Super Woofers de 20 cm.

Control Sharp.
O funcional.
Controla todas as 47 funções do aparelho.

Color Sharp.
A fluorescente.
Ilumina o painel com informações tridimensionais multicoloridas.

Se o seu pai reclamar da potência do som, pode dizer que a culpa é dos Sharps.

SHARP

Surround Sound Sharp.
O tridimensional.
Com apenas duas caixas, ele dá a sensação de 3D ao seu som stéreo.

Power Sharp.
O potente.
Um volume de som que nem você é capaz de suportar: 1.600 watts PMPO.

CD-K1600Z

Mini-System

SRS 3D SURROUND | 1.600W PMPO (200W RMS)

Super Woofers de 20 cm | 3-CD changer | Preset equalizer com 6 opções

Dois níveis de X-Bass | Duplo Deck Full Logic | Tuner digital | Karaokê

Spectrum analyzer | Duas entradas para microfone | Entradas e saídas AV

Sharp. Eletrizante como a vida.

MINISYSTEM DA SONY. A MÁQUINA DE FAZER DJ.

SONY

REMIXAGEM AQUI É BRINCADEIRA.

AGORA VOCÊ VAI VIRAR DJ BRINCANDO. CHEGOU O **DJ MIX DA SONY**, COM 9 EFEITOS DE REMIXAGEM PARA DEIXAR QUALQUER DJ MORRENDO DE INVEJA.

LOOP• REPETE UM TRECHO DA MÚSICA DO CD.

BEAT• REMIXA NA MÚSICA RITMOS COMO DANCE, ROCK, SAMBA E OUTROS.

DRUM PADS• ACRESCENTA SONS E BATIDAS.

GROOVE• REFORÇA GRAVES E AGUDOS.

FLASH• AUMENTA E REDUZ O VOLUME.

WAVE• EFEITO DE ONDAS NO EQUALIZADOR.

NON-STOP PLAY• TOCA O CD DIMINUINDO OS INTERVALOS DAS MÚSICAS OU REMIXA AS FAIXAS COM SOM DE APLAUSOS.

MIC MIXING• MIXAGEM COM MICROFONE.

SONIC FORMATION• EQUALIZAÇÃO DAS 4 CAIXAS ACÚSTICAS COM DIFERENTES MODOS DE UTILIZAÇÃO.

FH-GR8AV
1800wPMPO

http://www.sonybrasil.com

Pauta

40 LULU SANTOS
A mais nova aventura cyber do imperador do pop

28 RENATO RUSSO
No lançamento de O Último Solo, o pai do líder da Legião Urbana fala sobre a personalidade do filho

80 TERROR EM SANTOS
A maior tragédia em shows no Brasil: grande noite da carreira dos Raimundos termina em pesadelo

68 PRÊMIO BIZZ
A volta da eleição que fez história no rock Brasil

45 SPICE GIRLS
Pôster e as últimas novidades do quinteto inglês, que veio dar no Brasil

32 HERBERT VIANNA
O líder dos Paralamas lança *Santorini Blues* e diz que o grupo vai se afastar do reggae

36 DAVID BOWIE
Orgulho e preconceito: o repórter niteroiense Hélio Muniz acompanha o astro num banho de cultura na antiga capital fluminense

Parada da Redação
Os sons que rolaram enquanto a gente fazia esta SHOWBIZZ

Planet Hemp – Os Cães Ladram Mas A Caravana Não Pára
Racionais MC's – Sobrevivendo No Inferno
Replacements – Pleased To Meet Me
Neneh Cherry – Remixes
Bootsy Collins – Fresh Outta P'University
Man Or Astroman – TOBEX

SEMPRE EM SHOWBIZZ

10 CANAL BIZZ
A indignação toma conta dos fãs dos Raimundos e do Planet Hemp

14 BIZZES
Madonna volta cheia de gás; Cidade Negra prepara um disco de dub

50 PLAY
Racionais MC's, Stevie Ray Vaughan, Ed Motta, Notorious B.I.G., Rik Ocasek

60 REPLAY
John Lennon & Yoko Ono, Pixies, Peter Tosh e Beach Boys

64 ENJOY IT
Compre CDs pela Internet

66 ESTILO
As roupas que farão de você um *rude boy* para cair de boca no ska

72 ONZZE PERGUNTAS
Max Cavalera define a banda nova e grava disco porrada

74 LETRAS TRADUZIDAS
"Freak", a aberração sonora do Silverchair

76 AO VIVO
Os metaleiros invadem o Skol Rock e o No Doubt causa polêmica

84 + BIZZES
Kid Abelha em versão dance; Bon Jovi paga um Mickey

90 DISCOTECA BÁSICA
Murmur, a retumbante estréia do R.E.M.

** excepcionalmente este mês não publicamos a coluna Pipoca Moderna, de José Emílio Rondeau. O mestre volta no mês que vem*

ON

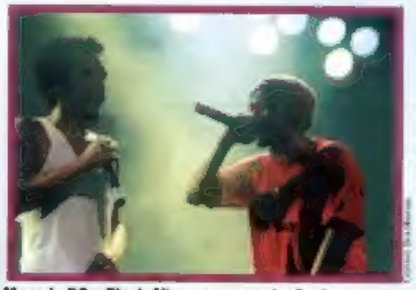
No começo de novembro, teve banda de rock no centro das atenções do país inteiro, fato que só acontece em poucas ocasiões. Poucas e quase nunca boas. O Brasil tirou o tchan da cabeça e desviou o olhar para o universo da nossa revista por conta de acontecimentos bastante tristes: o acidente na saída do show dos Raimundos em Santos e a prisão do Planet Hemp em Brasília.

Oito vidas perdidas por culpa da irresponsabilidade, incompetência e ganância de promotores de shows configuram uma tragédia revoltante. A prisão de seis músicos honestos presos por terem trabalhado tocando suas composições num show fechado e para maiores de idade é, mais que um atentado contra a liberdade de expressão, um preocupante regurgito de autoritarismo num país sem tradição democrática. Esta SHOWBIZZ foi fechada em clima de indignação.

Estávamos devendo uma capa para o Planet há um bom tempo e a sessão de fotos de Marcelo D2 havia sido feita – por Rui Mendes – pensando-se na edição de outubro. Demorou. Agora taí: o personagem que tem mais histórias para contar na nova cena brasileira narra sua eletrizante biografia e mostra que tem muito o que dizer. Que se calem os censores.

Aquele abraço.

Pedro Só



Marcelo D2 e Black Alien na apresentação do Planet em Brasília. Eles seriam presos horas mais tarde pela polícia local

18 QUEM É MARCELO D2?
O artista mais polêmico do rock nacional conta a história de sua vida

Rui Mendes

Canal Bizz

Esta é a sua área. Discorde, elogie, deixe o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Mande desenhos, retratos, colagens, fotos desinibidas.

A prisão do Planet Hemp e a tragédia no show dos Raimundos foram revoltantes

INDIGNAÇÃO até a última ponta

Leitores abrem o verbo contra prisão do Planet Hemp e clamam por justiça na tragédia do show dos Raimundos em Santos

Quero deixar registrado meu apoio e minha indignação. O apoio é para os Raimundos, que devem estar passando por um momento difícil depois daquele acidente fatídico. Espero que os verdadeiros culpados sejam punidos por terem sido irresponsáveis. Minha indignação é quanto ao que estão fazendo com a banda Planet Hemp, essa perseguição descabida. Pô, os caras não induzem ninguém a fumar maconha, eles só dizem em suas letras que são usuários e que querem a legalização da erva. Eu admito e curto muito o Planet Hemp, mas nunca fui influenciado ou induzido pelas letras das suas músicas a fumar maconha. Aliás, não gosto nem de cigarro.
Edvaldo de Lucena Jr – Olinda, PE

O que essas "figuras" vão fazer agora? Prender quem estiver usando camiseta do Planet? Prender a quem escuta a música deles, na casa ou no carro? Abordar quem estiver cantarolando "Legalize Já" na rua? Tenho os dois CDs da banda e nem por isso fumo *Cannabis sativa*. Temos de defender à à liberdade de expressão!
Paulo Henrique Nunes – Ribeirão Preto, SP

Que Brasil é este onde a liberdade se resume ao direito de os políticos e da polícia decidirem nossa forma de vida e até as músicas que ouvimos? DEIXEM NOSSOS MANOS EM PAZ.
Paula Gomes – São Paulo, SP

Moro em Santos e fui à fatídica apresentação dos Raimundos. No fim do show, só havia UMA única saída aberta. Como pode um diretor do clube aparecer dizendo que todas as portas estavam abertas e que tudo não passou de uma "brincadeira" de uns seis indivíduos que ficaram empurrando!

Meu Deus, 4 500 pessoas estariam morrendo? Espero que isso não acabe em pizza e que a justiça seja feita!
Leonardo Castanha – Santos, SP

Estive no show dos Raimundos em Santos, no dia 7 de Novembro. A apresentação acabou lá pelas 2h30 e, quando fui sair, só havia um portão aberto. Como não gosto de aperto, tentei sair pelo portão que estava ao lado do palco. Passei pela grade de proteção e cheguei a um outro portão, que estava meio aberto. Então vi meus amigos com cara de assustados. Desci mais um pouco e vi uma das imagens mais marcantes de minha vida. Mais ou menos setenta pessoas estavam prensadas.

Ao chegar à rua, vi um carinha sentado numa calçada, sem o par de tênis, chorando. Perguntei se tinha se machucado, ele olhou para mim e disse: "Véio, meu amigo morreu nos meus braços". Entrei em choque, comecei a chorar. Na nossa frente havia dois rapazes tentando reanimar outros dois que já não respiravam direito.
William de Azevedo – Santos, SP

SOCORRO!!

Gostaria que vocês publicassem a discografia completa do Rush.
Marcio Roberto Galvão – Fortaleza, CE
Rush *(74)*; Fly By night *(74)*; Caress Of Steel *(76)*; A Farewell To Kings *(77)*; Hemispheres *(78)*; Permanent Waves *(80)*; Moving Pictures *(81)*; Exit...Stage Left *(81)*; Signals *(82)*; Grace Under Pressure *(84)*; Power Windows *(85)*; Hold Your Fire *(87)*; A Show of Hands *(89)*; Presto *(89)*; Chronicles *(90)*; Roll The Bones *(91)*; Counterparts *(93)*; Test For Echo *(96)* e Restrospective 1 e 2 *(87)*.

Ajudem-me, por favor! Moro em um bairro de rappers, é só Racionais pra cá, Thade pra lá... Eu não aguento mais! Queria informações sobre a magnífica banda Siouxsie and the Banshees.
Eduardo Madureira – Guarulhos, SP
***Siouxsie Sioux (nascida Susan Dallion em 27/5/58) e sua trupe foram grandes expoentes da cena pós-punk do começo dos anos 80. Também foi classificada como gótica, apesar de não gostar nadinha do rótulo. Ano passado Siouxsie declarou que o grupo havia definitivamente acabado, porque não suportava ver a volta dos Sex Pistols, uma de suas inspirações originais. Discografia na lata:* The Scream *(78)*; Join Hands *(79)*; Kaleidoscope *(80)*; A Kiss In The Dreamhouse *(82)*; Nocturne *(83)*; Hysena *(84)*; Tinderbox *(86)*; Through The Looking Glass *(87)*; Peepshow *(88)*; The Peel Sessions *(91)*; Superstition *(91)*; The Rapture *(95)*.**

Se liga, Guarulhos: tem gente gritando por Siouxsie & The Banshees

Deu a Elza

Não gostei da avaliação do Nimrod, do Green Day. "Bom"? Acho que merecia um "Ótimo". Tudo bem, tem um desconto. O mesmo cara que fez a avaliação do Nimrod deu "Ótimo" para Elza Soares!
Gil Brasileiro Fernandes – via e-mail
Pô, Gil! Com esse sobrenome você manda uma dessas? Escuta a Elza direito, rapá!

U2 em questão

Que história é essa de U2 em Salvador?
Danilo Dantas – Fortaleza, CE
É balela. Se houver algum show além das apresentações de 29 e 30/1 em SP e 1º/2 no Rio, será realizado em Belo Horizonte, numa área ao ar livre próxima ao Aeroporto Carlos Prates.

Por favor, publiquem uma nota na revista dizendo quantas vezes o U2 já veio ao Brasil. Tem um cara daqui que jura que eles já vieram, pode? O lance vale R$ 50. Mole para mim, não?
Ivan Augusto – Uberaba, MG
Quale, Ivan? Segue por correio o número da conta aqui da galera. Trintinha tá bom, valeu? Ah, O U2 NUNCA VEIO AO BRASIL!

PENSADOR DO MÊS

Tá mal, hein! Devido ao nível babíssimo dos pensamentos enviados à Redação, nos revoltamos e, este mês, não vamos dar camiseta p... nenhuma! Temos certeza de que vocês conseguem ser um pouquinho mais criativos, né? De lambuja, publicamos o desenho do Rodrigo Molina, de Itabirito, MG, que até que ficou bonitinho... Mas ele também não vai levar camiseta, não... Esperamos frases melhores para a próxima edição. Valeu.

GENTE que BABA

Este ano foi muito especial... Jimi Hendrix e The Doors num mesmo ano foi demais!!! Jakob Dylan foi na medida. Ainda tem muita coisa que eu gostei pra caramba, mas aí vou ser redundante. Vocês já devem saber o quanto são bons!
Beatriz – via e-mail
Como diria Fábio Jr., "brigadu"! Assim a gente fica besta.

Leitor elogiou e pediu Beastie Boys

Continuem publicando os testes, são ducacete! A seção Alien também é muito legal; o título da matéria do Marilyn Manson, "O Coiso", foi dos melhores que já li; o Enjoy It "Fogo do Rabo" foi de rolar de rir; a cobertura do festival Virgin 97 foi uma das mais legais que vocês já fizeram; o Caderno Especial Renato Russo foi... EMBASBACANTE! Parabéns, parabéns! Agora, dá pra publicar a discografia completa dos Beastie Boys?
Alencar Júnior – São Paulo, SP

Vai que é sua, Alencar... Licensed To Ill (1986); Paul's Boutique (1989); Check Your Head (1992); Some Olde Bullshit (1994); Ill Communication (1994); Root Down EP (1995) e The In Sound From Way Out (1996). No momento eles estão trabalhando em um novo álbum, com produção de Mário Caldato Jr. (o mesmo do Planet Hemp).

Finalmente vocês conseguiram fazer duas revistas seguidas boas, parece milagre!!! Ainda prefiro a de outubro, com o Led, mas a de novembro também está demais, com Doors, Metallica e a página com notícias apenas de heavy metal... Quem discordar que David Coverdale é o melhor cantor do mundo é surdo! Aliás, alguém aí já escutou o CD acústico do Whitesnake, gravado no Japão? É disparado o melhor do ano. Continuem assim que não tungo mais vocês.
Márcio Taddoni – via e-mail
Metaleirinho, hein, Taddoni! Mas agora é tarde demais... De você, não aceitamos mensagens meiguinhas. Vem pra porrada, vem...

Quem elabora a página "Teste"? É loucamente débil e inteligente. Minha catalonia rotineira costuma passar e eu até consigo ler naturalmente, como um ser normal.
Lincoln Santos – Brasília, DF

Fundador: Victor Civita (1907-1990) — Diretoria: Angelo Rossi, Roberto Civita

EDITORA AZUL

Diretor Superintendente: Angelo Rossi
Superintendente Comercial: Carlos R. Barreiros
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frauzio

SHOWBIZZ

REDAÇÃO

Diretor de Redação: Felipe Zobaran
Editor-Chefe: Pedro Só
Editores: Robert Halloun e Sérgio Martins
Editor de Arte: Renato Yuca
Editor-Assistente de Arte: Jomnson Veiga
Repórter: Lorena Calmon
Correspondente: José C. Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboram nesta edição: Alvaro da Costa e Silva, Andre Gordeiro, Antonio Carlos Miguel, Carlos Eduardo Oliveira, Carol Aires, Dario Benevides, Dario Monteiro, Edson Frexeo, Giovanna Hallack, Hagamenon Brito, Hilda Muniz, Otavio Rodrigues, Paulo Cavalcanti, Pedro Alexandre Sanches, Ricardo Franco Cruz, Thomas Pappon (Fotos), Damiani, El Alcaraz, Jorge Rosenberg, Leonardo Avelino, Rui Mendes (Revisão) Roberto Pinheiro

STAFF EDITORIAL

Direção de Jornalismo: Cynthia de Almeida
Direção de Arte: Rodolfo Tucci
Secretária Editorial: Regina Guimarães
Azul Press: Benjamim S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano

COMERCIAL

Gerente de Produto: Andre Priore D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alessandra Paro
Gerente de Produto de Assinaturas: Luciene Lauriano
Assistente de Produto: Wagner Pinheiro

COMUNICAÇÃO

Gerente de Promoção: Sandra Gatti Pontoni

PUBLICIDADE

Diretor: Ênio Vergeiro
Gerente: Afonso Palomares
Contatos Comerciais: Cristina Bertonha, Maria Lucia Mardl, Marisa Arantes, Antero, Nadia Leppos
Coordenação/Supervisão: José Soares
Coordenador: Rafael Ribeiro
Gerente de Marketing Publicitário: Cinira Maurício

ShowBizz edição 148, dezembro de 1997, é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. ISSN 0104-1649. **Assinatura:** Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem ônus, tendo mediante sua solicitação a devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido pelo índice oficial aplicável. Com a assinatura, seu nome passa a constar da lista de clientes da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção. Caso não queira constar desta lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065-900, São Paulo, SP. **Números atrasados:** (As seis últimas edições) mediante disponibilidade de estoque). Peça ao seu jornaleiro, à distribuidora Dinap de sua cidade ou pela Caixa Postal 2505, Osasco - SP. Fax (011) 868-3018, telefone (011) 810-4800, das 8 às 18 horas. Pagamento pelos cartões Visa, Credicard e Diners, ou cheque nominal ao preço da última edição em banca mais despesas postais. dinap.na@email.abril.com.br. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Paz Varais, Azinhaga dos Ferais, 2685, Camarate, Lisboa.

ANER — IVC

EDITORA AZUL - ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5.777, CEP 05479-900 - Tel. (011) 887-5000, Caixa Postal 60254, CEP 05575-970, Fax (011) 887-5000
Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2533 - Castelo - Rio de Janeiro - CEP 20030-021, Tel. (021) 532-3313, Caixa Postal 4846, Fax (021) 532-1666 / 532-1662

MOVIMENTO

MATEM O HANSON

Não sei como podem existir pessoas que realmente gostem daqueles viadinhos-que-não-comem-ninguém. Meu único consolo é que sei que tudo isso vai passar. Alguém se lembra do Jordy (aquele pirralho francês)? A vida é assim... Vão-se os fodidos e ficam Ozzy Osbourne e a elite da música.

Fernando Osbourne – via e-mail

Fã-clubes

BUSH
My world calls Bush
R. Paulino Vital de Moraes, 138
CEP 05855-000 - São Paulo, SP

OZZY OSBOURNE
Fanzmosis Net - Movimento Cultural Ozzy Brasil
Caixa Postal 181 - CEP 11301-970
São Vicente, SP

SILVERCHAIR
Silverchair Brazilian Fan Club
Rua Dona Maria, 71, bloco 1, ap. 1102 - CEP 20541-030
Rio de Janeiro, RJ

MARILYN MANSON
Marilyn Manson's Horrible People
R. Gabriel de Souza, 610
CEP 09812-210
São Bernardo do Campo, SP

TROCA-TROCA

Vendo fita cassete do Aborto Elétrico, entrevista com Renato Russo, vídeos e exemplares da SHOBIZZ com Legião Urbana, U2, Titãs e parte de toda minha coleção da SHOWBIZZ.
Helder Hoth dos Reis
Fones: (063) 834-1274 (hor. com.) e 834-1200 (à noite).

Troco SHOWBIZZ de setembro e outubro de 96 pelo Guia de Fã-clubes.
Paula Tatiane da Costa
Rua Fábio de Barros, 307
CEP 97505-170
Uruguaiana, RS

Tenho gravações em cassete da Legião, incluindo a primeira turnê do grupo e a época em que Renato era o Trovador Solitário, de Brasília. Troco por mais material da banda.
Marcos Roque da Luz
Fone: (021) 714-8703
End. Trav. Belitrão, 63 c/7
CEP 24241-260
Niterói-RJ

Tenho a coleção inteira de BIZZ Letras Traduzidas. Quero vendê-las.
Túlio César Ianello
Fone: (011) 6141-4714
Rua Piava, 129
CEP 08220-330
São Paulo, SP

Quero me corresponder com pessoas que adoram Nirvana, Sepultura, Metallica e Guns N'Roses. Prometo responder a todas as cartas.
Nimai Cobain
R. Dep. Wilson Tanure, 203
CEP 31560-240
Belo Horizonte, MG

Vendo material do Guns N'Roses e compro qualquer coisa dos Raimundos.
Ana Luiza Fantim
Fone: (011) 230-7311
Av. Cásper Líbero, 11/ 2508
CEP 01033-000
São Paulo, SP

Faço qualquer negócio pelo acústico do Oasis, na MTV ou qualquer material do grupo em fita de vídeo ou revista.
Daniela Cristina Costa
Rua Jordão, 510 - Rua A, 177/178
CEP 22725-540
Rio de Janeiro, RJ

FALE COM SHOWBIZZ É DE GRAÇA!!!
0800-139-138
Das 10h às 12h e das 15h às 18h
FAÇA CONTATO:
showbizz.azul.atleitor@mail.abril.com.br
CAIXA POSTAL 46157 CEP 05319-970 SÃO PAULO - SP
(011) 810-4800
0800-119-100
DÚVIDAS SOBRE ASSINATURAS

ERRENOS

Na edição anterior, noticiamos que o álbum triplo do Metallica venderia 70 milhões de cópias. O disco estourou a boca do balão, mas não foi tanto assim. Metallica vendeu somente 17 milhões de cópias vendidas.

GRÁTIS
Uma linda nécessaire

Nas bancas
Revista carícia mais

METALLICA RELOAD

Mamadonna cheia de gás

Ela pariu Lourdes Maria e se transformou numa senhora respeitável. Agora promete voltar com tudo

Mãe, cantora, atriz e produtora: esta é a nova Madonna

"Atualmente, depois de ter feito muito sucesso, acho que tenho muito mais liberdade para trabalhar do que outros artistas. O segredo é não querer ser popular." Pasme, amiguinho, embora não pareça, essa aí é mesmo a nossa velha conhecida Madonna, em entrevista à revista *Rolling Stone*. A maternidade deu um nó na cabeça da *ex-material girl*. Embora bem mais magra do que nos primeiros meses de vida de Lourdes Maria, ela diz que sua vaidade ficou na sala de parto. "Desde que minha filha nasceu, percebi como o tempo voa. E não quero mais perdê-lo com situações fúteis. Mesmo sendo atraente, não adianta querer competir: sempre vai haver uma bonitinha na esquina." É, mas, aos 39 anos, Madonna não perde o pique. Já engatilhou disco, turnê e filmes – tudo para o ano que vem. O novo CD está sendo gravado num estúdio em Los Angeles e, segundo sua gravadora, sai em fevereiro. Muito antes disso, porém, ela adiantou a faixa "Candy Perfume Girl" no desfile *début* da estilista Donatella Versace, irmã do falecido Gianni. Lançado o disco, o passo seguinte será gravar outro musical, desta vez com Goldie Hawn. Enquanto isso, ataca de produtora e manda ver na adaptação do livro *Going Down* – que conta a história de uma estudante de arte que vira prostituta de luxo para bancar os estudos – para o cinema. No segundo semestre, Mamadonna garante que sai em turnê mundial. Ufa!

"Marianne Faithfull é a primeira mulher a cantar no Metallica. Depois do Kirk, é claro..."

James Hetfield falando de *Re-Load* e sacaneando o parceiro e guitarrista Kirk Hammet

NA COLA DO MALUCO

O Cidade Negra está fazendo o maior segredo... Mas, na moita, prepara um álbum inteirinho de dub, aquele som psicodélico que só jamaicano consegue fazer. Ainda não se sabe se o disco vai conter canções novas ou apenas versões dos maiores sucessos da banda, mas o time escolhido para participar do projeto é de primeira. As seguintes feras já confirmaram presença: Mad Professor, colaborador ativo do Massive Attack; Drummie Zeb, baterista do Aswad e "enfortador" de canções, e Sly Dunbar, um dos maiores produtores da história do reggae. Nelson Meirelles, o homem que descobriu o Cidade, também faz parte do escrete, que pode contar ainda com a presença do Pelé do dub.

O doidão Lee Perry já foi contactado. "O problema é a mulher do cara. Ela paga o dobro para ele não sair de casa", confessa Leninha Brandão, empresária do Cidade.

Da Gama, Bino, Lazão e Toni: à espera de Lee Perry, a maior sumidade em dub do planeta

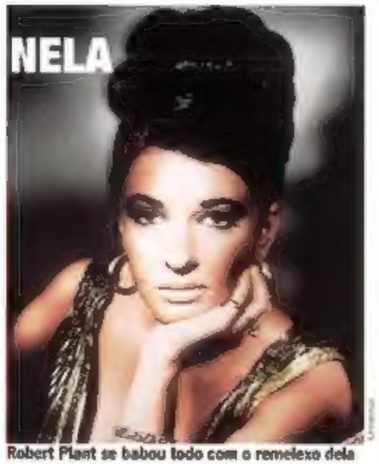
ETs DE COPACABANA

Seres de aparência estranha invadem praia carioca. Especula-se que vieram de Minas...

Em nome da arte, neguinho se pinta até de azul. Foi assim com Samuel, Henrique, Leto e Haroldo durante a gravação do novo clipe, "Poconé", dirigido por Gringo Cardia. Os skankinhos foram transformados em [illegible] estúdio no Rio. Até aí, tudo bem... Só que, depois, os ETs mineirinhos aproveitaram para dar um rolé por Copacabana. Causaram impacto. Apesar de o bairro ser povoado por uma fauna bizarra, ninguém ali tinha se deparado com seres daquela espécie antes. As reações foram variadíssimas: a mais inusitada foi a de um turista espanhol vestindo a camisa canarinho. "Vocês vieram conquistar o planeta?", perguntou o gringo (não o Cardia). Ao que parece, sim. (Giovana Hallack)

TEM ZEPPELIN DE OLHO NELA

Balim-balim! **Natacha Atlas**, a cantora de origem egípcia que mandou bem (mas maneirou sua famosa performance na dança do ventre) na última edição do Free Jazz, vai trinar no novo disco de Robert Plant e Jimmy Page. Não é de hoje que Plant está de olho no umbigo dela. Em junho deste ano o ex-*zeppelin* foi visto aplicando olhares gulosos num show da moça e, segundo Dani, tio da cantora que mora no Brasil, teria aliciado sua sobrinha para que ela participasse do disco, quando Natacha estava por aqui. Com produção de Steve Albini, o álbum sai no começo de 1998.



Robert Plant se babou todo com o remelexo dela

BALEIA ASSASSINA

Mate sua sede de notícias sobre o querido ohn Axl Rose. Kevin Estrada, fotógrafo americano, encontrou com o popstar numa festinha no House Of Blues de Los Angeles: "Fiquei impressionado. Ele está horrível... Inchadão, abando, parece ter engordado uns 2 0 quilos", conta. Se o carpinha malhado se for, a falta de educação continua a mesma. Axl quis dar porrada no fotógrafo assim que a sujeira mencionou colocar a câmera em ação... Detalhe: o cara é amigo do empresário de Axl...

Pearl Jam sai do saco

Alegre-se... Papai Noel pode trazer um Pearl Jam novinho pra você. Segundo a revista inglesa *Kerrang!*, o próximo single do grupo pode ser lançado até o final do mês, extraído do novo álbum *Yield*, que deve sair dia 2 de fevereiro. Em entrevista à MTV americana, o guitarrista Stone Gossard foi curto e grosso: "É puro rock!" O também guitarrista Mike McCready foi mais longe: "O disco extrapola em relação a *No Code*. Às vezes Eddie *(Vedder)* parece cantar como Jello Biafra". Ao contrário do que rolou em *No Code*, assim que o álbum estiver nas lojas, o grupo encara uma turnê de cinqüenta shows pelos EUA. Um passarinho piou aqui na Redação que a estréia será no Havaí.

Eddie extrapola no novo disco, que sai em fevereiro

ALIEN

NOTÍCIAS DE OUTROS MUNDOS

Aula de sacanagem

Ah, o Congresso americano, provavelmente, nunca viveu período tão feliz... Culpa de Larry Flynt, o depravado criador da revista pornô *Hustler*, cuja vida foi contada no filme que revelou Courtney Love como boa (muito boa, aliás) atriz. Há um mês, o sacana aprontou mais uma das suas e distribuiu assinaturas da publicação para todos os parlamentares e algumas figuras da Casa Branca. Nem o presidente Bill Clinton escapou. Junto com os exemplares, enviou uma carta na qual diz já saber o quanto os congressistas gostam do humor, do jornalismo investigativo e do sexo depravado da *Hustler*. Diz também que o povo americano ficará muito feliz ao saber que gente tão importante compartilha do gosto pela fina pornografia.

Animaal!

Já deve ter nerd com o dedo coçando. Acaba de ser lançada a segunda versão do Quake, aquele game no qual nequinho passa as madrugadas se degladiando pela Internet. O objetivo ainda é exterminar monstrengos e recuperar tesouros, só que agora com mais segredinhos – entre elas uma batalha no meio de um vendaval.

Pânico outra vez

Uma estudante (a atriz Neve Campbell) vai para a faculdade e dá de cara com um assassino serial que sabe de cor e salteado como aterrorizar e matar meninhas. Isto é *Scream 2*, a continuação do melhor thriller de 1996. Sim, senhor, rola sangue de montão... Mas também tem um roteiro inteligente, como só o diretor Wes Craven (o mesmo de *A Hora do Pesadelo*) sabe fazer. Chega a dar água na boca... Ah, Courteney Cox, aquela belezinha do seriado *Friends*, está no elenco.

Vida em PopMart

Rastreando o U2, enquanto seu Bono não vem

"Que você nunca encontre o que está procurando"

(Patti Smith tira um sarro de "I'm Still Haven't Found What I'm Looking For", do U2)

ALEGRIA DO BORRACHEIRO

No ano que vem, Bono Vox vai estar na borracharia mais próxima de você. O cantor do U2 foi uma das personalidades clicadas para o calendário da Pirelli de 1998. Mas, calma, meninas: Bono não está peladão. "São apenas retratos. Ele ficou muito gostoso", baba Lisa Needham, porta-voz da Pirelli. Bono aparece em close, com seus indefectíveis óculos escuros e cigarro na mão. Bruce Weber, o responsável pelo trabalho de lambe-lambe (e que também já cuidou de Madonna), ainda clicou figurinhas do mundo pop, como Ewan McGregor, Daryl Hannah, Milla Jovovich, e o surfista Kelly Slater.

Bono Vox virou modelo de borracharias, mas levou um chega pra lá de Patti Smith

" 'MoFo' é o principal motivo de eu sair de casa para tocar. Aquela canção é animal, eu sinto que minha vida inteira está dentro dela" **Bono**

COMIGO NÃO, VIOLÃO

A cantora Patti Smith espinafrou Bono Vox durante uma entrega de prêmios em Londres. O vocalista aparecia em depoimento filmado, em que louvava as qualidades de sua musa inspiradora – o primeiro disco que o pirralho Hewson comprou na vida foi *Horses*, de Smith. Bono se referia a Smith como "irmã e amante". A poetisa não entendeu a homenagem e sapecou: "Eu não sou sua namorada, Bono, meta-se com seu próprio trabalho. E tem mais: vá se f****!" Chique, não?

19 mil reais

foi a quantia que o U2 doou para a War Child, entidade que cuida das crianças carentes da Bósnia.

SEGURA NA MÃO DE DEUS

"If God Would Send His Angels" é o próximo single do U2. A banda já preparou o clipe da música, por sinal uma das mais lindas do álbum *Pop*. O vídeo foi gravado em Detroit, num restaurante chamado Hi-Liter.

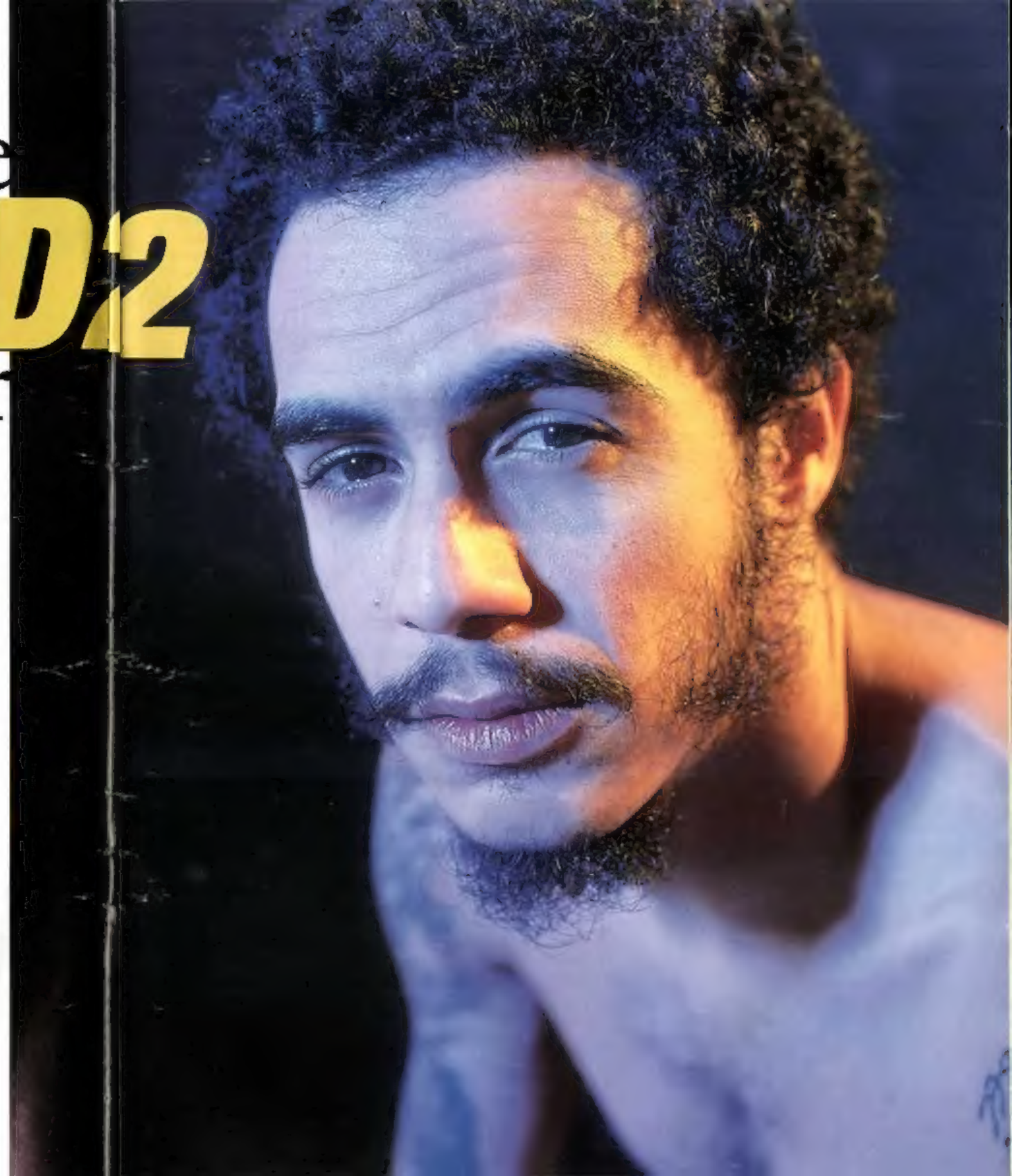
O single da canção deverá vir com um bônus extra para as pistas: dois remixes de "MoFo", um deles a cargo de Fatboy Slim, a mais nova sensação da turma do drum'n'bass.

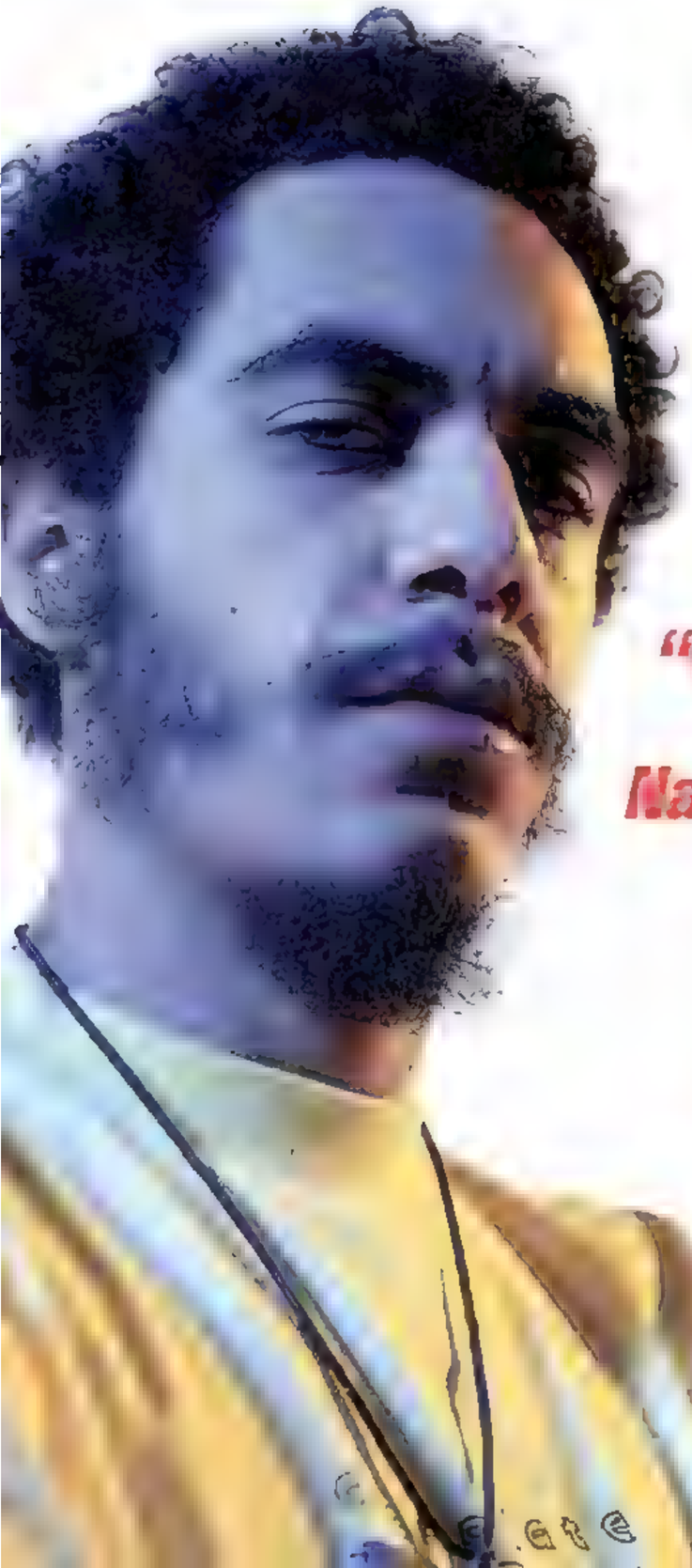
A história que Marcelo D2 tem para contar

por PEDRO SÓ fotos RUI MENDES

De camelô a ídolo nacional, a vida do líder do Planet Hemp

Stephan fazia 6 anos naquele domingo e a notícia chegou pelo telefone. O pai não viria à festinha. "Eu estava trabalhando e aconteceu um equívoco, filho. Estou preso..." De Brasília, o músico Marcelo Maldonado, 30 anos, tentou explicar por que, pela primeira vez na vida, não iria passar o aniversário abraçando o garoto. Tinha sido algemado e encarcerado na Coordenação de Polícia Especializada às 3 horas da madrugada de 9 de novembro, em Brasília, logo depois de um show no Minas Tênis Clube. Ele e mais Joel Oliveira Júnior, Wagner José Duarte Teixeira, Gustavo de Almeida Ribeiro, José Henrique Castanho de Godoy Pinheiro e Eduardo da Silva Vitória, colegas e amigos do grupo Planet Hemp, foram presos em flagrante, acusados de fazer em suas músicas apologia do uso de drogas – crime previsto no artigo 12 da Lei de Entorpecentes, inafiançável, com pena de três a quinze anos de prisão. »





Stephan chorou. No dia seguinte, não quis ir à escola. Depois... "Entendeu bem, ficou na boa. O moleque já está cascudo com essas paradas", conta Marcelo, já em liberdade.

Assim como o pequeno Stephan, Marcelo Maldonado Gomes Peixoto é um cara cascudo. Seu jeito de cantar costuma ser definido como uma atualização da famosa malandragem carioca. Mas a malandragem que o Rio e o Brasil permutem para quem nasceu nas últimas três décadas não tem nada do glamour original. D2 trabalha desde os 13 anos. Foi entregador de jornal, office-boy, porteiro, servente de botequim, vendedor de loja de móveis, camelô, faxineiro de uma casa de shows subunderground... Casou cedo, com 19 anos, serviu no Exército, já foi assaltado dentro de um ônibus no Estácio [ora, veja!] e parou de beber cachaça antes de completar 30 anos.

Num bar do Catete, bairro classe média baixa do Rio, onde morou a maior parte da sua vida adulta, ele bebeu meia-dúzia de cervejas

"O cara pegou um caco do vidro do ônibus pra me cortar a cara. Na hora H, resolveu ir na perna"

com SHOWBIZZ e contou sua história. Uma narrativa que resvala toda hora em samba, futebol, droga e delinqüência, quatro assuntos que, queiram ou não, estão no cotidiano da maior parte dos jovens brasileiros.

Os pais se conheceram no trabalho, numa fábrica de tecidos. Dark Gomes Peixoto ("Ia ser Joana D'Arc e nasceu homem", conta Marcelo, sem rir) era o chefe do departamento de pessoal. A mãe era costureira. A cegonha poderia ter deixado o rapper em Madureira, onde morava o casal, mas dona Paulete preferiu dar à luz num hospital em São Cristóvão. Em 1967 nascer em casa, nem filho de pobre.

Suburbano de pai e mãe (Dark nasceu na Abolição; Paulete é de Padre Miguel), o garoto cresceu em Maria da Graça. Aos 9 anos, porém, foi morar no Andaraí, nome que hoje costuma aparecer nos jornais quando o traficante Café, cacique local, bate de frente com a PM. Em outubro, três pessoas morreram e três garotos de 15 anos foram feridos ali em tiroteio. Em setembro, uma bala perdida matou um office-boy que prestava serviços à sucursal da *Folha de S.Paulo*.

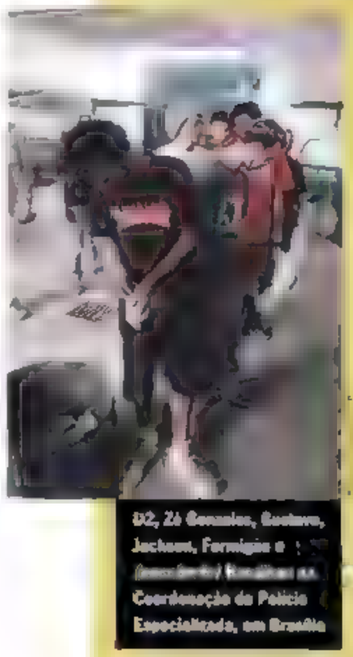
Marcelo não foi morar no morro – sua casa ficava no asfalto – e nunca passou fome, mas é a vizinho da marginalidade. Precisou aprender rápido algumas lições. "Eu já tinha vivido ali até os 4 anos." Mas, quando voltei, aos 9, não conhecia mais ninguém. Minha mãe me mandou ir à padaria. Ia voltando com um saco de leite, os moleques da rua me agarraram, queriam 'meter' [*roubar*] o leite. Saí correndo, me agarraram, um fava com um canivete e cortou meu peito." A cicatriz está lá ainda, perto duma tatuagem com o nome de Stephan feita em Caxias, Grande Rio.

Dona Paulete foi falar com a dona do menino que agrediu seu filho. "A gente passou a jogar bola juntos e ficamos amigos", completa Marcelo. Boa praça e com jeito para o futebol, o garoto conseguiu se impor. Ficou abusado, até. "Fui o mó brigão, cara. Sempre magrinho, mas eu batia forte e saía correndo." Tirado a valente, o rapazote arisco por pouco não ficou cego. "O 454, Grajaú–Leblon, era o ônibus da porra da. Indo para a praia, a galera do Andaraí entrava antes. Quando passava no Estácio, subia outra galera tocando o terror. Uma vez, tava eu e um camarada, o Gaguinho. Entrou aquele mulão' (*bando grande*) já metendo a porrada. Quebraram o vidro do ônibus, um cara pegou um cacão e quis me cortar na cara. Me lembro bem da cena, eu cai sentado e na hora H o cara resolveu me cortar só na perna.

Marcelo quebrou catorze vezes a cabeça – a maior parte delas andando de skate. Roubou umas outras tantas. "Diversão de guri. Saía de casa e ficava metendo o dia todo. Sapasso. Lojas Americanas, C&A... Saía do chinelo, voltava de tênis e mochila nas costas. Minha mãe só perguntava: 'Onde foi que você arranjou isso?' Mãe é aquela coisa, acha que 'não, meu filho não faz essas coisas'. Contada, santa! Me batia pra c***, metia a porrada... Paulete, gente boa, mó sossegada.

O bom filho fala sem ironia. Sabe que mereceu cada bordoada. Estrutura familiar pelo menos naquela época, não faltava. Os pais, zelosos, não deixavam Marcelinho ir aos cultos de umbanda que frequentavam. "Minha irmã Carla [*seis anos mais nova*] uma vez viu a mãe pegar »

Memórias do carcere



D2, Zé Gonzales, Gustavo, Jackson, Formiga e [illegible] na Coordenação de Polícia Especializada, em Brasília

Os músicos do Planet Hemp passaram 109 horas presos. Eles foram transferidos da Coordenação da Polícia Especializada para o Complexo Penitenciário da Papuda, mas ficaram o tempo todo numa cela separada, só os seis. O clima pesou em certos momentos, claro. Não faltou um carcereiro na CPE para dizer que eles seriam separados e alojados junto com condenados de alta periculosidade e insaciável curiosidade sexual.

No terceiro dia, bateu um desespero. O *Jornal Nacional*, que vinha dando boa cobertura ao caso, não deu nenhum segundo. "Fudeu, mano! Eles vão esquecer da gente aqui!" desanimou Marcelo. O deputado federal Fernando Gabeira (PV-RJ), que havia voado do Rio para a delegacia de Brasília assim que a banda ligou pedindo ajuda, aconselhou-os a manter a calma.

Jackson (Eduardo Vilona), 20 anos (entrou há dois meses, no lugar de Rafael, que saiu para se dedicar a seu selo Spicy e à uma nova banda, Again), caçula da banda, chegou a dizer que, se tivesse de ficar preso quinze anos, iria se matar. Foi o suficiente para ser sacaneado pelos colegas, que inventaram até uma musiquinha, "Maria Cantinho", ironizando a posição defensiva que ele escolheu para dormir (com as costas apoiadas na parede, num canto da cela).

Marcelo e Gustavo fizeram várias composições no cárcere. Nada publicável. "A gente zoou muito um com o outro." O chuveiro ruim, de onda babava apenas um fiozinho d'água, dificultou bastante a higiene. Mas os amigos riam da situação trocando acusações sobre quem exalava os piores azedumes. Os outros presos, cuja área de banho de sol era bem em frente à cela que hospedou o Planet, cantaram músicas do grupo, berraram e fizeram festa todas as manhãs.

Antes da libertação, mediante um *habeas-corpus* provisório, o delegado mandou comprar pastéis para os seis e pediu autógrafos. "Assinamos até na pasta do processo. Ali onde se lia 'comportamento: bom'", conta Bacalhau (Wagner Teixeira), orgulhoso. Sem medo de soar ridículo e sem oba-oba, Marcelo encerrou a entrevista coletiva pós-soltura (apelidada por amigos da banda como Memórias do Cárcere), no Hotel Glória, dizendo: "É difícil ser Planet Hemp, mas é divertido".

santo e ficou traumatizada. Então eu só podia ir no Dia da Criança. Meu pai me botava em pé em cima dum banco e eu ficava lá, 7 anos, batucando feito um doido."

Seu Dark chegou a passar um ano desempregado, mas nunca faltou um ovinho, um arroz com feijão para o jantar. Num Natal mais pobre, ele inventou brinquedos de papel para Marcelo e a irmã. Em épocas boas, fazia questão de passar para o filho o amor por sua escola de samba. "Até os 9 anos, fui mangueirense. Depois, comecei a ir muito a Padre Miguel, na casa da minha avó, e virei casaca. Era a época da bateria do Mestre André, pô!"

Mais que qualquer batucumbum, importava a farra: sair nos blocos de clóvis fazendo arruaça pela rua e chegar em casa com o dia clareando, glória máxima para um pivetinho de 11 anos. "A gente andava por todo Realengo, Bangu, e só voltava às 6 da manhã."

Também era de lei para papai Dark levar o garoto ao Maracanã para ver o Flamengo. Bom de bola, Marcelo, claro, idolatrava Zico acima de qualquer entidade religiosa. Quando resolveu enveredar por outro ramo da pivetagem, a pichação, quis homenagear o craque. Na estreia pelos muros, porém, uma "sujada" inoportuna o impediu de concluir o serviço. Acabou ficando conhecido no bairro como Zic.

A empolgação com os sprays de tinta bateu de frente com o desinteresse pelo estudo. "Estudava na Escola Municipal Panamá, no Grajaú, e a galera do Andaraí tocava o terror. Um dia a gente pichou todas as paredes do colégio. Só que eu pichei o meu nome e a minha turma: Marcelo da 501. Fui expulso. Até a 6ª série ainda fui bom aluno. Aí comecei a zoar o barraco, foi quando meus pais se separaram."

Cada vez mais delinquente, ele tinha lá seus limites éticos. "Nunca 'meti' nada de neguinho. Andava com um moleque que tinha uma onda de parar os outros na rua assim: 'Me dá o relógio!' A gente combinava: 'Vamos lanchar no McDonald's?' E ele virava pro lado e gritava para alguém: 'Ô, vem cá, dá um dinheiro aí!' Eu não gostava daquilo, ficava com pena."

Zic tentava conciliar atividades delituosas com o lado artístico incipiente. "Uma vez, [illegible] supermercado Carrefour, na Barra. Lembro bem estava tocando "Beat It", do Michael Jackson (*in sozinho!*). A gente entrou, pegou uma camisa, escondi na calça. Falei pro Peixe, meu amigo, que estava com uma mochila: 'Com essa cara de neguinho' – ele era bem escuro – 'vão te dar uma dura com certeza'. Travaram ele e eu fui saindo de costas, dançando que nem o Michael Jackson. O segurança – VUM! – me deu um tapa. Nos fez tirar a calça, pegou a camisa e começou a dar cascudo. A gente gritava, 'Ai ai, moço, ai ai, moço'."

Com 13 anos, Marcelo ficava até 72 horas sem aparecer em casa. "Um dia, meu pai nem morava mais com minha mãe, eu cheguei em casa e ele tava lá. 'Tu é homem já, fica cheirando essas coisas, fumando esses negócios, bebendo cachaça...' BUM! Me deu um socão na cara. 'Só vou te bater como homem, não vou te bater como pai. Você está zoando o barraco da sua mãe!' Ele nunca tinha subido me bater. Mas eu achava que era homem e andava na bandidagem, foi muito justo."

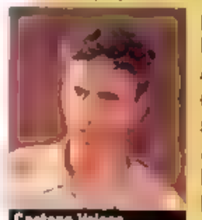
Mais ou menos por aí foi que o garoto começou a se entender. E a trabalhar. Entregador de jornais, porteiro, office-boy, montador de decoração nos camarotes do Sambódromo. Quando a mãe se casou de novo, brigou com o padrasto e saiu de casa. "Coisa de moleque. Hoje me dou superbem com ele." Marcelo foi morar no Catete, junto com o pai. Uma saída estratégica, já que boa parte dos moleques da idade dele estava virando traficante. "Só porque estava no sufoco, tá [illegible], do? Você vai ficar homem mais adolescente mais homem é foda. Um colega meu morreu. Aí diziam: 'Ih, caralho, morreu o primeiro'. Depois foi outro, irmão desse camarada meu, o Peixe, que era meu melhor amigo. Aliás, ele também esteve preso.

Se Marcelo chegou a fazer aviãozinho? Todo mundo fazia. Eu morava no último número da Rua Paula Brito. Quando acaba o asfalto, vira paralelepípedo, tem uma curva, e a subida do morro, a escadinha. Eu morava no pé da escadinha. A gente ficava jogando bola ali, sempre chegava uma galera de carro. »

"Meu pai me deu um socão na cara: 'Vou te bater como homem. Você está zoando o barraco da sua mãe!' Foi justo."

Essa tal liberdade

A prisão dos músicos do Planet Hemp por apologia das drogas causou uma onda de indignação no Brasil. Antes de qualquer discussão a respeito da legalização da maconha, a classe artística, em particular, mobilizou-se para protestar contra o ato que tolhe a liberdade de expressão, garantida pelo Artigo 5 da Constituição. "Isso mostra o quanto a democracia é frágil no nosso país", disse Djavan ao jornal *O Globo*, resumindo o sentimento geral. Gilberto Gil, Marisa Monte, Roberto Frejat, Herbert Vianna, Fernanda Abreu, Tony Garrido, Arnaldo Antunes, Lenine, Cássia Eller, entre outros, saíram em defesa do grupo carioca e de seu direito de cantar o que pensa. "Isso também poderia ter acontecido com outros artistas", acredita D2. Assim, pipocaram atos de protesto e até um debate, que reuniu, além de cantores, personalidades como Astrid Fontenelle, Antonio Cícero e Waly Salomão e políticos como Fernando Gabeira. "Ele foi nosso camarada, agiu como irmão", agradeceu D2.


Caetano Veloso

Fernando Gabeira

Fernanda Abreu

Marisa Monte

"Comprei um LP com 'Love Me Tender' e minha mina me esculachou: 'Como é que você gasta dinheiro com disco?'"

A gente falava: 'Quer que eu vá lá?' Aí, subia e pegava a parada pro cara. Depois, ficando mais velho, já aprendia a malhar."

No Catete, longe disso, o problema era outro: dividir uma quitinete com o pai e uma amiga do pai. "Eu com 14 anos, mó treta. Tirava o tênis e era aquele chulé (*risos*). A mulher reclamava demais." Marcelo morava ali apenas oficialmente, vivia na casa de amigos. "Deixava a roupa lá, ficava um semana sumido." Com o tempo, parou de pichar, serviu no Exército, arrumou um emprego estável como vendedor numa loja de móveis ali no bairro. E se casou.

Assim mesmo, sem preliminares. "A gente não namorou, casou logo. Ela namorava um camarada meu. No Carnaval, nos cruzamos na rua, chamei, 'vem fazer um rango lá em casa', ela foi e ficou. A Sônia tinha 16 anos, três a menos que eu. Foi paixão mesmo, o Stephan só foi pintar cinco anos depois."

A crise apertou e o rapaz esforçado da loja de móveis nunca era esforçado o bastante. "Fui ver *Coração Selvagem*, do David Lynch, saí amarradão. O cara do filme cantava Elvis e eu era apaixonado pela minha mina. Comprei um disco com "Love Me Tender" e cheguei em casa, ela me esculachou. Como que eu gastava dinheiro com disco?"

Parentes de Sonia tinham uma loja de cosméticos no interior do Paraná e o casal embarcou numa aventura. Foi morar em Maringá. "Eu ganhava um salário mínimo, ela ganhava outro." Não funcionou. De volta ao Rio, o Planet Hemp entrou na vida de Marcelo para mudá-la de vez.

Um encontro casual entre dois "maluquinhos" nas ruas do Catete foi a semente do grupo. D2 passou com uma T-shirt do Dead Kennedys e Luis Antônio, o Skunk, vendedor e artesão de camisetas de rock, saudou: "Ai, você gosta de Dead Kennedys? Então toma essa fita aqui". Era um cassete de uma banda obscura chamada Dread Flintstones. "Amanhã você me devolve."

Desse diálogo nada-com-nada nasceram uma amizade e uma vocação. "O Skunk falava de música o tempo todo. Me levou na Rua 13 de Maio (*rua do Centro do Rio onde se reúnem camelôs de discos*), conheci a galera lá, me mostrou uns sons, botou pilha. Aí eu resolvi: 'Ah, vou ser vagabundo, quero ser músico!' ", lembra Marcelo, que antes virou camelô de camisetas de rock.

Na verdade – dita de forma bombástica –, a banda não era pra ser de rap, era uma banda de rock. Mas nós dois não sabíamos tocar porra nenhuma e queríamos cantar." O nome foi tirado das páginas da revista americana *High Times*, especializada em cannabicultura (e que, por sinal, entrevistou o grupo depois do episódio da prisão). Skunk tinha idéia de fazer letras em inglês, "como era a onda na época" (1992), mas D2 exigiu o português. "Ia gosto de usar tênis importado e camisa do Mengão, gosto de um pagodinho, de fazer hip hop falando 'cumpadi', tá ligado? Não posso esconder que gosto de Beth Carvalho."

No Garage, adorável pardieiro do underground carioca, Marcelo ia vender camisetas. E acabava ficando. "Eu estava me separando na época, dormia quase sempre por lá." As andanças pela Lapa e os hectolitros de »

Bacalhau, Formigão, D2, Rafael e o falecido Skunk, no começo da carreira, em 1993

Perseguição implacável

Outubro/1995
Em Goiânia, o show do grupo é cancelado, o promotor do evento é preso e o material promocional é apreendido pela polícia da cidade.

Julho/1996
O promotor do show é preso em Vitória. Em Salvador, 62 pessoas são detidas, com novos shows cancelados.

Outubro/1996
150 CDs vão parar nas mãos das "autoridades competentes" de Brasília, que proíbem mais um show.

Março/1997
O delegado Osmar Tadeu Cardoso proíbe a realização do show do Planet em Curitiba, alegando que o próprio nome do grupo define a "criminosa apologia".

Julho/1997
Em Salvador, o delegado Itamir Casal, titular da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes, requer da juíza Daisy Lago Ribeiro Coelho medida cautelar para impedir duas apresentações do grupo.

Outubro/1997
O juiz Ailton Augusto dos Santos autoriza evento programado com o Planet Hemp em Duque de Caxias. Cinco horas antes, cancela o show. No dia seguinte, o presidente da Sociedade Hípica Brasileira do Rio vetou uma apresentação por considerar que o grupo fazia propaganda de drogas.

Novembro/1997
Em 7 de novembro, o juiz Eli Lucas de Mendonça meia o show de Belo Horizonte para "impedir a difusão de prática de crime definido pela Lei 6 368/76". A banda foi levada à delegacia e liberada após cinco horas.

No dia 9, um flagrante armado pela Polícia Civil do Distrito Federal no show de Brasília – baseado num gravador de som e duas câmaras de vídeo – conseguiu finalmente encarcerar os seis integrantes do Planet, que ficaram detidos até o dia 13.

goro servidos com Skunk e amigos como Jorge Beatnik, Carlos Rasta e o lendário artista plástico Tantao (ex-Black Future, mitológica banda carioca dos anos 80) sedimentaram os conceitos que o Planet desenvolveria depois, com a entrada do guitarrista Rafael, do baixista Formigão – outro herói de inúmeras formações punks e subs – e do baterista Bacalhau. "Dinheiro não importava. A gente tomava cachaça e discutia política, todos os assuntos."

Antes de fundar a banda, Skunk já sabia que estava com Aids. "A gente trabalhava na mesma barraca como camelô. Ele começou a ficar doente e a madrasta dele falou: 'Tô com medo que seja Aids.' Eu falei que ia com ele pegar o teste. Ele não me deixou, foi sozinho e disse que estava tudo certo. Eu entendo, ele não falou por medo do preconceito contra a doença. Era meu melhor amigo, tinha um certo lado homossexual, assim, devasso. Homem mulher, para ele não tinha parada, o negócio era sexo. A gente viajava pra São Paulo e ficava zoando ele doente: 'Vai morrer, filha da p***! Num se cuida!' Quando o Planet começou a crescer e a gente passou duas semanas viajando, voltei e fui ver o cara. C***! Nesse dia tive de levá-lo no banheiro andar a se vestir... Saí arrasado. Eu tinha brigado, de sair na mão, com varias pessoas que falavam que ele tava com Aids."

A morte de Skunk quase podou o Planeta Canhamo. "A gente pensou em acabar, tinha negociando todo ensaio. Aí, um mês depois da morte dele, 8 de julho de 1994, estava marcado um show em BH. Pensamos: o Rafael é musico por escolha, vem de uma classe mais alta, o Bacalhau estudava Administração... mas o que é que eu e o Formigao vamos fazer da vida? Resolvemos continuar para, pelo menos, gravar um disco em homenagem ao Skunk."

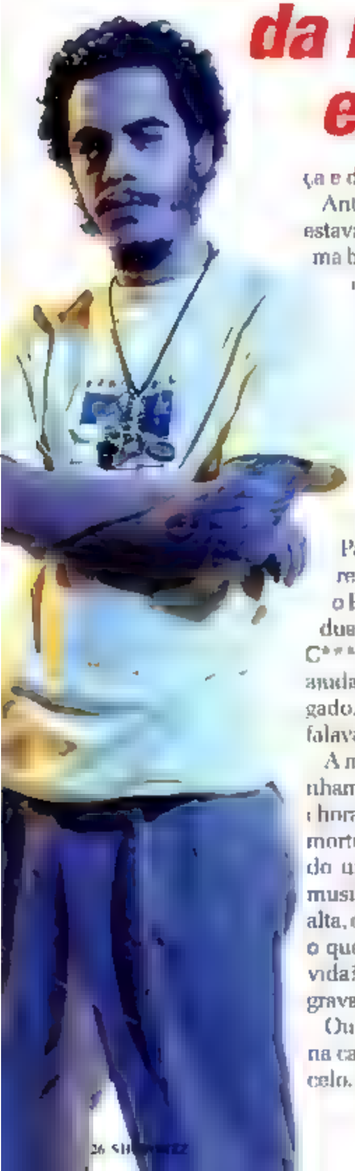
Outro episódio marcou um rito de passagem na carreira do Planet Hemp e na vida de Marcelo. Já de contrato assinado com a Sony, gravando o primeiro disco, o vocalista se envolveu numa confusão após um show no Circo Voador. "A gente estava tocando de graça, abrindo para o DeFalla. Os seguranças meteram porrada no Ronaldo *(Pereira, produtor da banda* planet *honorario)*, deixaram a cara dele deformada. Eu tava bebum, fui pro caixa, joguei o dinheiro todo da bilheteria pro alto. Me seguraram, eu fui dar um bico num segurança e acertei um vidro blindex. Foi sinistro. Rompi tendão, ligamentos, artérias... Desmaiei, perdi um terço do meu sangue, tomei 135 pontos, operei, um terror. Depois dessa, sosseguei. Foi a última vez que bebi cachaça."

Era o fim de uma era. "Eu tinha andado numa onda de 'vou virar vagabundo, não quero trabalhar'. Mendigão mesmo, tomava a sopa que distribuem na sede do Banco do Brasil, na Lapa. Minha mãe me chamou e falou que o pai-de-santo dela pedia para eu parar de beber cachaça. Daí... eu parei e comecei a tomar um rumo, as coisas foram dando certo..."

Hoje, casado de novo – com Manuela Cruz, 19 anos, carinha de menina e cabelos verdes – Marcelo mora num apartamento alugado no Jardim Botânico, mas quer voltar para o Catete, "onde as pessoas são menos robóticas". Assim que saiu da prisão, alem do filho (que foi visitar na casa da ex, no dia seguinte), sua grande preocupação era o pai. Dark está com câncer no pulmão. "Eu sou o filho mais velho, tenho que segurar a onda da família. Da minha irmã que é mais nova, da minha mãe... Tenho que falar pro meu pai que ele vai ficar na boa. Mas é logico que eu choro pra caralho sozinho."

As barras-pesadas todas foram transformadas em força para o grupo prosseguir. "Ha quem pense que o Planet é uma banda do mal. Ha quem goste de tomar uma cerveja ou de fumar um baseado. O Planet não é demônio nem anjo. A gente é apenas uma banda que faz a moleca da pensar. Eu estou preocupado em criar um filho e em ter uma carreira. Quero que o Stephan possa escolher o futuro dele."

"Eu andava mendigão, tomava sopão de graça, e o pai-de-santo da minha mãe pediu que eu parasse com a cachaça"



AGORA VOCÊ PODE MEDIR A CARGA DA SUA PILHA QUANDO QUISER, ONDE BEM ENTENDER.

Nova Duracell PowerCheck
A única com medidor de carga na própria pilha.

DURACELL POWERCHECK
A PILHA MAIS AVANÇADA DO MUNDO.

Pai de Renato Russo diz que o cantor buscava explicar

"a FÚRIA do mundo"

No Segundo Caderno do jornal *O Globo*, o jornalista e crítico Antonio Carlos Miguel descreveu bem o clima da apresentação oficial à imprensa de *O Último Solo*, na sede carioca da EMI: "Os diretores da gravadora pareciam estar cheios de dedos, temendo ser acusados de mercenários". Excesso de escrúpulo, já que a qualidade do trabalho invalida eventuais acusações de oportunismo. Entretanto, naque e 10 de novembro exato dia em que o governo estava zando o selo de maldades em cima da classe média, a ideia de lançar logo o álbum (inicialmente previsto para março) assumiu sua face mercadológica. "1998 é ano de Copa do Mundo, o disco poderia sofrer na época complicada", justificou João Augusto, vice-presidente artístico da EMI.

Sério, de franqueza q e rude mas extremamente cativante, Renato Manfredini, pai de Renato Russo, explicou o título que deu ao disco: "É *O Último Solo* porque ele não vai mais cantar. E também o solo de flores, que é onde ele escolheu ter as cinzas espalhadas". Manfredini foi contatado por candidatos a biógrafo do cantor, mas não se interessa em projetos do gênero.

Meu filho sempre disse que suas canções eram bem explicitas e que quem procurasse entendê-las não precisava saber da vida dele.

A família tem apenas planos desapressados de publicar um livro com as letras de Russo. "São umas 100 músicas gravadas e algumas inéditas. Por elas, dá para ter uma ideia de onde ele quer a chegar". Onde? "Na perfeição. Na explicação da fúria do mundo. Quem conheceu o Renato de perto, grande leitor e grande estudioso da cultura humanística, sabe que nas letras estão coisas que ele bebeu dos livros", revelou Manfredini, sem esconder o orgulho pela formação que proporcionou.

Neto de um imigrante (de Cremona, na Lombardia, norte da Itália) que veio para o Brasil em 1876, ele não evitou comentar a personalidade dita difícil" do filho. "Renato se dizia um lombardo, justificava assim parte do seu temperamento." Que parte? "A parte agressiva, a parte da teimosia. Era preciso ter tato com ele."

Co-piloto e produtor de Russo nos discos solo, o tecladista Carlos Trilha se permitiu mostrar mais emoção falando à SHOWBIZZ. Comentando sua faixa preferida, "The Dance", ele se flagrou com os olhos umedecidos e a voz embargada: "Aquele take foi o primeiro. Fico até arrepiado... ouvindo ele... Renato estava se emocionando com a própria música".

Para *The Stonewall Celebration Concert*, Trilha e Renato trabalharam em 48 músicas – ficaram 21. Em *Equilíbrio Distante* começaram de 21 músicas para chegar a treze. "Tudo que poderia ser lançado, porém, está aí", garantiu. Para ter uma ideia do que estamos perdendo, Trilha lembrou algumas das canções que ficaram apenas em ensaios. "Oh Pretty Woman" (Roy Orbison), "Stand By Me" (Ben E. King"), "Take A Bow" (Madonna), "Down So Long" (The Doors)... Aos inconformados, resta a fúria do mundo.

Na capa, *Flores*, quadro da irmã de Renato, Carmem Teresa

ÍDOLO NÃO ACREDITAVA EM ÍDOLOS

Na faixa em CD-ROM de O Último Solo, ele diz que heróis não existem

"Eu tento ser sincero, né, gente? Mas não quer dizer que eu sou verdadeiro em tudo. Eu gosto de deixar bem claro que são apenas canções. As pessoas começaram a confundir as minhas músicas com quem eu sou. E eu sinceramente não sei direito ainda quem eu sou. Tomo um certo cuidado pra me preservar e preservar o público, porque acredito que não existem heróis. Existem pessoas realmente espetaculares, espiritualizadas, religiosas, que são grandes modelos para a humanidade, mas, na verdade, todo mundo é igual. Eu não acredito que eu tenha uma verdade a mais e... Se a juventude cai nesse erro de acreditar que sim, inevitavelmente vai acabar descobrindo que o ídolo delas tem pés de barro."

EXCLUSIVO

A Hansonmania chega às bancas

- A história dos meninos que conquistaram o mundo
- A ficha completa dos irmãos
- Superpôster com fotos inéditas
- Segredos e muitas travessuras

SHOWBIZZ ESPECIAL

Spice Girls

- Entrevista exclusiva com a banda
- A história do sucesso
- Ficha de cada uma das pimentinhas

E mais:
Superpôster pra você

REVISTA Caricia ESPECIAL

Batumaré contra a maré

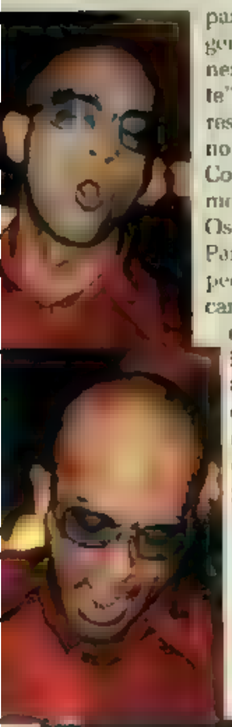
Herbert Vianna encara viagem acústica em seu segundo disco solo, *Santorini Blues*

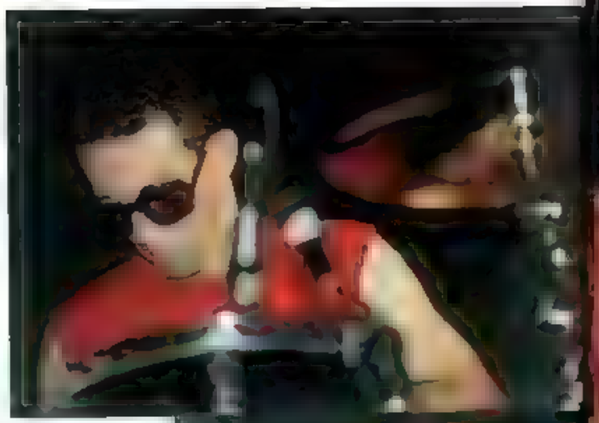
por PEDRO SO

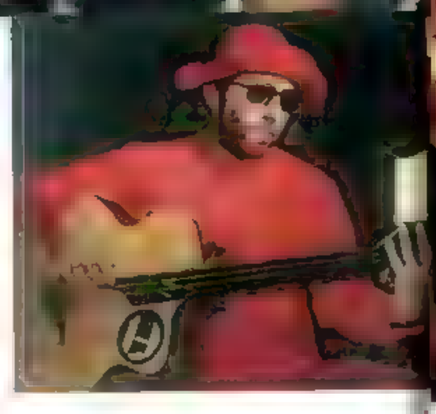
Herbert Vianna foi dar entrevista numa rádio em Santiago e jogaram-lhe um violão nas mãos, na base do "toca aí". Despreveniido, ele se inspirou na decupagem que Zizi Possi havia feito de "Meu Erro" e mandou "Dos Margaritas". A versão desplugadita virou hit no Chile. Mais tarde, em junho de 1996, o guitarrista do Paralamas do Sucesso aproveitou dois dias de folga em Los Angeles, nos intervalos dos trabalhos de *Nove Luas*, para se divertir num estúdio.

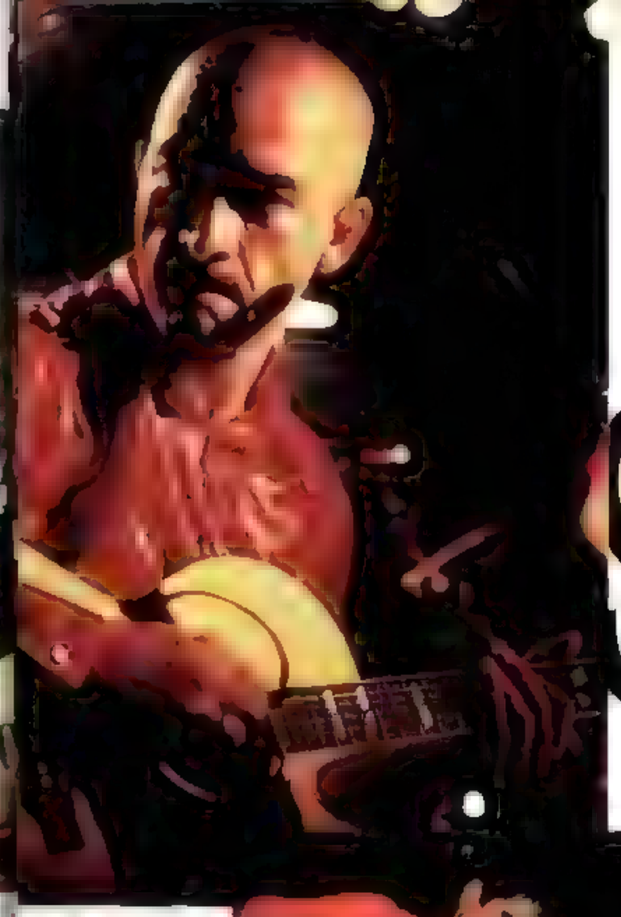
Coisa séria, bancada pela gravadora, o engenheiro contratado foi Jerry Napier (fera que trabalhou com Phil Spector e Neil Young), e entre os instrumentos alugados estava um violão Martin avaliado em 19 mil dólares. Em dois dias, Herbert tocou violão, guitarra, bandolim, baixo e pôs letra para sozinho aprontar uma fita com 29 minutos e dez músicas. »

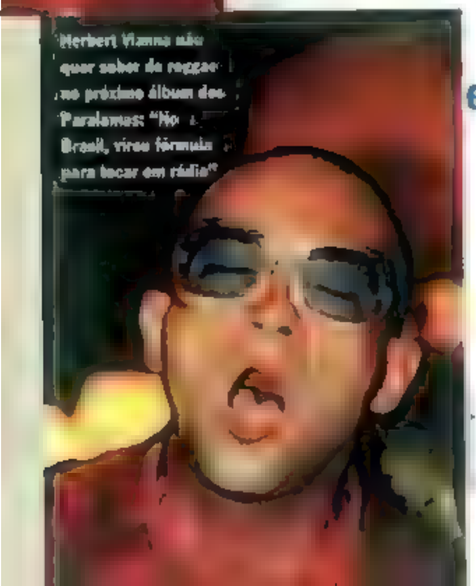
João e Bi ouviram e gostaram. George Israel, o mano Hermano e os *clipmakers* Roberto Berliner e Andrucha também, e botaram a pilha que tal lançar o negócio? Assim nasceu *Santorini Blues*, o despretensioso segundo álbum de Herbert Vianna que a EMI jogou nas lojas aproveitando para reeditar *É Batumaré* e estréia solo do paralama. "Esse disco saiu em 1993, num momento ruim para a economia e para a gente, muitos fãs nossos nem sabem que ele existe", justifica Herbert no restaurante Greek Corner no Hotel Rio Othon, em Copacabana. "Hoje estamos melhor no mercado. Os dois últimos discos do Paralamas foram os campeões de vendas da nossa carreira. Fizemos 15 anos e estamos aí para ficar. Na transição dos anos 80 para os 90, fomos declarados clinicamente mortos. Existem bandas cujo assunto se esgota em dois ou três discos. Nós, sem falsa modéstia, temos várias avenidas e a sorte de genuinamente gostarmos de estar juntos. Outro dia fomos os três, eu, Bi e João, domingo de manhã, degustar vinhos num lugar em São Paulo e encontramos o Bruno Mello. Ele ficou espantadíssimo."











Santorini Blues não tem blues, o nome é só uma referência aos estupefacientes azuis da paradisíaca ilha grega que Herbert andou visitando com a mulher, Lucy, e a prole, Luca (5 anos, homenageado em uma das canções do CD) e Hope (2 anos).

Foi um sonho esta viagem. Quando eu era moleque, estudava tudo da Grécia. Sabia muito, a ponto de a minha mãe querer me mandar para o Silvestre!", comemora o guitarrista.

Curiosamente, a faixa-título do disco não está no disco. "Fiz para a Hope e achei que se entrasse ia ficar fatal e demais", explica o pai-zão. A música sobrou para **o próximo álbum do Paralamas, que eles já estão gravando na casa do sampleiro Chico Neves, produtor de Fernanda Abreu e de Lenine e que sai em março, "muito rock e cheio de guitarras",** depois de uma boa garibada nos Real World Studios de Peter Gabriel, na Inglaterra.

Bem diferente de *Santorini Blues*, um trabalho praticamente acústico à base de cordas e pau. Aliás, a única referência grega do CD está nos seis (isso mesmo, seis!) bandolins que dão atrito à regravação de "Pólvora". O repertório inclui "Annie" (Eric Clapton), recém-descoberta, "Os Dias" e "Speed Racer" (de Herbert, Fernanda Abreu e Fabio Fonseca), "A Palavra Certa" (parceria com George Israel e Paula Toller).

Para quem canta mal como eu, é difícil ser intérprete." "O disco tem alguns erros, imperfeições na execução, é refrescante que seja assim." "É legal ouvir um som esquálido desses." Essas frases de Herbert, aparentemente autodetonadoras, dão a medida do quanto ele está a contra a maré e o *Santorini*. Deu-se às mil maravilhas com Jerry Napier, "um velho maluco com visual de Jerry Garcia" e gostou "dos equipamentos velhos de gravação e de locomoção... o cara tem uma Lotus 1951". "Não gosto de drum'n'bass. Prefiro Sly & Robbie. Acento umas limitações boas mas não corro atrás da novidade. A Lucy entra na salinha de casa e grita: 'Não é possível! É a Ivete assistindo pela 38ª vez ao *Anthology* dos Beatles. Dylan foi uma descoberta recente."

No disco dos Paralamas, não espere nada reggae. "Estamos propositalmente evitando o gênero. Nada contra ninguém, mas no Brasil, virou fórmula para tocar no rádio." Que não se pense, porém, que Herbert Vianna, 36 anos, virou um careta. Ouça essa: "Sou uma péssima influência para os irmãos da minha mulher. Depois que entrei para a família, meus cunhados ingleses todos passaram a se vestir de mulher, se beijar na boca e encher a cara".

João Barone (no alto, à esq.), Bi Ribeiro (acima, à esq.), Herbert Vianna (acima, à dir.) e Dado Villa-Lobos fazem versões alternativas com citações de Frankie Goes To Hollywood e cover dos Talking Heads

Paralamas da viola

Com Dado Villa-Lobos, o grupo faz versões acústicas de seus sucessos

Se o filósofo e puxador de samba da Mangueira Jamelão visse Herbert Vianna, sapecaria como fez com Bill Clinton: "O homem está feliz como pinto no lixo". Careca assumida e lustrosa, músicas fazendo sucesso com Gal Costa, Fernanda Abreu e todo mundo, Herbert pode até se dar ao luxo de montar um show acústico (mesmo com aquela voz que continua a mesma). E foi isso. Um show surpresa montado no palco do Hipódromo Up, uma minúscula casa noturna da Gávea, 12 de novembro. Os Paralamas do Sucesso, mais um belo time de sopradores liderado pelo trombone de Bidu Cordeiro, mais Eduardo Lira na percussão e mais, suspirem garotas, Dado Villa-Lobos tocando viola e violões. O pequeno palco tinha mais gente que os jogos do Fluminense. E o show foi de primeira divisão.

Herbert foi logo dizendo a que veio. No primeiro intervalo da canhona, um fã pediu "Vital E Sua moto". Herbert bateu lata: "Vital é o cacete". Os Paralamas não queriam o cardápio de sempre. E mandaram muito bem. Mesmo músicas conhecidas como "Fui Eu", "Lourinha" e "Vamo Batê Lata" ganharam arranjos diferentes. "Uns Dias", por exemplo, lembrava a gravação de "Kashmir" feita por Jimmy Page e Robert Plant em *No Quarter*, com um acento árabe definido pela batida de Barone e a percussão de Eduardo. Na platéia, a atriz Fernanda Torres se derreteu toda com "Um Amor", a linda música que Herbert compôs para Fernanda Abreu. O show foi indo, o guitarrista pedia garrafas de vinho Chardonnay, bebia no gargalo, não falava nada, em "Vamo Batê Lata" citou Frankie Goes To Hollywood ("Relax") e terminou o pequeno show com "Life During Wartime", dos Talking Heads. Mesmo cantando mal, o show foi uma delícia. Platéia de amigos, Dado se esforçando nas violas e pouca conversa. Apenas um grito de apoio aos meninos do Planet Hemp, que naquele dia viam o sol nascer quadrado em Brasília: "Não é prendendo cinco garotos que vão resolver o problema da droga no Brasil". Menos ativista e mais ativo, Bi Ribeiro aproveitou a paradinha para passar um bilhete a uma lourinha bacana da platéia. Cada um fez o que quis, tudo na maior tranqüilidade. O show foi filmado por Andrucha Waddington, da Conspiração Filmes, para fazer parte de um documentário que a produtora está fazendo sobre o Paralamas, e será repetido em outras cidades do Brasil, sempre no esquema secreto. Depois, vira *Acústico*.

Helio Muniz

O HOMEM QUE CAIU NA TERRA

de Araribóia

David Bowie fez shows em São Paulo, Rio e Curitiba...

por HÉLIO MUNIZ, de Niterói fotos LEONARDO AVERSA

Por que um sujeito vai a Niterói? Botafoguenses famintos, jogam a barca no Rio e vão ao estádio local, chamado Caio Martins e originalmente projetado para, acredite, corrida de cachorros. É lá que treina e joga o Botafogo. Pessoas mais normais passam pela cidade a caminho de Búzios. Mas David Bowie, podendo conhecer todos os lugares do planeta, resolveu passar o dia pós-aniversário na capital do antigo Estado do Rio. O que teria acontecido na cabeça do pop star mais rico da Inglaterra? Estaria deprimido pela queda da bolsa de Hong Kong? Atraído pela fama niteroiense de celeiro de músicos? Não. David Bowie nem sequer sabia que a cidade gerou artistas do quilate de Biafra, Jessé e o "Muito Estranho" Dalto. Mister David e madame (a maltada evoluída, empinada supermodelo Iman) estavam atrás de outro tipo de arte. Ele é fã de carteirinha do arquiteto Oscar Niemeyer, autor do projeto do Museu de Arte Contemporânea da cidade. Foi por isso que o casal atravessou numa van xexelenta, os 13 sempre engarrafados quilômetros da Ponte Rio-Niterói para ver o trabalho do mestre Oscar e uma das maiores coleções de arte moderna do Brasil.

Às 11 horas de quinta-feira, 31 de outubro, o chato *tour manager* de Bowie chega ao saguão do Hotel Internacional e avisa que o pop star vai descer. Pede para ninguém chegar perto, separa um carro para a maquiadora do astro, ele e Iman e reserva uma Besta cor-de-rosa, com lanterna quebrada e tudo, para os dois jornalistas e dois seguranças. Bowie chega e acaba com os planos antipáticos do sujeito. Sorri para todo mundo, pergunta se vamos à praia, pede para ir na Besta. Está de bermuda, camiseta e tênis. Pronto para um piquenique em Niterói.

E vamos nessa. Iman desce logo atrás. Alta, com uma miniblusa de *plush* que ressalta duas obras curvas de sua anatomia, um projeto divino que Niemeyer assinaria com muito gosto. Iman é uma prova de que Bowie pode ter um olho bichado, mas não é cego.

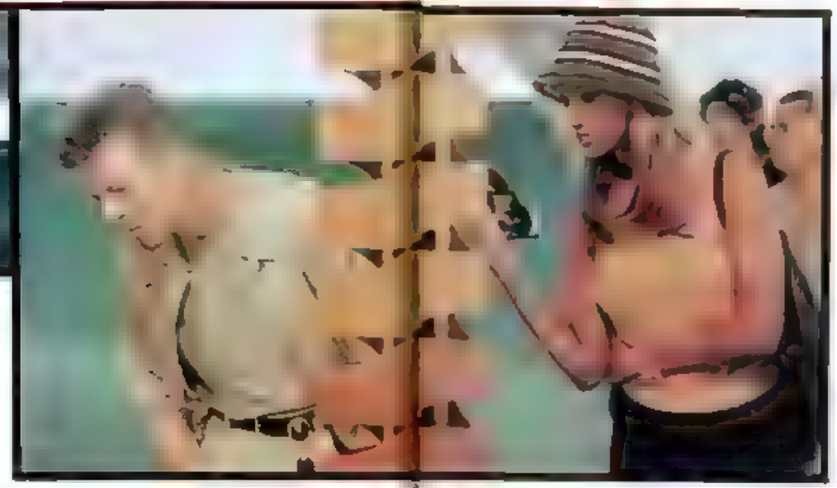
E lá vai a família, pela ponte. O motorista da van não sabe muito bem onde fica o museu, o sol é de fritar inglês com molho de hortelã, mas Bowie nem liga. Sorri, aponta para o mar e comenta a beleza dos morros do Rio: um turista feliz. No carro de trás, os seguranças falam da simplicidade de »

Araribóia – Bravo chefe da tribo dos tamoios que ajudou Mem de Sá e Estácio de Sá a expulsar os franceses da Baía de Guanabara lá pelos idos de 1560/65, dando, de lambuja, um pau nos tamoios, sua tribo rival. Depois da luta, estabeleceu-se no Morro de São Lourenço, na margem oriental da baía, onde hoje é Niterói. Morreu afogado.

No Museu de Arte Contemporânea, Bowie e Iman apreciaram um quadro chamado *Rolling Stones*

Mr. David. "Se fosse o Jon Bon Jovi, nem olhava para a van. Você já imaginou o Bon Jovi em Niterói?", diz um deles, lembrando uma cena que o rapaz fez no Hollywood Rock de 1990. "Cara, ele entrou no camarim e viu uma pocinha d'água, coisa de ar-condicionado. Saiu na hora e disse que, se não arranjassem um lugar novo, não tocaria." Mas Bowie é bom, não é Jovi. Não reclama de nada. Chega ao museu, fica impressionado com a forma de disco voador, olha a placa e mostra não conhecer tanto assim sobre Oscar Niemeyer. "Essa é uma das últimas obras dele, o museu ficou pronto antes de ele morrer?", pergunta nosso astro. **Quando descobre que o arquiteto que criou Brasília ainda está vivo e com 91 anos, fica emocionado.** Nossa, ele está bem velhinho, foi aluno de Le Corbusier" disse revelando conhecimento sobre arquitetura. "Conhecimento, não. Curiosidade. Sou um cara curioso sobre muitas coisas diferentes."

David Bowie demonstrou sua curiosidade andando pelo museu junto com o curador Antonio Vergara. O prédio está comemorando um ano de fundação e apresenta uma mostra do pintor Jorge Guinle, filho do playboy Jorginho Guinle. Numa delas, um óleo sobre tela chamado *Sexta-feira*, Bowie viu paralelos entre a obra do brasileiro e a do pintor holandês De Kooning. Iman preferiu enxergar Matisse. Vergara concordou com os dois e mostrou, no meio da abstração da pintura, o desenho de uma guitarra. "É a guitarra de Bowie", brincou Iman.



Bowie e a escultural Iman gostaram das obras de Jorge Guinle e detiveram-se na arte conceitual de Tunga, mas viajaram mesmo foi na paisagem natural. "A concorrência é forte", soltou ele

Da exposição, o casal subiu para ver esculturas e quadros do acervo permanente do MAC. Ao ver as janelas, debruçadas sobre a Guanabara, o cantor comentou que deveria ser difícil atrair a atenção dos visitantes para as obras, com a concorrência de uma natureza tão bonita. E sugeriu que fossem montadas esculturas numa pequena ilha em frente ao museu, que poderiam ser observadas das enormes janelas. No segundo andar, Bowie gostou muito de uma pintura de Claudio Paiva chamada, curiosamente, de *Rolling Stones*. Também ficou muito curioso a respeito de obras do conceitual Tunga e esculturas de Farnese Ribeiro. Iman fotografava tudo com uma maquininha de turista.

David Bowie passou pouco mais de uma hora no museu. Ganhou de presente um álbum contendo CDs da Niterói Records, uma gravadora mantida pela prefeitura da cidade. Sorridente, tirou fotos com funcionários do MAC, deu autógrafos e posou no lado de turistas americanos em férias. "Meu Deus, hoje é meu dia de sorte", disse Lucy Cedars, uma animada americana de 38 anos que fez questão de tirar foto abraçada com o ídolo. "Sou fã, ele vai cantar aqui no Brasil? Puxa, lá fora nunca tera essa chance de ficar tão perto de um astro", disse a turista. Antes de deixar o museu, Bowie escreveu uma mensagem no livro de ouro: "Foi difícil achar um 'brecha para ver Niemeyer e algumas obras de arte em uma visita tão curta. Gostaria de conhecer Brasília, mas não deu. Aqui foi o lugar. *Great!*"

Na saída, comentou que adorou o intervalo do corre-corre da turnê. Não tenho tempo para nada nas viagens. Sempre procuro conhecer alguma coisa de arte dos países que visito, mas é uma correria danada. Adorei o museu, é pequeno e concentra bem o trabalho. E o desenho do lugar é lindo. As coisas do Niemeyer são fantásticas." Iman comentou que o destino mais legal deles seria o Museu de Arte Moderna (MAM), que está fechado. "Mas foi melhor conhecer um lugar menor, novo e com uma bela amostra do que se faz hoje em arte no Brasil", disse a modelo. Aconselhado por funcionários do museu, foi almoçar em um botequim chamado Caneco Gelado do Mario. Bowie pensou, achou que já tinha feito sua dose de aventuras e foi comer no Antiquarius, no Leblon, um dos melhores restaurantes do Rio.

"Oscar Niemeyer é muito mais bola que Pelé"

No hotel Sheraton (Vidigal, no Rio), David Bowie deu uma entrevista coletiva e depois falou com exclusividade à SHOWBIZZ. De bermudão, simpático, jovial, tatuagem de sereia na batata da perna esquerda à mostra, ele avisou que pretende passar dois anos pintando (vai expor em Milão em abril) e bordando em estúdios, sem dar shows. Filmes também estão descartados: "É ótimo ser astro de cinema, mas é muito cansativo ser ator".

A quantas anda *Contamination*, a continuação de *Outside* que você faria com Brian Eno?

O Festival de Salzburgo nos encomendou um espetáculo baseado em *Outside* para o ano 2000. Eu e Eno vamos começar a trabalhar com Robert Wilson *(parceiro de Lou Reed na ópera-rock* Time Rocker) em fevereiro. Desses encontros vai sair também *Contamination*, ainda mais experimental.

E o disco da sua baixista, Gail Ann Dorsey, que você vai produzir?

É pra 98. Vou compor com ela, também. Gail vai estourar na próxima turnê *Lilith (só de cantoras, sensação do ano nos EUA)*.

Ela cantou "Oh Superman", de Laurie Anderson, nos shows americanos. Foi sugestão sua?

Sim, eu mesmo escolhi a música. Laurie e Lou *(Reed, seu atual mando)* são ótimos amigos. Eu, Iman e eles costumamos ir ao teatro juntos em Nova York. A gente assiste a Beckett. Rararara!

Você falou na *Lilith*. Nessa leva de novas cantoras americanas, você gosta de alguém?

Hmmm... Joni Mitchell *(risos)*. OK, PJ Harvey, que surgiu antes. As outras não me agradam.

O que o autor de "Aladin Sane" *(trocadilho com a lad insane, um camarada maluco)* acha da cultura lad *(um jeito hedonista e bronco de ser que tem em Liam Gallagher seu símbolo máximo)* em voga na Inglaterra?

Patética. Não me interessa. Acredito em leitura, numa curiosidade voraz por assuntos culturais. Desprezo a ignorância.

Futebol, então, não é nem um pouco a sua?

Não gosto mesmo. Gostava de jogar quando garoto. *(cuica)* Mas é claro que amo Pelé!

Só que prefere Oscar Niemeyer, né...

Sim, ele é um muito mais bola! *(risos)*

E Goldie? Você participa do disco dele?

Sim, ele é meu amigo e cantei uma faixa.

Além dele, quem mais você admira entre os músicos dos anos 90?

Trent Reznor do Nine Inch Nails. Ele vai estar por aí durante muito tempo.

Você disse que não tinha nada a declarar sobre "Candle In The Wind", de Elton John. A morte da princesa significou algo para você?

Eu estava nos EUA, achei trágico, triste, mas não tive grandes reações. Talvez, se eu estivesse na Inglaterra na ocasião...

Não dedicou uma música do show?

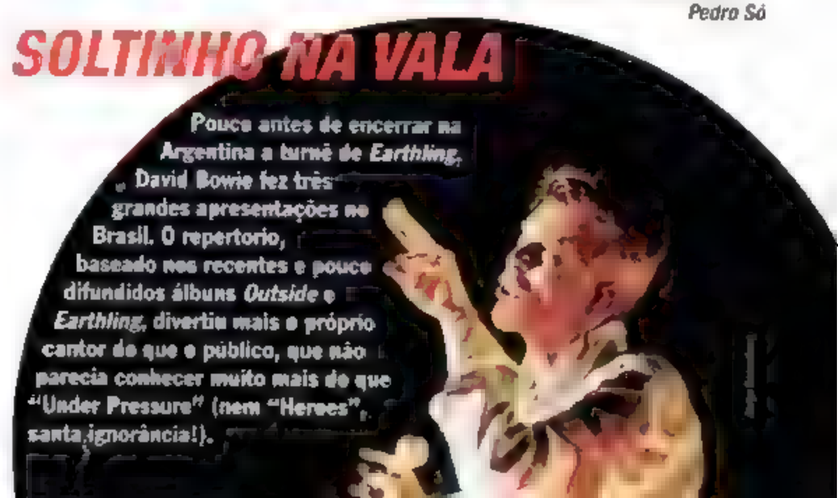
Não.

Nem mesmo "Always Crashing In The Same Car" *(canção do álbum* Low, *de 1976, incluída nos* set lists *atuais)*?

(assustado) Não! Essa é autobiográfica.

Pedro Só

SOLTINHO NA VALA



Pouco antes de encerrar na Argentina a turnê de *Earthling*, David Bowie fez três grandes apresentações no Brasil. O repertório, baseado nos recentes e pouco difundidos álbuns *Outside* e *Earthling*, divertiu mais o próprio cantor do que o público, que não parecia conhecer muito mais do que "Under Pressure" (nem "Heroes", santa ignorância!).

A última loucura de CYBER SANTOS

Já conectado no próximo milênio, Lulu segue imperando no universo pop brasileiro

Data estelar, 20/10/2197. A notícia corre a galáxia à boca pequena: o imperador enlouqueceu. Trancado em seus aposentos, ele sofre de crise de identidade aguda – sua última sandice é passar por um popstar terráqueo, Lulu Santos, outro sujeito também dado a mudanças de personalidade. Lulu, indicam os arquivos, já tinha sido roqueiro, new wave, último romântico e passava naquele momento por uma fase *cyber*. Como um *blade runner* em missão suicida, fui enviado para apurar qual o motivo da loucura do Imperador do Universo Conhecido.

por ANDRÉ GORDIRRO fotos DANIELA DACORSO

O imperador Lulu reposa em sua câmara especial de geração de ellyx "Hyperconectividade"

"Prodigy é tão importante quanto os Beatles. Queria ter o boneco deles"

Quem me recebe é Vossa Majestade em pessoa, travestido do terráqueo Lulu. Ele acredita estar gravando um videoclipe – forma arcaica de divulgação audiovisual de canções – para a música "Hyperconectividade", carro-chefe do último álbum do artista, *Liga Lá*. Todos participam da loucura – o médico mandou não contrariá-lo. O ministro das Comunicações posa de José Henrique Fonseca, o "diretor" do clipe, e todo o resto embarca na fantasia.

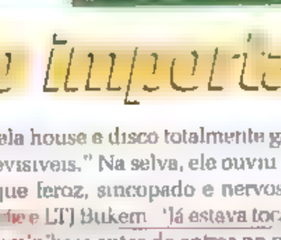
O problema começou quando o imperador fundiu-se a um computador. Conectado, ele resolveu subverter a versão analógica do *popstar* Lulu Santos e dar-lhe um ar eletrônico. "Nós somos a raça mãe do computador. Ele ordena minhas idéias, minha música", explica o imperador, com voz modulada, de dentro de sua câmara de hiperconexão. Suspeito que não sobreviva se tirado dali.

Foi fazendo incursões digitais que o imperador descobriu o terráqueo Lulu Santos à deriva no ciberespaço, varrido por um anticiclone tropical depois de ter rompido com seu colaborador Memê. Lulu, que então namorava a *disco music*, foi preso pelas raízes e cipós do jungle. "Estava cansado daquela house e disco totalmente gays e previsíveis." Na selva, ele ouviu o batuque feroz, sincopado e nervoso de Goldie e LTJ Bukem. "Já estava tocando drum'n'bass antes de entrar no palco. Ficava cantarolando 'Ando Meio Desligado', dos Mutantes, pensando em fazer uma versão jungle. Afinal, jungle é Sergio Mendes *from hell*", filosofa.

A vontade de desconstruir eletronicamente clássicos da MPB chegou até "Fé Cega, Faca Amolada", de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos. A faixa parece ter sido gravada por um Darth Vader perdido numa rave. "Se é para regravar por regravar, não faço. Você tem que acrescentar alguma coisa. Quando encontrei o Milton no aeroporto, disse: 'Sabe "Fé Cega"? Passei por cima'. Ele levou um susto", diverte-se, arregalando os olhos vermelhos.

Já é impossível distinguir nesse ponto da conversa, onde termina o imperador e onde começa o tal Lulu Santos. Rasgos de consciência começam a aparecer quando Vossa Majestade começa a falar sobre sua volta do artista. Ao que parece, Lulu andou fascinado pela civilização maia – a identidade que assumimos quando visitamos este planetinha azul há milênios. "Estou sofrendo de delírio mesoamericano." Ah, estamos chegando no X do problema! "Fico na Internet visitando cidades maias reconstruídas virtualmente em 3D."

Foi pela Internet que o imperador descobriu um antepassado homônimo



Lulu trata seu Power Macintosh como um altar, todo grafitado com imagens místicas. Ali ele se conecta com o mundo, em especial com raves na Inglaterra e com sites de techno. "Ouço as faixas em RealAudio" – programinha gratuito disponível na rede em www.realaudio.com

No Free Jazz, Lulu Santos dançou com Goldie até se acabar: "Fiquei suando em bicas durante 40 minutos e tive de ir embora. Jungle lá fora é povão, o equivalente ao nosso *funk melody*"

No álbum, Lulu troca com o sambista "Chico Brito" de Wilson Batista, Afonso Teixeira, "Dê Um Rolê", de [illegible] Galvão

Lulu sofreu para colocar as lentes de contato durante a gravação. Uma vez com elas, porém, não queria mais tirar

O longa-metragem de animação japonesa *Akira* e o *cult Blade Runner* são dois dos filmes prediletos de Lulu. "*Akira* tem um quê de misticismo que me fascina. Precisamos de mistificação. E *Blade Runner* é profético"

O Prodigy levou o prêmio de Escolha da Audiência do Video Music Awards da MTV

Trainspotting – Sem Limites mostra a trajetória de um grupo de desocupados e viciados em heroína. Lulu explica: "*Trainspotting* é um trocadilho com *trendspotting* – perceber tendências. Disso que eu faço estou antenado. *Liga Lá* é um reflexo disso"

José Henrique Fonseca (de azul, responsável pelos clipes de "Segue o Seco" e "A Namorada") co-dirigiu "Hyperconectividade" com Tony Vanzolini (de vermelho, responsável por "Louninha Bombril" e "Andar na Pedra")

Website do Lulu: www.lulusantos.com.br. Lá é possível acessar cifras e letras de suas canções, além de um programa de karaokê. "Imagino gente cantando 'Como Uma Onda' em frente ao computador. Enquanto eles acessam meu passado, eu vou em frente, rumo ao futuro"

Ramiro Mussotto, que na versão do imperador Pacal Votan seria o "percussionista" dá-lá

o rei Pacal Votan, que se manteve setenta anos no trono. "Foram sete décadas no *showbiz*. Cada rei maia era uma mistura de feiticeiro e *entertainer*. O cara tinha de convencer seus súditos que sua mandinga era poderosa, senão dançava. Ninguém durou tanto tempo assim." Ele admite um paralelo entre si mesmo e Lulu, cuja mandinga já dura quinze anos – um feito para o cenário pop nacional. "A tumba de Pacal Votan foi descoberta no mesmo dia em que nasci", informa com uma profetiza confundindo suas identidades.

O cenário a sua volta o fascina. Tubos entrando em paredes, rachaduras no solo, aparelhos eletrônicos retrofuturistas – tudo isso em seu delírio corresponde a um visual *Akira*, meio bioeletromagnético. "Esse [illegible] por necessidades

somos, computadores bioeletromagnéticos", diz, já enrolado com o que sobrou de tanto nesses dias, uma toalha de tarsinhos.

E o imperador Pacal Votan está realmente louco. Até mesmo seus atuais ídolos teriam estadia garantida no hospício imperial, a banda inglesa Prodigy. "Eles são tão importantes para mim quanto os Beatles. Queria ter tudo deles, a lancheirinha, os bonecos." Nesse momento, revira os olhos e estrega as mãos, em pura megalomania. "O Prodigy foi a melhor coisa do VMAs deste ano. Gosto muito do altão de olhos de contato, o rapper (Maxim Reality, imperador... er... Lula). Que contraste com as Spice Girls! Elas são o símbolo dos estertores do pop neste fim de milênio."

Com cautela, consigo arrancar dele o calpado por sua loucura. É o primeiro-ministro Ramiro Mussotto, que na versão do imperador Pacal seria o "percussionista" dá-lá-bum *Liga Lá*. Não contesto, só ouço. O Ramiro é peixe do meu *tratamento*. Ele é patagônico, está há dezoito anos no Brasil e já tocou com Daniela Mercury para Bill Clinton". O computador acusa: Mercury, Daniela – banana tipo exportação; Clinton, Bill – presidente e batedor de pênaltis. Ramiro teria sido o guru do delírio mesoamericano e da conversão jungle de Lulu. Manipulamos sons e, de repente, tínhamos um álbum pela frente. Esse pique criativo engavetou o projeto de um CD acústico, como Lulu Santos havia dito ano passado à SHOWBIZZ, uma revista terráquea sobre música.

Minha audiência com o soberano está quase encerrada. Livre da câmara de hiperconexão, ele se senta no trono, toalha de tarsinhos sobre os ombros e cita Darth Vader como se fosse Shakespeare. "*I find your lack of faith disturbing*." Sinto a garganta fechar e sua maneira de encerrar a conversa. Mesmo lourão, depois de quinze anos no trono do pop, vai ser difícil depô-lo. A solução é deixar a hiperconectividade rolar e desejar que a Força continue com Lulu Santos, até o próximo álbum.

"Acho sua falta de fé perturbadora." Frase de Darth Vader em *Guerra Nas Estrelas*, dita enquanto ele estrangula um membro do império. Lulu brinca com o repórter, que veste uma camisa estampada com Vader

PC CD-ROM

oasis

Toque com a maior banda da atualidade

InterActive Songbook

Totalmente autorizado e endossado pelo oasis, este é um [illegible] cd-rom desenvolvido especialmente para músicos e fãs da banda.

Para quem deseja aprender as letras e tocar as músicas na guitarra e no teclado. O InterActive Songbook [illegible] Album "(What's the story) [illegible]".

O InterActive Songbook [illegible] imperdível!

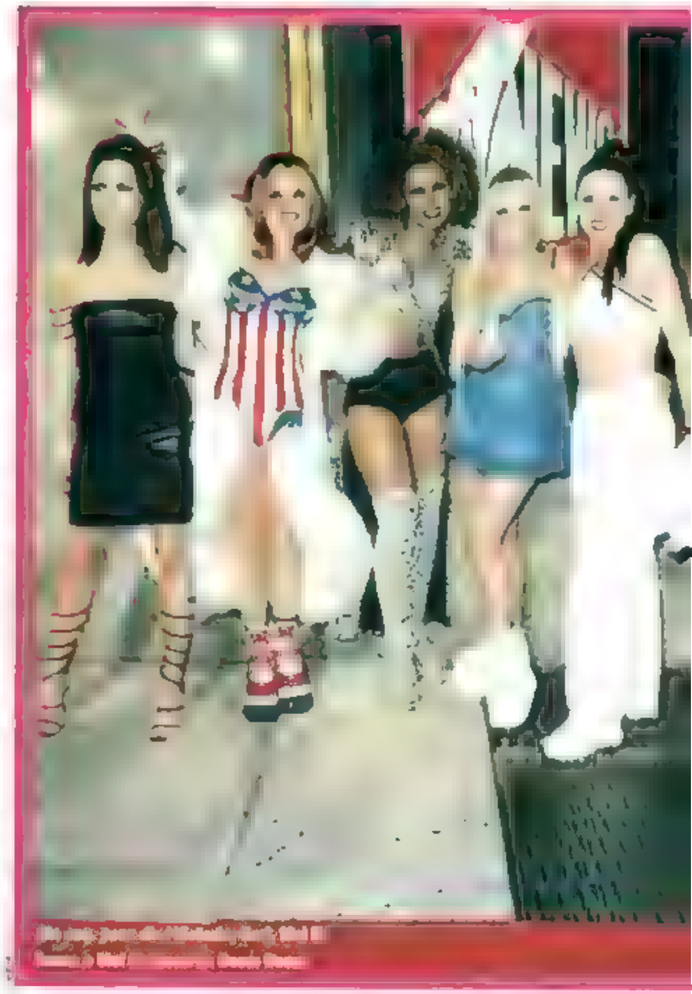
Ligue já e faça o seu pedido:
(011) 3675.3766

MPO MULTIMÍDIA.
A MELHOR PROGRAMAÇÃO
www.mpo.com.br

Europress

Spice Gretchens

Elas estão de volta com molho conga-la-conga e prometendo deliciosas baixarias



Pra início de conversa, você deve estar se perguntando: "Mas por que diabos as Spice Girls vêm passar três dias no Brasil e resolvem baixar exclusivamente em Manaus?" Tratando-se das marketeiras mais espertas do momento cá pra nós, não é preciso ser nenhum gênio da lamparina pra imaginar a resposta. Certo? A aventura na selva das amazonas nada mais é do que uma jogada de propaganda dessa vez baseada no conceito de *Spiceworld*, o recém lançado CD. "Como elas são as artistas mais famosas do mundo, dividem o seu tempo promovendo o trabalho ao redor do planeta. Já aconteceram pequenas festas parecidas em Bali, na Indonésia, em Acapulco, no México, em Joanesburgo, na África do Sul, e em outros lugares exóticos..." diz Fernando Ferrel, gerente-internacional da gravadora Virgin, no Brasil. Festa? Alguém aí disse festa? Yes! A pedido das próprias spice, a passagem das garotas pelo Brasil incluiu passeios e rega-bofes em que participam fãs do mundo inteiro. Gente da Suécia, Dinamarca, Austrália, Espanha... E quatro sortudos do Brasil sorteados em promoções feitas com a Rádio Cidade e o programa *Planeta Xuxa*. "Nós não somos diferentes de ninguém. Queremos nos divertir", disse a ruivinha Geri na entrevista coletiva que as meninas fizeram em Granada, na Espanha, para lançar *Spiceworld*. "Vocês acham que nós estamos aqui para promover o novo disco? Na verdade, viemos para fazer uma festa de arromba! Daqui a pouco vocês todos estarão pelados completamente em transe", mandou a mulata Mel B, na sequência »

Spice Girls

SHOWBIZZ

Mui calientes, elas te envolvem se você cai na órbita delas

Apesar das dezenas de compromissos diários quem já esteve em contato direto com as garotas garante: o que elas querem mesmo é diversão em altíssimo grau. Para isso, provocam jornalistas, flertam como desconhecidos e – dizem – até beliscam a realeza do príncipe Charles apelidado pela imprensa inglesa de [illegible] devido aos seus constantes encontros. "Embora já tenha cruzado com as garotas algumas vezes, até hoje fico sem graça quando estou junto delas. Elas são muito atraentes e te dominam sempre que você entra na sua órbita", conta Ferrel. A declaração do homem-da-gravadora, bate com a de um jornalista francês que pediu Geri em casamento durante uma entrevista e com a do repórter Chris Heath, da revista *Rolling Stone*, também envolvido pelo charme das meninas. O sujeito passou alguns dias com as *spice* e fez uma matéria em que elas afirmam que apesar de esbanjar sensualidade, estão pouco interessadas em sexo. "Não transo desde que começamos a fazer sucesso", declarou Geri. E mas parece existir um pouco de folclore em torno dessa história. Victoria e Mel B têm namorados e o *affair* entre Emma e o empresário Simon Fuller foi um dos motivos que levaram as Spice Girls a se desligar da 19 Management, a empresa de Simon. "Nos precisamos muito da imprensa, temos uma relação de troca, mas vocês não devem acreditar em tudo que é publicado nos jornais", soltou Mel C, referindo-se aos tabloides ingleses.

Não acredite também em comentários muito otimistas sobre o novo álbum *Spiceworld*. Gravado num estúdio móvel, enquanto as Spice Girls filmavam *Spiceworld – The Movie*, o longa-metragem que estréia lá fora no Natal e chega ao Brasil no começo do ano que vem, ele não tem metade da força do primeirão *Spice*, que está prestes a atingir a marca de 20 milhões de cópias vendidas ao redor do planeta (só no Brasil foram aproximadamente 500 mil cópias). No novo CD, os arranjos empolgantes de músicas como "Say You'll Be There" ou "2 Become 1" ficam restritos a uma ou outra canção, como "Never Give Up On The Good Times" ou "Do It". Perguntadas se não têm medo de um dia o povo se encher das Spice Girls, Geri mostra ser uma mulher de peito e responde: "Tenho certeza que sim! Mas isso ainda vai demorar um pouco. Nós não somos aquelas bandas *one hit wonder* (de um sucesso só). Temos muitos sucessos e agora não mais só um disco. Temos dois!", esbraveja, orgulhosa.

Em termos de visão mercadológica Geri parece ter razão. 'Spice Up Your Life", o primeiro single tirado de *Spiceworld*, desbancou "Candle In The Wind", de Elton John, do topo das paradas desde a morte da princesa Diana. Composta em cima de ritmos latinos, uma mistura de salsa, samba de casa de mulatas e mambo, a canção, para nós, gente de sangue quente, que cresceu ouvindo baticum de verdade, soa como aquela disco lat(r)ina da Gretchen. Lembra de "Conga La Conga" ou "Freak Le Boom Boom"? Pois é, imagine a cara das Spice Girls na seguinte cena hipotética: elas de biquíni fritando ao sol da Amazônia, no luxuoso hotel Tropical e o hit da nossa gloriosa Rainha do Bumbum pintando nos alto-falantes. Familiar, não?

Ótimo
Bom
Regular
Ruim
Importado

RIC OCASEK
Troublizing
Columbia/Sony Music

Lanternagem classe A

[illegible]

Ice Blue, Mano Brown, Edy Rock e KLJ salvam o ano de 1997 da mediocridade geral

RAP redentor

S[illegible] chegas [illegible] com aces[illegible] de [illegible] redentor. Num ano dominado por [illegible] de rock com ritmos [illegible] e capoeira [illegible] precoces de carreira [illegible] os Racionais MC's surpreenderam a todos com um disco [illegible] moderno, um retrato das paradas [illegible] da periferia de São Paulo.

Eles tem de sobra o que falta na maioria das bandas nacionais: atitude e discurso. Gravam por um pequeno selo, se recusam a posar de vaca de presépio em programas de TV e com isso ganham o respeito da rapaziada [illegible] mais recente rebelião na Febem. Na parte [illegible] recheada de palavrões [illegible] a mediocridade. Em vez de [illegible] palavras [illegible] que retratam [illegible] da malandragem.

Mano Brown confirma o talento de contador de histórias [illegible] apresentado em [illegible] chega a [illegible] caixas de som [illegible] desenlance [illegible] de Brown. Como [illegible] que tem como [illegible] em São Paulo em 1992 [illegible] rapper fala [illegible] uma [illegible] que [illegible] pai[illegible] Os Capítulo 4, Versículo 3 [illegible] de [illegible] paulistano [illegible] que [illegible] shops [illegible] e "A Fórmula Mágica Da Paz" que era [illegible] de ser gravada.

Nos pick-ups, KL [illegible] Rap" de Isaac Hayes, mais moderno [illegible] gravação de [illegible] Sete Anos [illegible] Nacional [illegible] disco que [illegible] 1997 da mediocridade geral.

Sergio Martins

RACIONAIS MC'S
Sobrevivendo No Inferno
Cosa Nostra/Zimbabwe

LUCKY DUBE
Serious Reggae Business
Shanachie/Paradoxx

Peter Tosh da Africa

Caducou a lenda do "é preciso ma[illegible] no peito de uma [illegible] reggae [illegible] Lucky Dube, que há treze anos trocou o zulu pelo inglês, o mbaqanga pelo reggae e entrou para a história. Dube é o maior fenômeno de vendagens da África do Sul em todos os tempos.

Serious Reggae Business celebra seus dez anos no mercado com [illegible] geral de seus nove álbuns lançados. Boa parte das músicas chacoalhou a política segregacionista da África [illegible] apartheid. "Feel [illegible] quase foi banida [illegible] Slave [illegible] orelha e [illegible] que [illegible] Dube, que canta igualzinho ao ídolo Peter Tosh, deve continuar nas paradas pelo menos por mais dez anos.

Otávio Rodrigues

JON SPENCER BLUES EXPLOSION
Now I Got Worry
Matador/Paradoxx

Subversao do blues

Jon Spencer é o Elvis Presley em versão bem [illegible] e experimental. E isso sem a menor pretensão cabeça. O que ele e seus companheiros fazem é simplesmente [illegible] verter o blues a ponto de [illegible] quase irreconhecível. Para isso abusam das distorções nas guitarras e [illegible] aceleram o andamento de forma quase maníaca e adicionam elementos de [illegible] punk e hip hop à fórmula final ("Fuck Shit Up", por exemplo, é dos caras do Dub Narcotic, que também participam da faixa).

O resultado é contagiante para dizer o mínimo. *Now I Got Worry*, quarto disco da banda, se vale principalmente da química entre os três *ex-plosions* (Spencer nos vocais e na guitarra, Judah Bauer nas guitarras e Russell Simins na bateria). Ouça "Wail" ou "2Kindsa Love" para a prova dos nove. Mas ouça "Chicken Dog", que traz a participação especialíssima do lendário Rufus Thomas – o mesmo "Walk The Dog". É antológico (melhor que isso só o disco que lançaram com o bluesman R.L. Burnside – mas aí é outra história).

Daniel Benevides

SWING OUT SISTER
Shapes And Patterns
Mercury/PolyGram

Elegante e competente

O pop classudo do Swing Out Sister está de volta. Com influências descaradas dos mestres Burt Bacharach e Jimmy Webb e pitadas do som da Motown, Corinne Drewery (vocais) e Andy Connell (teclados) produzem um som agradável, que pode ser curtido tanto num clima romântico quanto numa pista de dança.

A receita é mantida com bons resultados em *Shapes And Patterns*. As baladas "Somewhere In The World", "Here And Now" e "Better Make It Better" remetem ao pop [illegible] (anos 60) [illegible] da do casal. [illegible] experiência [illegible] está na ótima releitura de "Stoned Soul Picnic", clássico da compositora Laura Nyro que fez enorme sucesso com o 5th Dimension. E para ser ouvido em boa companhia e, de preferência, regado por um scotch 12 anos.

José Araújo

KARNAK
Universo Umbigo
Tinitus/Velas

Som para gente toin

Este álbum vem reafirmar o que é Karnak: um som épico, cheio de vozes e instrumentos, com um pé no [illegible] outro [illegible] mão no [illegible] e a cabeça [illegible].

A banda faz uso de diferentes tradições para misturá-las e reinventá-las. As letras [illegible] mais para preto no branco do que para multicolor. O recurso principal é a antítese, como "O que será que o velho pensa no metrô / o que será que o nenê pensa no berço [illegible] pobre e hoje sou [illegible]". Mas aqui a parte lírica é secundária: quem vai tentar entender o que André Abujamra está dizendo quando ele canta em davakara, a língua karnakiana?

É como se ele dissesse: línguas separam, a música une. E a música da banda já é bastante complexa, cheia de informação, não dá para as letras serem muito elaboradas. Os que gostaram do primeiro disco do grupo podem ficar aliviados: as parodias e pirações abundam em *Universo Umbigo*. Por exemplo: "In Alabama" é cantada em três línguas e conta "a história de um russo que foi para o Alabama em 1813 e encontrou-se com o diabo".

Danilo Monteiro

Gessinger renova os Engenheiros e faz seu melhor trabalho

gaúcho dança

Humberto Gessinger está vivo e passa bem. Sua banda ressurge enxuta, retoma adoráveis banalidades (*pop songs* com jogos de palavras) e lança seu melhor trabalho desde *Ouça O Que Eu Digo Não Ouça Ninguém*, de 1988.

Gessinger voltou a morar em Porto Alegre e reencontrou-se como compositor. E o que explica canções tão bem resolvidas, como "3 Minutos", "O Banco" e "A Montanha". As faixas "3 Minutos", "Nove Zero Cinco Um" e "Alucinação" (releitura do velho hit de Belchior) trazem uma novidade no som dos Engenheiros: um toque dance através das programações eletrônicas feitas pelo produtor Nilo Romero, Ramiro Musotto e Carlos Trilha.

Oportunismo? Nada disso. São apenas *loops* e *sequencers* a serviço de um gremista que não tem vergonha de colocar a folclórica figura de O Laçador na capa, o violino de Kleiton (da dupla com Kledir) em "A Montanha" e tempera "Deserto Freezer" e "A Ilha Não Se Curva" (Fidel adoraria) com ingredientes regionais.

Hagamenon Brito

ENGENHEIROS DO HAWAII
Minuano
BMG Brasil

POWER STATION
Living In Fear
Chrysalis/EMI Music
Funk veterano com qualidade

●Foram 11 anos entre o primeiro e o segundo discos do Power Station. Em 1985, John e Andy Taylor respectivamente baixo e guitarra do Duran Duran, Tony Thompson, baterista do Chic e o cantor Robert Palmer resolveram se juntar para tocar e gravar o que bem entendessem. Sob a batuta do produtor Bernard Edwards (o zenador um dos discos mais energéticos da história do pop rock, com grandes solos de guitarra, loops fantásticos de bateria e sussurros bem colocados com repertório que trazia pérolas como "Some Like It Hot" e uma cover de "Harvest For The World", dos Isley Brothers.

Agora, Andy Taylor e Tony Thompson voltaram a se reunir, dessa vez com Bernie Edwards no baixo e na produção (porque o outro ser seu último trabalho). Dentro relógio os teclados de Wally Badarou, que recentemente produziu o disco solo de Curtinho Brown. A química volta a entrar em cena. Os vocais de Palmer continuam eficientes, a guitarra de Andy soa pesada e Tom estraçalha na bateria – aliás, como sempre. Quatro as repetições dos rocks como "Scandal" e "She Can Rock It". A funkeada "Lonely That" soa como um Chic depois do banho de mocidade. Há também uma releitura bacana de "Taxman", dos Beatles, com direito a tabas e cítaras.

Living In Fear pode não ser tão legal quanto a estréia do Power Station. Um pouco por culpa do som, cuja cara é de mais. Mas dá para notar que eles não perderam o pique.

Jotabê Medeiros

Em *Live At Carnegie Hall*, Stevie Ray dá mostras de sua genialidade

Os novos donos da bola do blues são jovens brancos, bonitos e com cara de clip da MTV. Eles estão se apoderando do estilo que nasceu da dor dos negros para produzir algo dançante.

Um desses astros atuais é Guy Forsyth, um ex-fã de punk rock. Quando começou a tocar guitarra, passou a deslizar um cilindro de vidro pelas cordas com a reverência dos blueseiros, mas com uma fúria punk. *Needle Gun*, seu CD de estréia, nasce dessa fusão improvável. Vigoroso e por vezes anárquico, o CD é permeado de uma rebeldia responsável, com apego às tradições. Se há um futuro para o blues, ele passa pelo trabalho de Forysth.

Para aproveitar a onda de músicos brancos que estão se aventurando em praias blueseiras, *Live At Carnegie Hall*, de Stevie Ray Vaughan, guitarrista texano morto em 1990 e que provou para a geração atual que não há problema em ser blueseiro e usar protetor solar. Gravado em 4 de outubro de 1984 – um dia depois do 30º aniversário de Vaughan –, o CD traz o guitarrista tomado pela emoção decorrente do gigantismo da empreitada. Como consequência, ele demora para fazer o disco decolar. Mas estão ali os atributos que fizeram dele um gênio. Basta ouvir "Pride And Joy" e "C.O.D.".

Completando o pacote há *Strange Pleasure*, de Jimmie Vaughan, irmão mais velho de Stevie Ray. Apesar das composições consistentes, do trabalho incisivo de guitarra e da precisão dos vocais de fundo, Jimmie paga dois preços. O primeiro é a fama acachapante do irmão mais novo. A segunda, em que reside toda a importância de Jimmie, é o fato de ele ser tradicionalista até a medula. Alguém tinha de fazer esse trabalho sujo.

Edson Franco

GUY FORSYTH BAND
Needle Gun
Antone's/Eldorado

STEVIE RAY VAUGHAN
Live At Carnegie Hall
Epic/Sony Music

JIMMIE VAUGHAN
Strange Pleasure
Epic/ Sony Music

VÁRIOS
Reggalta Mondatta
21 Records/EMI Music
Goleada de hits

●Sou o CD que vai fazer a festa da rapaziada no verão. Ah, você não é daqueles que acredita naquela balela de que [illegible] sonora da estação do sol"? Sorte sua. Na verdade, *Reggalta Mondatta* [illegible]. Aqui uma irresistível seleção [illegible] presta um tributo ao Police. O resultado é uma geleia de hits. Com arranjos modernos para clássicos como "Roxanne", "Aswad", "Every Little Thing She Does Is Magic" (Chaka Demus & Pliers), "Message In A Bottle" (Maxi Priest), "Can't Stand Losing You" (Steel Pulse), "Spirits In The Material World" (Pato Banton) e as faixas do CD tolam e [illegible] mas [illegible] Marley [illegible] "One World" (da dupla Carlinhos Brown e Marisa Monte) e "Reggae Night" (Jimmy Cliff). Abre-alas [illegible] gelo!

Renato Russo

JORGE BEN JOR
Músicas Para Tocar No Elevador
Epic/Sony Music
Bom pro Jor, ruim pro Ben

●Para os fãs de Ben Jor, está de bom tamanho. Barão Vermelho, Nenhum de Nós, Jota Quest, Cachorro Grande, Cidade Negra, deixo "O Homem Da Gravata Florida" [illegible] mais [illegible] Funk N' Lata mandando "Domingo [illegible] Fevereiro" [illegible] Mundo.

Mas as boas de Jorge Ben [illegible]. Apesar da ficha técnica recheada de grandes talentos, Bebeto, Skank, Carlinhos Brown, Mação Zumbi e do repertório sensacional, este disco nada acrescenta à obra do autor genial de "Mas Que Nada" e "Por Causa De Você Menina". A colagem [illegible] dessas duas canções feita por Fernanda Abreu explica bem um dos grandes defeitos dos trabalho. Como drum'n'bass é correto. Como versão, é criativa e moderna. Mas é um [illegible] o feeling e a essência do material original.

Quem [illegible] gente boa envolvida neste projeto [illegible] Jorge [illegible] ver Ben Magnum certo no encarte.

Pedro Só

LUIZ CARLOS DA VILA
Uma Festa Do Samba
Velas
É onda, é moda

●Luiz Carlos Da Vila é um [illegible] bo vermelho. Já provou isso com *Raízes Brasileiras*, um dos melhores discos de samba [illegible] passado, pela [illegible] e [illegible] mostrou que o samba atravessa. No novo trabalho, Luiz Carlos resolveu [illegible] [illegible] se [illegible] com [illegible] intérprete, gravando Jorge Aragão, Noca da Portela, Nei Lopes, Wilson Moreira, Luisinho SP (carioca que vive no paulista e que está [illegible] promissor CD de [illegible] praça).

A [illegible] boas [illegible] do [illegible] [illegible] de ouvir mais do compositor de "É Onda, É Moda", capaz de [illegible] [illegible] de [illegible] [illegible] [illegible]

Saudades dos anos 80

Encarte de Belle And Sebastian. Qualquer semelhança com os Smiths...

Bem-vindo aos anos 80. Calma, não aqueles anos 80 de Kajagoogoo, Duran Duran, Spandau Ballet e Hayzee Fantasyee. Bem-vindo aos anos 80 frequentados por bandas como Felt, Pale Fountains, Weather Prophets, James (pré-*Madchester*) e, claro, The Smiths – que enchiam os corações da gente da esperança de que um dia a boa música pop triunfaria.

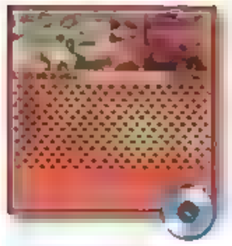
Não foi exatamente isso que aconteceu, mas aquele espírito está mais do que vivo no estranho grupo Belle And Sebastian. *If You're Feeling Sinister* é o mais nostálgico lançamento de 1997. E o bom é que esse escocês de Glasgow (Stuart Murdoch) e sua trupe conseguem algo ainda maior dentro dessa nostalgia: não parecer saudosistas, mas sim inovadores, com uma coleção de dez faixas capazes de iluminar o espírito.

Belle And Sebastian se superam, criando algo mágico que, em inglês, chama-se *hook*. OK, "gancho" em português, mas na verdade uma coisa que gruda imediatamente na sua cabeça, um refrão instantâneo e perfeito, capaz de fazer você sair cantando "Fox On The Snow" pelas estradas da Turquia sem a menor noção de acordes.

Mantendo os arranjos simples e arriscando algumas cordas aqui e ali, Murdoch não pára de produzir. Além do álbum, este ano o líder do Belle And Sebastian já lançou dois singles com quatro faixas inéditas cada: "Dog On Wheels" e "Lazy Pine Painter Jane". Qualquer fortuna que você gastar em importadoras de CD com essas preciosidades será dinheiro muito bem empregado.

Zeca Camargo

BELLE AND SEBASTIAN
If You're Feeling Sinister
The Enclave



ELTON MEDEIROS MARIANA DE MORAES E ZÉ RENATO
A Alegria Continua
MPB
Grande despretensão

● [illegible] despretensiosos [illegible] Elton Medeiros, Mariana de Moraes e Zé Renato [illegible] Mestre Marçal [illegible]

Pedro Sá

JASON BONHAM BAND
In The Name Of My Father – The Zep Set
Epic/Sony Music
Pai de quem?

● [illegible] Led Zeppelin [illegible] Jason Bonham [illegible] Jimmy Page e Robert Plant [illegible] Led Zeppelin [illegible] Jason [illegible] Bonham [illegible] Led Zeppelin [illegible] Jason [illegible] Led Zeppelin [illegible] Jason [illegible] Led Zeppelin [illegible] Jason

Notorious morreu sem ver o sucesso de *Life After Death*

Balas Perdidas

Life After Death, do espaçoso Notorious B.I.G., e *No Way Out*, estréia do produtor Sean "Puffy Daddy" Combs, são uma saraivada de balas de pequeno calibre apontada para o glamouroso topo das paradas americanas. E como eles viraram poderosos? Simples: seguiram à risca o manual do *gangsta rap* – cara de mau e clips caros (em que B.I.G. ostenta badulaques de ouro).

Para completar, os dois declararam guerra a 2Pac Shakur e à Death Row Records, de Los Angeles, fomentando ainda mais a velha rivalidade entre o rap feito nas costas leste e oeste dos EUA. Até Mãe Dinah poderia prever confusão.

Life After Death é duplo, com rimas convencionais e os temas de sempre: manos, negócios do submundo e vadias.

O assassinato de B.I.G., num domingão californiano, serviu para que Daddy repetisse o feito com a descarada "I'll Be Missing You", uma lamentação de Daddy e da viúva de Notorious, Faith Evans, em cima de uma cover de "Every Breath You Take", do Police, com base de hip hop. Juntos, os dois não dão meio bom álbum de rap. Mas não é o que os números dizem. Vá entender... RICARDO FRANCA CRUZ

NOTORIOUS B.I.G.
Life After Death
Bad Boy/BMG Brasil

PUFF DADDY
No Way Out
Bad Boy/BMG Brasil

VÁRIOS
My Best Friend's Wedding
Epic/Sony Music

Prova de bom gosto

A trilha desta comédia romântica estrelada por Julia Roberts é quase toda formada por clássicos de Burt Bacharach. São regravações que, mesmo não podendo ser comparadas a versões originais, não comprometem. Entre muitos outros, Diana King interpreta "I Say a Little Prayer", Ani DiFranco vem com "Wishing And Hoping" e Nicky Holland manda "I Just Don't Know What To Do With Myself".

O resto do disco resgata alguns artistas de um sucesso só, como The Exciters (com "Tell Him") e Jimmy Soul ("If You Wanna Be Happy"). Para os românticos ainda tem o eficiente Tony Bennett com "The Way You Look Tonight". O filme foi sucesso de bilheteria. A trilha é uma verdadeira amostra de bom gosto. PATRÍCIA [illegible]

VÁRIOS
Austin Powers
Hollywood Records/ PolyGram

No elevador do anos 60

A trilha do filme *Austin Powers* chama a atenção para um fato interessante. Nele Mike Myers faz um espião que é congelado nos anos 60 e desembarca nos dias de hoje como se nada tivesse acontecido. É claro que ele traz os [illegible] da época. Só que Austin Powers não é fissurado em Beatles, R&B [illegible] ou som *mod*. O cara gosta mesmo é de *easy listening* e aquela música orquestrada e sofisticada, maldosamente chamada de som de elevador.

O maestro Burt Bacharach, maior nome do *easy*, participa do filme e interpreta "What The World Needs Now Is Love" ao lado dos Posies. A ex-bangle Suzannah Hoffs também vasculha o catálogo de Bacharach e canta docemente "The Look Of Love". Outros clássicos, "Mas Que Nada", com Sergio Mendes, e "Soul Bossa Nova", com Quincy Jones. The Cardigans, Mike Flowers Pop, Wondermints, Broadcast e outros também contribuíram com excelentes [illegible] de época. Esta trilha mostra que nos anos 60 não se ouvia apenas música feita com guitarra. P.C.

VÁRIOS
Trainspotting #2
EMI Music

Mais do hedonismo

Trainspotting – Sem Limites, o filme que só o Brasil desprezou (ô publicozinho [illegible]!), vai ficar como um dos mais importantes do cinema dos anos 90. Esta trilha em volume 2 é só mais uma prova de sua influência.

Com músicas que tinham ficado de fora e outras canções no espírito selecionadas pelo diretor Danny Boyle e pelo produtor Andrew McDonald, o CD tem altos e baixos. Mas já valeria só por "Our Lips Are Sealed" na gravação do Fun Boy Three (depois conhecida por aqui na versão das Go-Go's que embalava André Di Biasi no filme *Menino Do Rio*).

Joy Division, David Bowie, a new wave tardia do Sleeper e "Come Together", do Primal Scream, também pagam o ingresso. Iggy Pop, que brilhava no CD anterior com "Lust For Life" (tão boa que virou abertura do filme), comparece com um remix bobo de Baby Doc para "Nightclubbing".

No mais, é aquele problema: quem bebe demais às vezes acaba abraçado com coisas esquisitas, quem toma drogas demais, se apaixona por música duvidosa. O hedonismo britânico mostra seu gosto de [illegible] de guarda-chuva na decepcionante "[illegible] City Life", do [illegible], tic de drum n' bass [illegible] e nos remixes gorgitos de Leftfield e do Underworld (que compensa com a atmosfera falsa "Dark & Long"). PEDRO SÓ

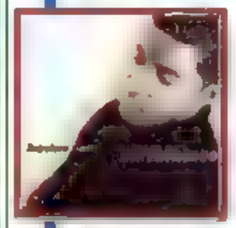
A Música Na Medida Certa, Agora de Casa Nova.

CD
CDV
DVD
MD
VHS

RE RECORDS & VIDEOS

RUA INÁCIO PEREIRA DA ROCHA Nº 622 PINHEIROS FONE/FAX 816•1228 SÃO PAULO 05432-011

&rasteiro



Os singles estão à solta no mercado. E estão divididos em duas categorias: há os que fazem desse formato uma oportunidade para construir sobre o mesmo tema e os mais tradicionais, que pegam uma ou duas canções do CD e misturam-nas a versões ao vivo. No primeiro time destaca-se **WYCLEFF JEAN**, dos Fugees, com "Guantanamera" (Sony Music). Uma delícia. São quatro remixes da versão original do rapper. Há uma versão jungle a cargo do DJ Caca e outra em que, ao som de Santana ("Oye Como Va"), Wyclef explica o que é uma *guajira*.

No mesmo embalo, o meloso **BABYFACE** é salvo da baba pelos três remixes de "Every Time I Close My Eyes" (Sony Music). Mas a diabete é garantida pela versão original. A dupla **EVERYTHING BUT THE GIRL**, por sua vez, apresenta "Before Today" (Virgin). O namoro de Ben Watt e Tracey Thorn com o drum'n'bass se consolida ainda mais com uma versão chacundum da canção a cargo de Adam F (sim, aquele que tocou no Free Jazz).

Os brasileiros do **CONCRETENESS** brilham em "Se" (Trutas), em que as guitarras pesadas se associam ao techno. São quatro mixes da faixa-título – inclusive um divertido "ao curry", com cítara e tabla – e a inédita "Locomotiva".

O **PEARL JAM** traz o clássico "Alive", além de "One" e "Wash" (Sony Music). Rock de primeira qualidade. Há também os que não jogam em nenhum dos dois times. Usam o formato single simplesmente para estrear no mercado sem auxílio de DJs ou faixas ao vivo. É o caso da **NEPAL**, de Belo Horizonte, que vem com "E Eu" e "Mascate" (EMI Music). Na cola do conterrâneo Skank, mistura "ritmos tropicais" – alguns levantam a galera – e tem um baita vocalista, chamado Plas. Resta saber se vão conseguir sair da sombra do Samuca & Cia.

Danilo Monteiro

bolsa de discos

		Kazumasa Saito	Leticia Celmon	Luis Antonio Giron	Paulo Cavalcanti	Paulo Cesar Martins	Ricardo Menconça	Robert Halfoun	Tatiana	Thales de Menezes	Tom Leão
7.5	PORTISHEAD *Portishead* *London/Polydram*	10	9	1	5	8	7	9	9	7	10
7.1	BOB MARLEY *Dreams Of Freedom* *Island/PolyGram*	•	8	5	6	•	7	9	8	7	•
7.0	ROLLING STONES *Bridges To Babylon* *Virgin/Record*	7	8	0	10	6	8	8	8	8	7
6.6	BOB DYLAN *Time Out Of Mind* *Columbia/Sony Music*	7	8	3	8	8	•	6	7	6	•
6.6	RAIMUNDOS *Lapedas Do Povo* *WEA*	6	8	2	2	5	8	9	10	8	8
6.1	BJORK *Homogenic* *Island/PolyGram*	10	7	5	2	1	7	7	6	6	10
5.0	HOWIE B *Turn The Dark Off* *Island/PolyGram*	6	3	3	3	•	•	•	•	7	8
4.6	GAL COSTA *Acústico MTV* *BMG Brasil*	6	7	5	0	0	6	•	5	5	8
4.5	LENINE *O Dia Em Que Faremos Contato* *BMG Brasil*	7	7	5	0	0	6	3	•	6	7
4.4	GABRIEL O PENSADOR *Quadro-Cabeça* *Chaos/Sony Music*	6	7	1	1	5	8	1	8	0	7

Baladas de JOHN e YOKO

No exato momento em que alugentavam os vizinhos com uma canção experimental

YOKO ONO já foi chamada de muita coisa – dragonesa (uma espécie rara de dragão japonês), assassina dos Beatles, pentelha, pretensiosa, insuportável. Ninguém aturava a mulher na época em que ela comparecia aos estúdios onde o quarteto estava gravando. E os álbuns lançados por ela no final da década de 60 e no início dos anos 70 foram recebidos com zero de paciência.

Mas o tempo, esse grande mestre, se encarregou de soprar para longe o preconceito. Hoje Yoko, antes vista como vila, virou salvadora. Além disso, o trabalho musical da ex-sra. Lennon ganhou o aval de nomes importantes do rock independente.

Para quem quiser tirar suas próprias conclusões, a discografia de Yoko Ono está sendo reeditada pela Rykodisc. Os álbuns são **Plastic Ono Band**, **John Lennon & Yoko Ono – Unfinished Music Nº 1**, **Two Virgins**, **Unfinished Music Nº 2 – Life With The Lions**, **John & Yoko Wedding Album**. Ouvidos sob a perspectiva de hoje, os trabalhos continuam sendo radicais. Há o lado experimental, resultante de um diálogo, digamos, artístico, muito íntimo entre ela e John Lennon. Aquela coisa de gente apaixonada, de achar tudo que o outro faz genial. Mesmo faixas de 22 minutos consistindo apenas de um dizendo o nome do outro.

No geral, em discos como *Wedding Album* e *Two Virgins* (famoso pela foto dos dois peladões na capa), John e Yoko estão anunciando seu amor ao mundo. Há momentos confessionais e de autotortura: em "Baby's Heartbeat", faixa de *Life With The Lions*, ouve-se a batida do coração do bebê que Yoko perdeu em 1969.

Plastic Ono Band destaca-se entre todos por suas (atrevo-me a dizer tal palavra?) qualidades musicais. Os vagidos de Yoko ainda servem para afugentar cobrador e apoquentar mensageiros, mas a levada das músicas e o acompanhamento de John, Ringo Starr e Klaus Voormann (baixo) soam atualíssimo. É proto-indie rock, ou o lado mais experimental dos Beatles? E esse disco foi gravado paralelamente ao melhor álbum-solo de Lennon, também *Plastic Ono Band*. Dê uma só ouvidinha em "Why" e "Paper Shoes". Ou no final de "AOS", uma *megajam* envolvendo Ornette Coleman no trompete e Charlie Haden no baixo.

Todos os discos estão saindo com faixas inéditas adicionais, algumas com intervenções interessantíssimas de Lennon ao violão – vide "Remember Love", de *Two Virgins*, possível semente de "Look At Me" e "Julia".

José Emílio Rondeau

PSICOPATIA DE ESTIMAÇÃO

Os Pixies (Black Francis à frente) mostram como enlouqueceram uma geração em *Death To The Pixies*

O baixo desnudo de Mrs. John Murphy, uma senhora instrumentista (mais conhecida como Kim Deal) com voz de Lolita a incendiar a imaginação masculina, a caixa seca e o bumbo frontal de David Lovering e... AS ERUPÇÕES ALUCINADAS DE BLACK FRANCIS AOS GUINCHOS, ACOMPANHADO PELOS SOBRESSALTOS DE JOEY SANTIAGO, UM KELLY SLATER DA GUITARRA SURF. Não repare as maiúsculas: a dinâmica das canções dos **PIXIES**, uma das maiores bandas da história, quase sempre passava por esse truque, indo da calmaria à tormenta no primeiro refrão.

A influência do quarteto hoje é literalmente gritante – de David Bowie (ouça "Seven Years In Tibet") aos órfãos de Kurt Cobain. Por isso a coletânea dupla **Death To The Pixies** (Natasha Records), com 17 faixas de estúdio e 21 músicas ao vivo, é de primeira necessidade. A seleção espertamente lima quase tudo de *Trompe Le Monde*, o último disco (de 1991), aproveita bem *Doolittle*, a obra-prima (de 1989), e desconhece ordem cronológica. No CD 2, um show na Holanda em 1990, os Pixies iniciam atropelando com "Debaser", "Hangwire", "Gouge Away" e outros clássicos. Então Kim Deal bota a plateia para bater palminhas e piar no dedinho durante "Hey" (um lição nas bandas alternativas que se fazem de difíceis no palco). E no fim Black Francis brinda-nos com um set acústico ("Wave Of Mutilation" e "Where Is My Mind?", que devia ser hino da minha geração). Uma loucura a ser descontroladamente festejada. *Pedro Só*

Robert Fripp *(à esq.)* e a formação clássica do King Crimson brilham num caixote caprichado

Sem perder a majestade

Epitaph (Virgin Records) é um sonho molhado para a ala completista dos fãs do **KING CRIMSON**. Em dois CDs bem recheadinhos estão a primeira e a última apresentação da formação clássica do grupo – Greg Lake (baixo, Ian McDonald (sopros e teclados), Michael Giles (bateria), Pete Sinfield (letras e iluminação espiritual) e, logicamente, o dono das canções Robert Fripp (guitarra e orientação musical). Vá lá que das dezesseis faixas três são versões diferentes de "21st Century Schizoid Man", três de "Epitaph" e outras duas de "In The Court Of The Crimson King". Mas o importante é o registro histórico da evolução da banda – e das músicas – em curtíssimo período de tempo.

Como se não bastasse, ***Epitaph*** vem acompanhada de anotações copiosas de Fripp. Nelas, o guitarrista narra a trajetória daquela formação da banda, louva suas qualidades e lamenta a dissolução. Apesar do título fatalista, Fripp fecha a tampa prometendo desencavar outros shows históricos, o que renderia pelo menos mais uma caixa no futuro. *J E R*

Talento enfim reconhecido

Em 11 de setembro de 1987, **PETER TOSH** partiu para um encontro forçado com Jah. Tomou quatro tirambaços no peito, desferidos por uma turma de meliantes que invadiu sua casa em Kingston, na Jamaica. Foi um fim melancólico para um artista que, apesar de ter caído nas graças de boa parte do público e da crítica, nunca alcançou o merecido status de superstar.

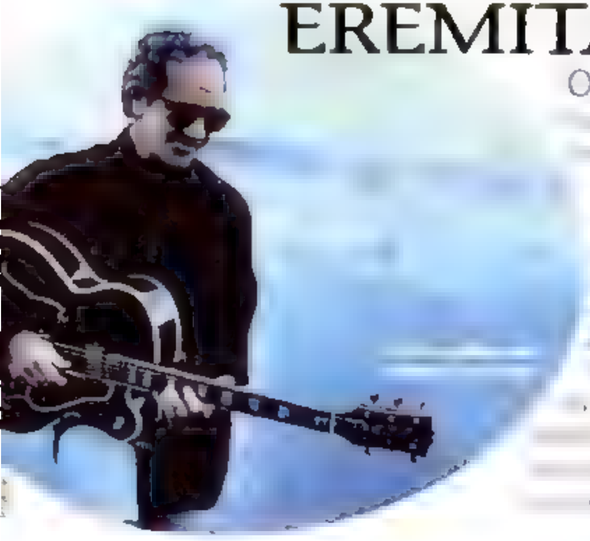
Mas o caixote **Honorary Citizen** (Legacy/Columbia) está aí para mostrar ao pessoal que o sucesso do reggae não se deve apenas às tranças de Bob Marley. São três CDs em edição luxuosa, com texto do especialista Roger Steffens e seleção musical que varia entre raridades e hits do Bush Doctor.

O primeiro CD concentra os sucessos da fase jamaicana de Peter Tosh. Neles, o reggaeman mostra uma inabalável devoção a Jah e aquela pegada de guitarra que influenciou gente como Wyclef Jean, dos Fugees. Os destaques são "Bumba Klaat", o hino "Can't Blame The Youth" e "Fire Fire" e a versão canábica para "Heres Comes The Sun", dos Beatles. O segundo disquinho faz um apanhado das diversas performances de Tosh ao vivo. Ali você confere de perto a capacidade da banda Word, Sound & Power em suas mais diversas formações. É colocar no CD player e vibrar com as viradas de bateria de Sly Dunbar e Carl Santa Davis, o baixo potente de Robbie Shakespeare e George Fully Fullwood e a guitarra de Donald Kinsey.

Honorary Citizen encerra com um apanhado dos hits mundiais de Peter Tosh. Que não foram poucos: "Don't Look Back" (dueto com Mick Jagger), "Bush Doctor", "Equal Rights", "Downpressor Man", "Stepping Razor" (de Joe Higgs, que Tosh surrupiou na caradura) e muitos outros. *Sergio Martins*

Peter Tosh em *Honorary Citizen*: [illegible] forte apelo à Rabbilândia.

EREMITA DA GUITARRA



O [illegible] CALE

[illegible] The Very Best Of J [illegible] Cale [illegible]

Obra-prima ampliada

Os Beach Boys chegaram ao máximo de sua carreira com *Pet Sounds*

Depois de um ano e seis meses finalmente sai a luxuosa caixa **The Pet Sounds Sessions** (EMI Music). São quatro CDs documentando o disco dos **BEACH BOYS** que virou de ponta-cabeça o rock nos anos 60. O pacote deveria ter saído no ano passado, quando o disco completou 30 anos, mas ficou engavetado devido a problemas internos do grupo.

Pet Sounds foi uma invenção de Brian Wilson, o genial líder dos Beach Boys, que estava cansado de gravar músicas com temas relativos a surf e verão. O trabalho dos Beach Boys começava a ficar cada vez mais complicado, incorporando instrumentos exóticos e orquestras inteiras.

O grande barato da caixa é tirar do fundo dos cofres os vários takes alternativos que mostram etapa por etapa como foi a arquitetura sonora que Brian usou para construir sua obra-prima. O primeiro CD traz o disco inteiro mixado em estéreo autêntico. *Pet Sounds* foi mixado em mono, como era a vontade de Brian – que era surdo do ouvido direito e nunca entendeu a estereofonia. Mas ouvir a obra em estéreo não chega a ser um sacrilégio. Pelo contrário, os detalhes dão uma visão ainda mais acurada da genialidade do líder dos Beach Boys.

Boa parte dos outros CDs da caixa é tomada por sessões de gravação não incluídas no álbum original, com Brian ensinando aos músicos como as clássicas "God Only Knows", "I Just Wasn't Made For These Times", "Wouldn't It Be Nice" e "Caroline No" deveriam ser construídas. *Pet Sounds* também traz uma porção de versões alternativas, como "Here Today", cantada por Brian (no disco, a faixa ficou com Mike Love), e "I'm Waiting For The Day", na voz de Mike em vez da de Brian.

O quarto CD traz o disco em sua versão mono, do mesmo jeito que saiu em 1966, e tem mais punch do que a edição em CD, lançada em 1990. Os iniciados e pesquisadores vão ter muita coisa para ouvir. A caixa traz dois livretos, um deles com quase 100 páginas detalhando a história do disco. Uma obra-prima para ser ouvida aos poucos. *Paulo Cavalcanti*

spider music
AGORA NA INTERNET www.spidermusic.com.br
REAL AUDIO - Shows ao vivo e programas de rádio ingleses
CD SINGLES: Americanos por R$ 10.80 e Europeus por R$ 14.80
ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL (021) 521-8967

LONDON CALLING
CD's • VHS • LD's
TEL-FAX: (011) 223-5300
A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
SEMPRE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO
RARIDADES DE:
• U2 • OASIS • BON JOVI • • CURE • SUEDE • PRODIGY • • SIOUXSIE • FLOYD • ZEPPELIN • E TODOS OS ESTILOS
ENVIAMOS PARA TODO PAIS
ACEITAMOS CARTÃO
RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA
LOJA 15 - CEP: 01041-000 - CENTRO - SP

Enjoy it

Clique & pague

Compre pela Internet e receba em casa as novidades em CD

Go To: http //www enjoyit com

CD NOW
Todos os títulos são organizados por estilo e, com o serviço de busca, você escolhe pelo nome do artista. Sempre tem o que você está procurando, de singles raros a camisetas. Uma dica boca é o pedido antecipado para o inédito A princesa Diana.
US$ 19.98

COMO COMPRAR:
Para comprar um CD, o sistema é semelhante a um supermercado. Cada vez que você clica no botão de sempre (às vezes é indicado como "ORDER", outras vezes como "BUY"), o CD que você comprou é colocado em um "carrinho". Terminada a busca, só falta passar no "caixa do supermercado", somar, preencher os dados do formulário e pagar com cartão de crédito (todos os sites são providos de sistema de segurança que impede que o número do seu cartão caia em mãos erradas). No Brasil, as encomendas levam pouco mais de duas semanas para chegar a sua casa e uma taxa de frete (especificada antes) é acrescentada à sua compra.

PARA OUVIR
A maioria das lojas virtuais utiliza o sistema Real Audio para tocar músicas em tempo real. Baixe o software em http://www.realaudio.com

MUSIC BOULEVARD
Um dos sites de CDs mais completos e bem explicados da Internet. A imagem de uma porta giratória é a entrada para você comprar álbuns recém-lançados nos EUA. Procure e ouça em Real Audio o artista que quiser. Comprando Best of 1969-1974, de David Bowie, você ganha um CD EP exclusivo.
US$ 13.49

SUB POP
Órfãos do Nirvana e do Soundgarden podem encontrar os primeiros álbuns dos grupos no site da gravadora Sub Pop. Também está disponível o clássico do Mudhoney Superfuzzbigmuff + Early Singles.
US$ 18

Onde encontrar:
Tower Records: http://www.towerrecords.com
CD Now: http://www.cdnow.com
Rhino: http://www.rhino.com
Sub Pop: http://www.subpop.com
Music Boulevard: http://www.musicblvd.com

TOWER RECORDS
A versão eletrônica da loja de CDs mais completa do mundo possui o mesmo acervo de suas similares de concreto. Procure pelo nome do artista ou pelo estilo de música.

RHINO
No site dessa gravadora especializada em rock dos anos 50 e 60 e bizarrices em geral, você é convidado pelo rinoceronte amigo a conhecer raridades irresistíveis. A pechincha do verão é a coletânea de surf music Surfin' Hits.
US$ 11.98

Estilão

SKA

Diretamente dos brechós de Sampa, a elegância britânica do estilo *two-tone* dos Skamoondongos

O suspensório substitui o cinto para segurar a calça larga. Mas seu objetivo já foi outro: os trabalhadores usavam-no para escapar da polícia inglesa, que, sem armas, laçava os delinquentes pela perna. Soltando o suspensório, a calça ficava na mão da polícia

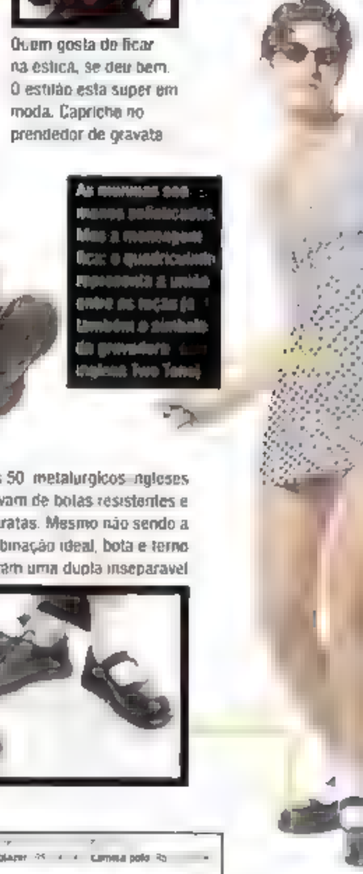
Quanto mais *bottom* melhor! A influência vem daquelas surradas jaquetas de couro de punks mais surrados ainda

O sobretudo anda mais é de que uma inspiração no visu dos gângsteres dos anos 30. Aquela velha história de *duel boy*, perigoso e procurado pela polícia...

Os óculos nunca tiveram uma função específica. São usados somente para dar uma onda

O chapéu é mais uma cópia descarada da tradição britânica. Se a *night* for pro brejo, finja cegueira e descole um troquinho

Quem gosta de ficar na estica, se deu bem. O estilão está super em moda. Capriche no prendedor de gravata



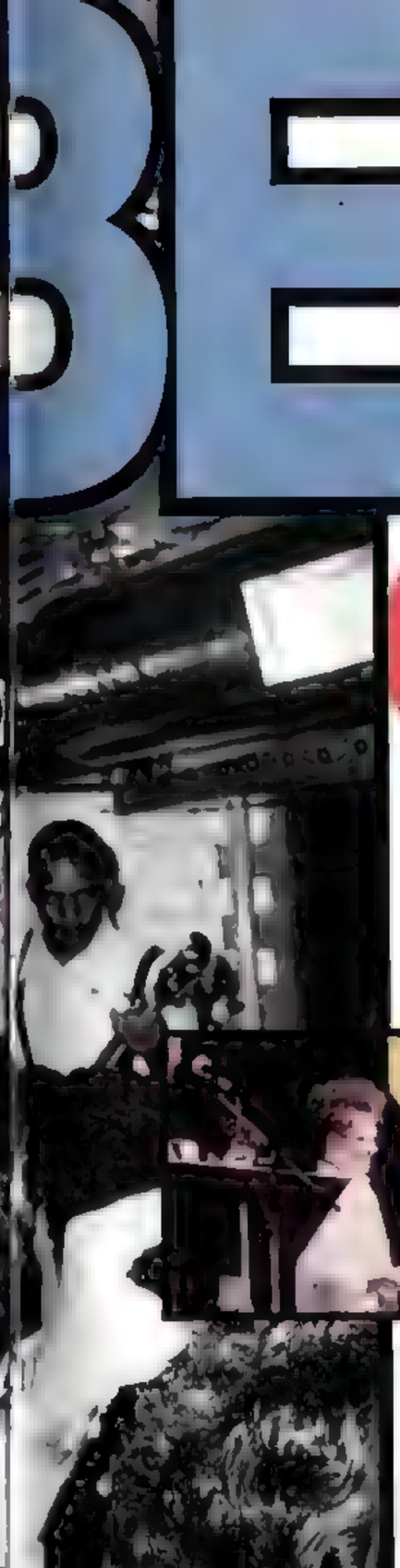
Nos anos 50, metalúrgicos ingleses precisavam de botas resistentes e baratas. Mesmo não sendo a combinação ideal, bota e terno viraram uma dupla inseparável

PREÇOS E ENDEREÇOS					
Bottons (vários)	Vestido	Óculos			
Bolsa	Sobretudo	Camisa	Calça	Blazer	Camisa polo
Chapéu	Gravata + sobretudo				
	Bota masculina	Sapato feminino			

Maquiagem: Fabiana Krenek - Styling: Lara Guerra

THE BEST

Dez anos de Prêmio BIZZ dão um panorama do que foi o pop e o rock no Brasil desde o estouro na década de 80



Que beleza... Está aí na sua mão a cédula de votação para o PRÊMIO BIZZ. MELHORES DO ANO DE 1997. Sim, senhor, depois de dois anos sem eleição, você volta a mexer o batelho e apontar os destaques nacionais e internacionais que fizeram o som rolar neste ano que está dando o pista. Por aqui, nós da Redação já estamos nos mexendo, dando aquela olhada na discoteca, lembrando dos shows que rolaram e quebrando a cabeça para fazer nossa votação. Só falta VOCÊ fazer a sua parte e sairmos juntos para o abraço. E como diria o filósofo Bezerra da Silva: se liga, meu irmão! No que eu vou te dizer: vote com o coração, mas não deixe que apenas a empolgação pela sua banda predileta decida a sua escolha. 1997 deu uma boa safra. Teve para todos os gostos. Esta é a sua oportunidade de apitar um pouquinho na história do pop rock no Brasil. Sem cafu.

Durante dez anos (de 1985 a 1994), BIZZ (por meio de seus críticos e dos leitores) elegeu os melhores artistas de cada ano. Voto direto e sem viradas de mesa. Dividida em categorias como melhor banda, disco, música, vocalista, letrista, artista-revelação etc., a eleição vista de hoje, traça um belo perfil do que vem sendo a música pop e o rock no Brasil, desde que ambos se tornaram realmente populares, na metade dos anos 80. Gente consagrada atualmente como Nirvana, Cidade Negra, Björk (quando ainda era vocalista do Sugarcubes), Edi Motta e Fernanda Abreu, um dia venceu na categoria revelação. "O prêmio é um reconhecimento dos leitores de todo o Brasil pelo trabalho que faz. Estou superfeliz", comemorou Fernanda, quando recebeu a notícia de que havia sido a revelação nacional de 1986. »»

Em destaque, a Legião toca numa das festas promovidas pela BIZZ. No detalhe, Robert Smith, do Cure, recebe o prêmio de melhor grupo internacional de 1986 das mãos de José Emílio Rondeau

Legião e Titãs são os grandes vencedores nacionais;

U2 lidera entre os gringos

Olhando o panorama das premiações, adivinha qual é o nome mais citado tanto pelos críticos quanto pelos leitores? Começa com R e termina com... Renato Russo! O cantor foi heptacampeão na categoria "melhor vocalista" e pentacampeão na "melhor letrista", sem contar os prêmios de "melhor disco" "melhor música"... A Legião foi citada em TODAS as edições dos melhores do ano. Em 1991, o baterista Marcelo Bonfá deu a seguinte declaração: "Eu acho que é por causa desses prêmios todos dos leitores que vamos dar shows no meio do ano. No momento, não tem nada mais importante para a Legião do que todos esses prêmios concedidos pelos leitores de BIZZ". A exemplo de Renato, outros nomes também surgem constantemente como preferidos dos leitores. U2, Titãs, Guns N' Roses, Engenheiros, Sepultura, Metallica, Nirvana e Madonna também são sempre lembrados. Em alguns casos, a paixão por certos artistas é tão grande que quem acaba decidindo o voto mesmo é o coração. Em 1989, Sergio Britto, vocalista e, ocasionalmente, tecladista dos Titãs, papou o prêmio de melhor do ano na categoria outros instrumentos, batendo o saxofonista Léo Gandelman (segundo colocado) e o *paralamas* João Fera (terceiro). Na época, o próprio Britto questionou a escolha do público. "O fato de eu ter ganho como tecladista é porque as pessoas acabam votando em quem está mais evidente. Eu não faço nada de mirabolante". Nesse mesmo ano, os Titãs travaram um duro atrito com a Legião e acabaram se dando bem. *Ô Blesq Blom* foi considerado o melhor disco (crítica e público), derrotando *Quatro Estações*, da Legião. "Flores" (segundo os leitores) e "Miseria" (crítica) foram as melhores músicas. Também foram eleitos – unanimemente – o melhor grupo. E, para os leitores, os Titãs foram os melhores instrumentistas do ano. Além de Britto, o melhor tecladista, Tom Bellotto foi o melhor guitarrista, Nando Reis, o melhor baixista, e Charles Gavin, o melhor baterista. Arnaldo Antunes foi considerado o melhor letrista.

Quando Renato Russo mesmo competeu contra seus Titãs – você sabe (ou não), todos eles cantam – agrupou seu melhor vocalista de 1989 num mesmo show de público e crítica. Bicam-pe-ão! Gritaria a TOLG, Torcida Organizada da Legião Urbana.

Um ano antes, os leitores também colocaram Renato no altar, pois ele e a Legião fizeram a festa durante o ano na exposição-casa de shows paulistana Projeto SP durante a entrega do prêmio. Festaça, festaça. Aberta ao público, que pode comprar ingressos para ver o show, o lugar botava gente pelo ladrão. Leitores, artistas, críticos... Uma dobradinha confusão vista em menor escala, dois anos antes, quando Robert Smith, líder do Cure, recebeu das mãos de José Emílio Rondeau – hoje correspondente internacional de SHOWBIZZ – o troféu de ícone pelo prêmio de melhor grupo internacional de 1986, segundo os críticos. A festa aconteceu no Teatro Carlos Gomes, no Rio, quando público e menos artistas se divertiram com as apresentações de Titãs (ra!) e Violeta de Outono.

Além dessas duas comemorações, BIZZ promoveu mais alguns pega-bolas na década de 90. Nesse período, Sepultura, Metallica, Nirvana, Raimundos, Chili Peppers e Ministry (!) foram os principais vencedores.

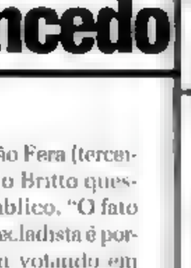
OS MELHORES de todos os ANOS

Os grandes vencedores da história do Prêmio BIZZ, segundo os leitores

1985

Grupo Ultraje A Rigor
Disco *Nos Vamos Invadir A Sua Praia* - Ultraje
Música - "Sera" - Legião Urbana
Revelação - Biquini Cavadão

Grupo - U2
Disco - *Like A Virgin* - Madonna
Música - "Pride (In The Name Of Love)" - U2
Revelação - Katrina & The Wave



1986

Grupo - Legião Urbana
Disco - *Dois* - Legião Urbana
Música - "Alvorada Voraz" - RPM
Revelação - Violeta de Outono

Grupo The Cure
Disco *Bring On The Night* - Sting
Música "Take On Me" - A-Ha
Revelação Sigue Sigue Sputnik

1987

Grupo - Titãs
Disco - *Jesus Não Tem Dentes No País Dos Banguelas* - Titãs
Música - "Que País É Esse?" - Legião Urbana
Revelação Fausto Fawcett

Grupo U2
Disco *The Joshua Tree* - U2
Música - "With Or Without You" U2
Revelação - Suzanne Vega

1988

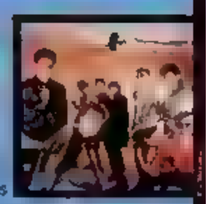
Grupo Titãs
Disco *Go Back* Titãs
Música "Faroeste Caboclo" Legião Urbana
Revelação Ed Motta

Grupo U2
Disco - *Rattle And Hum* U2
Música - "Desire" - U2
Revelação - Tracy Chapman

1989

Grupo - Titãs
Disco - *Ô Blesq Blom* - Titãs
Música - "Flores" - Titãs
Revelação - Uns E Outros

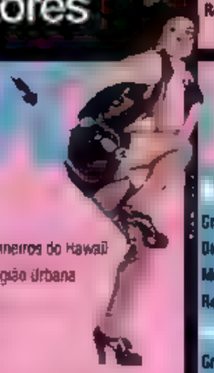
Grupo U2
Disco - *Lies* - Guns N' Roses
Música - "Patience" - Guns N Roses
Revelação - Information Society



1990

Grupo - Legião Urbana
Disco - *O Papa É Pop* Engenheiros do Hawaii
Música - "Pais E Filhos" - Legião Urbana
Revelação Fernanda Abreu

Grupo - Guns N' Roses
Disco - *No Prayer For The Dying* - Iron Maiden
Música - "Knockin' On Heaven's Door" - Guns N' Roses
Revelação - Faith No More



1991

Grupo Legião Urbana
Disco - *V* - Legião Urbana
Música - "Teatro Dos Vampiros" - Legião Urbana
Revelação - Cidade Negra

Grupo Guns N' Roses
Disco - *Use Your Illusion II* - Guns N' Roses
Música - "Losing My Religion" - R.E.M
Revelação - Extreme

1992

Grupo - Sepultura
Disco - *Supermercados da Vida* - Barão Vermelho
Música - "Vento Ventania" - Biquini Cavadão
Revelação - Yo-Yo-Delic

Grupo Red Hot Chili Peppers
Disco - *Blood Sugar Sex Magik* - Red Hot Chili Peppers
Música - "Smells Like Teen Spirit" - Nirvana
Revelação - Nirvana

1993

Grupo Sepultura
Disco - *Chaos A.D.* Sepultura
Música - "Perfeição" Legião Urbana
Revelação - Gabriel O Pensador

Grupo Metallica
Disco - *Zooropa* - U2
Música "Living In The Edge" - Aerosmith
Revelação - Spin Doctors

1994

Grupo Raimundos
Disco - *Raimundos* - Raimundos
Música - "Meus Bons Amigos" - Barão Vermelho
Revelação - Angra

Grupo - Rolling Stones
Disco - *Unplugged In New York* - Nirvana
Música "Take It Back" - Pink Floyd
Revelação Green Day

ONZE PERGUNTAS

MAX CAVALERA

Do estúdio Indigo Ranch, em Malibu, o ex-Sepultura dá detalhes do seu álbum solo, que sai em março e conta com a participação da Nação Zumbi

por JOSÉ EMILIO RONDEAU

É coincidência gravar seu primeiro álbum solo na mesma época e no mesmo estúdio onde foi feito *Roots*?
Eu estou trabalhando neste disco desde janeiro. Grande parte do novo material foi composto nesta época, e assim que ficou pronto resolvi entrar no estúdio. Nada foi planejado.

Todas as canções são novas ou também há sobras que você não usou no Sepultura?
Desde a época da turnê do *Chaos A.D.* eu tenho um gravadorzinho portátil de quatro canais que eu levo para trabalhar na estrada. Eu usei um pouco dessas coisas mais antigas. Mas não muito. A maioria veio da necessidade de compor e colocar a vida no lugar.

É muito diferente trabalhar sem contar com o apoio de uma banda?
É diferente, mais difícil... Mas, ao mesmo tempo, tenho mais liberdade, também. Há coisas que estou fazendo aqui que talvez não fizesse se estivesse com o Sepultura.

Algum exemplo?
Eu estou curtindo muito o trabalho com a Nação Zumbi e se estivesse no Sepultura o Lúcio (*Maia, guitarrista*) só tocaria em uma música e não no disco inteiro, como está acontecendo. Admiro muito o trabalho dele e acho que ele é um dos melhores guitarristas da atualidade. Também não gravaria coisas como "Umbabarauma", do Jorge Ben, uma coisa tão fora do comum para mim... Estou tendo a chance de expandir o meu trabalho.

Você parece muito empolgado. Quais são as suas expectativas em relação a este disco?
Acho que este CD vai abrir muitas portas para mim. No futuro vou poder levar minha música para muito além do Sepultura.

Onde exatamente você quer chegar?
Quero atingir um público que não ouve o Sepultura por achar que é só heavy metal. Esse trabalho vai ser a chance de um cara que ouve Beastie Boys e Bob Marley gostar também. É mais eclético.

Com tantas mudanças, você não acha que pode assustar os velhos fãs do Sepultura?
Tenho certeza que não. Há elementos novos, mas ao mesmo tempo as músicas mantêm o mesmo peso, aquele fogo anterior. Não quero e não vou dar as costas aos fãs que me botaram onde eu estou agora.

Este disco é muito diferente do que teria sido o sucessor de *Roots*, o último que você fez com o Sepultura?
Acho que é uma progressão natural. Se eu ainda estivesse no Sepultura, o faria do mesmo jeito, tentando fazer a banda ir mais para a frente, expandir o som para ficar sempre original e atual.

Você também foi ousado em *Roots*... Há diferenças na confecção dos dois trabalhos?
Esse foi mais fácil de sair porque os músicos que estão aqui têm menos medo e estão mais a fim de experimentar.

Como você escolheu os músicos da nova banda?
O baixista Marcelo Dias é amigo meu há doze anos. Ele fazia luz para o Sepultura e a gente sempre trocou figurinha. Em turnê ele sempre vinha pro meu quarto para a gente tirar um som. Ao invés de pegar alguém famoso, fiquei em casa mesmo, é mais fácil trabalhar falando português. Quanto ao Roy Mayorga (*baterista*), fiquei bastante impressionado quando ele remixou "Refuse and Resist" para o *Chaos A.D.*, que saiu na trilha do filme *Mortal Kombat*, e botou bastante percussão. Ele é baterista de hardcore das antigas, mas é apaixonado por viagens brasileiras, ele ouve Olodum e Chico Science pra caralho. Acho que ele é mais brasileiro do que muito brasileiro que eu conheço.

Quantas canções terão percussão do Naçao Zumbi?
Pô, eles rocam na metade do disco. Tirando as músicas mais agressivas, este álbum está mais para o lado das raízes africanas, o lance dos escravos do qual já falei na SHOWBIZZ. Tem até letras falando de Zumbi, Quilombo... Nesses casos, os tambores deles encaixam perfeitamente.

SILVERCHAIR

Figuras esquisitas e sensacionalismo [illegible] do trio de garotos australianos

Circo de horrores

Freaks (1932) é uma daquelas obras-primas do cinema trash. Dirigido por Tod Browning, o filme apresenta personagens como uma hermafrodita, a Mulher Gaúcha e as Siamesas em meio a um enredo de ficção. A bizarrice contida no filme serve de influência até hoje e pode ser notada em fitas como *Crimes de Gênios* (1995). No mesmo ano, Browning emplacaria outra obra fundamental, *Drácula*, estrelada por Bela Lugosi

Meu doce vampiro

Ninguém interpretou Drácula tão bem quanto Bela Lugosi. [illegible] húngaro radicado nos EUA viveu as aventuras do conde romeno no teatro e se consagrou ao interpretar o dentuço numa produção hollywoodiana. Lugosi tinha como marca registrada o olhar de peixe-não-morto e o inconfundível sotaque que até hoje é imitado por seus admiradores. Ele ainda se recusou a interpretar outro grande monstrengo – Frankenstein. Viciado em morfina, entrou em decadência na década de [illegible] e passou a viver de produções tipo "Z". Lugosi morreu em 1956 e foi enterrado com sua famosa roupa de vampiro

Freak

Daniel Johns

No more maybes
Your baby's got rabbies
Sitting on a ball
In the middle of the Andes

Yeah I'm a freak of nature
Yeah I'm a freak

Body and soul I'm a freak I'm a freak
Body and soul I'm a freak

Try to be a different
We'll get a different disease
Seems it's in fashion
To need the coldsore cream

I don't really know
How to put on a cool show
As boring as they come
Just tell me where to go

If only I could be cool as you

Chris Joanou, Daniel Johns e Ben Gillies: três bonitas aberrações da [illegible]

Aberração

Sem talvez
Seu bebê tem raiva
Sentado numa bola
No meio dos Andes

Sim, eu sou uma aberração da natureza
Sim, eu sou uma aberração

Corpo e alma, eu sou uma aberração
Corpo e alma, eu sou uma aberração

Tento ser diferente
Bem, pegamos uma doença diferente
Parece que está na moda
Precisar de pomada para afta

Eu realmente não sei
Como me colocar num show legal
Tão chato quanto eles
Apenas me diga para onde ir

Se ao menos eu pudesse ser tão legal quanto você

© 1995 Sony Music Australia/Sony Music Publishing

Paraíso maldito

A Cordilheira dos Andes está localizada na América do Sul e tem mais de 6.400 quilômetros de extensão. Vai da Terra do Fogo, na Argentina, à Venezuela. É uma região pouco habitada – o frio chega a níveis insuportáveis – e sua geografia inclui o Aconcágua, o maior pico do continente. Os Andes também foram cenário de um acontecimento macabro: em 1975, as vítimas de um acidente aéreo – eles faziam parte de um time de hóquei uruguaio – praticaram canibalismo para poder sobreviver no local

Meu amigo, meu herói

Depois de lançar o álbum *Frogstomp* (1995), o Silverchair foi convidado para abrir a turnê do Red Hot Chili Peppers – na época promovendo o álbum *One Hot Minute*. As más línguas juram que desde então nasceu uma amizade muito forte entre o vocalista Daniel Johns e o ídolo dos Red Hot Chili Peppers, Anthony Kiedis. Mas hoje em dia Johns prefere elogiar o comedor de morcegos Ozzy Osbourne

Show de horrores

Você reclama de Ratinho e sushi erótico? Pois saiba que nos EUA a coisa é muito pior. Em lá há shows que [illegible] sensacionalismo e falta de educação, apresentados [illegible] Oprah Winfrey, [illegible] Ricky Lake e Geraldo [illegible] pretensamente sérios. Na pauta, discussões entre [illegible] amantes e mulheres traídas e todo tipo de baixaria. [illegible] importou esse tipo cultural. Trata-se de *Márcia* [illegible]

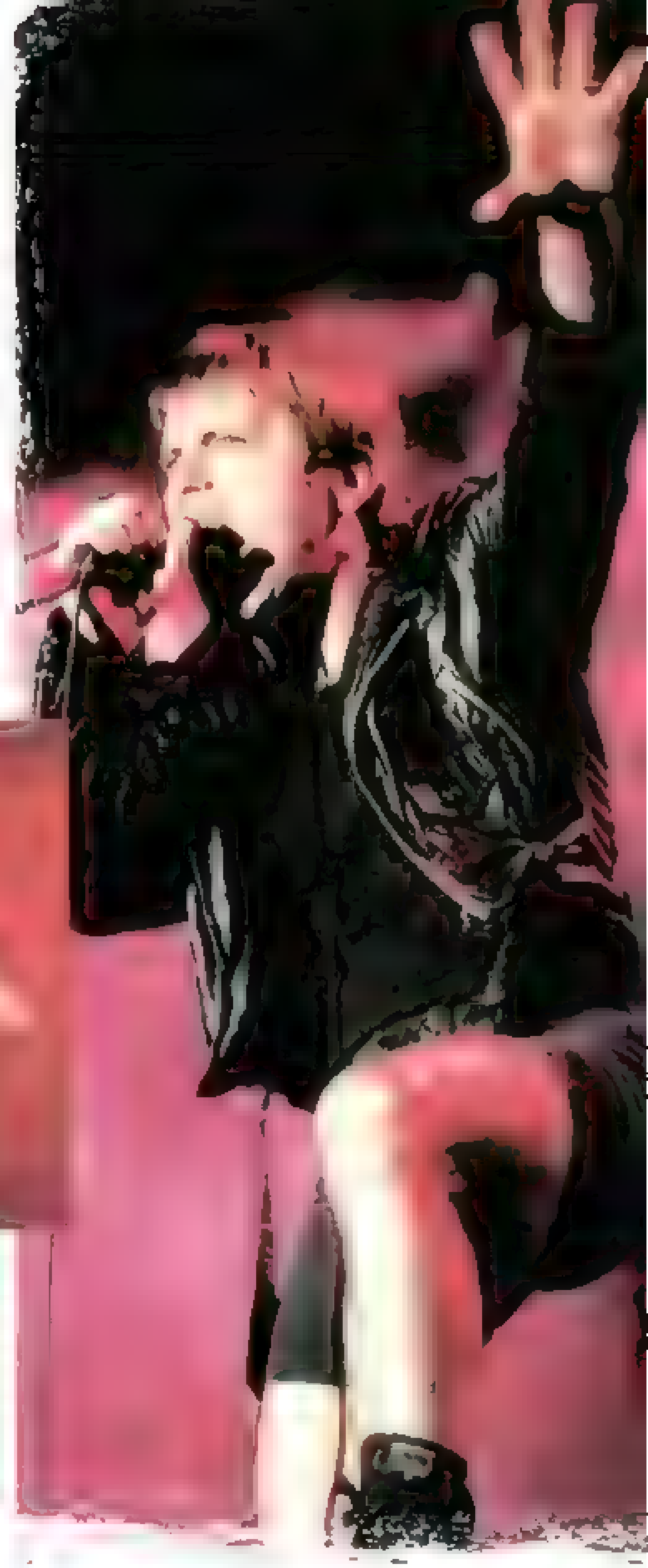
heavy metal tem PODER

Skol Rock – São Paulo, 15/11

Andam dizendo que o heavy metal está em baixa no mundo todo, certo? Errado. Pode ir tirando São Paulo dessa listinha... Num sábado frio e chuvoso, aproximadamente 25 mil pessoas – pra variar, quase todas vestidas de preto – se acotovelaram na pista de atletismo do Ibirapuera para assistir a Jason Bonham Band, Dio, Bruce Dickinson e Scorpions. Duas semanas antes, com David Bowie e tudo, o festival [illegible] Planet [illegible] conseguiu levar metade desse público ao mesmo local.

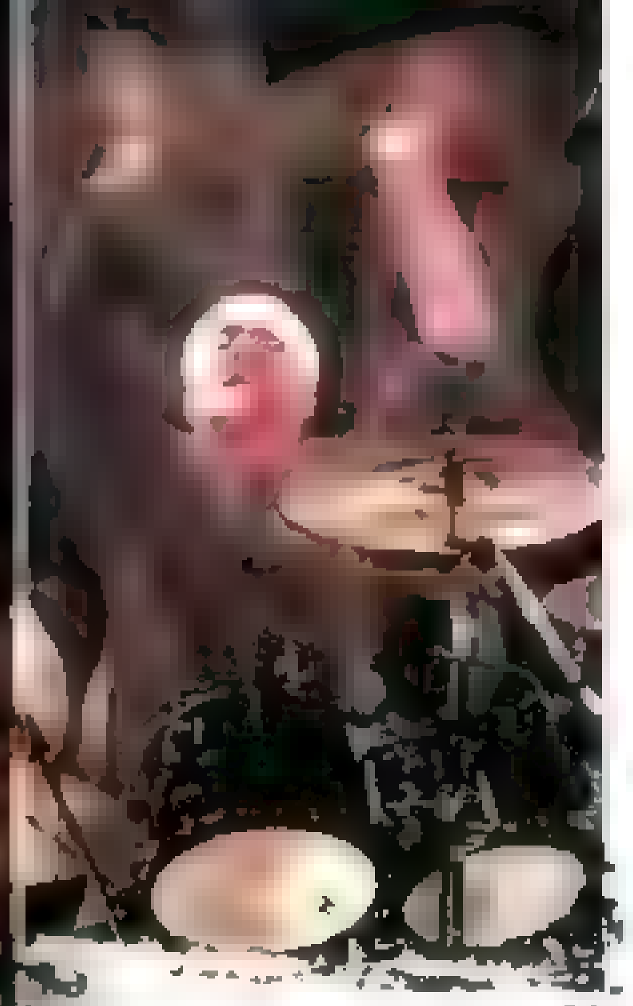
Enquanto o Brasil festejava e [illegible] palminhas por ter se tornado república há 108 anos, a tropa de policiamento fechava a cara e reprimia até a última ponta. Provavelmente empolgados com a arbitrária prisão do Planet Hemp, os canas marcaram em cima e abusaram do poder mais uma vez: quem foi ao show vestindo camisetas da banda de Marcelo D2 teve de tirá-la ou virá-la do avesso para poder entrar.

Mas nem esse ato de violência tirou o ânimo da galera. Depois de uma maratona de 4 horas com bandas que participavam da final do festival de grupos independentes, mais Severinos Atômicos, Aquaplay e Dr. Sin, o show de verdade só começou às 8 da noite com a Jason Bonham Band. Atacando do repertório do Led Zeppelin, o grupo do baterista filho do lendário John Bonham revelou-se uma banda de cover das boas. O vocalista Charles West é um clone bem-acabado de Robert Plant, e músicas como "The Song Remains The Same", "Communication Breakdown" e "Heartbreaker" foram tiradas com competência, e o gordinho Jason mostrou, mesmo que [illegible], que tem a [illegible] da Besta correndo pelas veias. Encerrou a apresentação quebrando tudo no solo de "Moby Dick" – famoso nas mãos de papai Bonham.



Pela terceira vez no Brasil, a dupla de guitarristas do Scorpions, Rudolf Schenker e Matthias Jabs (foto em destaque), repetiu as boas atuações. Até nas coreografias... No detalhe, a ordem de entrada dos artistas no festival. Acima, a primeira fila da massa de 25 mil pessoas, que agitou até de madrugada

Com o forte policiamento, quem saiu de casa sujo... rodou



Jason mostrou que tem mesmo o sangue de John Bonham correndo nas veias. Ronnie James Dio provou que continua com a voz em cima

Ronnie James Dio foi o seguinte e entusiasmou o público. O baixinho veio pra divulgar o disco *Angry Machine* e as músicas novas foram recebidas apenas com educação. A coisa esquentou quando ele cantou alguns sucessos solo, como "Holy Diver", e outros da época do Black Sabbath, como "Mob Rules" e "Heaven and Hell". Muito à vontade, Dio provou que sua voz está mais em forma do que nunca e deixou a rapaziada tinindo para o triunfo de Bruce Dickinson.

Não foi à toa que, um dia antes, o também baixinho ficou dando autógrafos durante uma hora direto em um encontro com fãs promovido pela *Folha de S.Paulo*. Acompanhado do guitarrista ex-Maiden Adrian Smith, Bruce se deu muito bem mesclando o novo repertório de sua carreira solo com velhos clássicos do Iron. Em três deles arrebentou com versões de "Run To The Hills", "Flight Of Icarus" e "Powerslave".

Já era quase madrugada e, incansável, a galera estava lá, firme e forte, esperando ansiosa a apresentação dos Scorpions. Sim, Scorpions! E os alemães não decepcionaram. Tiraram canções do fundo do baú e não deixaram de tocar um único hit que o público pedia. Resultado: consagração e a prova de que o heavy metal ainda é grande, muito grande, por estas plagas tropicais.

Paulo [illegible]

Acima, ao lado do lendário guitarrista Adrian Smith, Bruce Dickinson arrebentou mesclando seu novo repertório com antigos hits do Iron Maiden

vai rolar...

Jimmy Cliff & Big Mountain
[illegible]

Stevie Winwood
[illegible]

Fernanda Abreu
[illegible]

Paralamas do Sucesso
[illegible]

Ao Vivo

Loira gelada

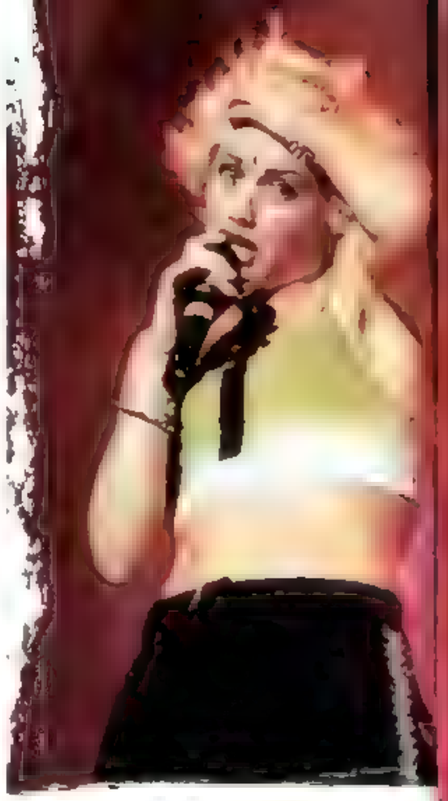
Pista de Atletismo do Ibirapuera – São Paulo, 1°/11

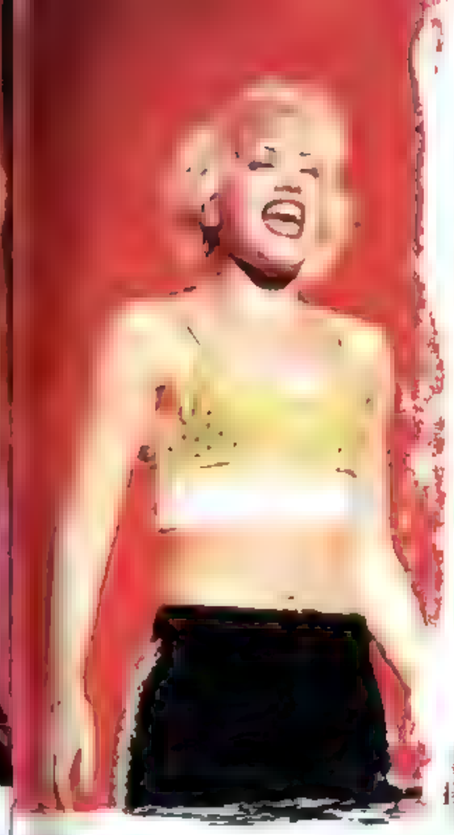
O No Doubt pisou no palco respaldado pelas trocentas mil cópias vendidas de *Tragic Kingdom* e um hit ('Don't Speak" – que tocou até nas chamadas casas de tolerância. Esperava-se então um show para mostrar que os americanos são muuuito melhores" ou uma daquelas apresentações que fazem a gente acreditar que a musica pop ainda tem jeito Nada disso O que se viu foi um grupo de quinta categoria, inábil para lidar com multidões e interpretando canções de forma burocrática

O guitarrista (Tom Dumont) nem sequer faz sua bichinha miar, não se ouve o poder de fogo do baixo de Tony Kanal e o trabalho de sopro (trompete e trombone, obrigatórios em qualquer boa banda de ska) é preterido por uma coreografia boba

Gwen Stefani é uma lástima. Canta mal. Não tem carisma. Trata o público como se ele estivesse no auditório do *Xuxa Park*. Entrou pulando no palco, agarrou o rapaz do trompete e cantou "Tragic Kingdom" e "Spiderwebs" A reação do povo foi nula. Ela escalou a torre do telão durante "Just A Girl", pediu para a platéia cantar e brincou com os companheiros durante "Sunday Morning". Nem sequer foi notada. E o microfone falhou na hora de mandar "Don't Speak'

Depois Gwen recebeu o golpe fatal: "Vocés estão prontos para cantar?", mandou, para em seguida ouvir um "e você? Está pronta para ir embora?", de uns dez caminhos com o inglês do Fisk em dia. A vocalista entendeu a mensagem e saudou Bowie, que vai ficar muitos anos na ativa, enquanto o No Doubt será trocado por outra enganação. *Sergio Martins*





Loura sarada

Metropolitan – Rio de Janeiro, 3/11

Nada como um dia após o outro. Depois da má performance em São Paulo, o No Doubt fez no Rio o que faz nas condições normais de temperatura e pressão no mundo todo: um show divertido e competente de música pop. Pop de popular e de populista

Gwen interage com a platéia o tempo todo, manda, desmanda e comanda, corre os 90 minutos (sem contar o bis) e recorre a brincadeirinhas nem sempre sutis, ainda que eficientes O velho truque de dividir a platéia entre eles e elas, mandar os rapazes cantarem "I'm just a girl" e depois vibrar, com um charme meio Eliana Dedinhos (na comparação não vai nada pejorativo): "*Got ya!*" ("Pegueí vocés!") Os teatrinhos por mais óbvios, sempre causavam reação.

Acostumadíssima a enfrentar platéias de mais de 30 mil espectadores nos EUA, ela sua litros de carisma Os 12 mil louquinhos que vieram ao Metropolitan numa segunda-feira à noite (encheu mais que o Bowie de véspera – o que não chega a ser surpresa) quiseram feito pipoca anfetaminada, obedecendo cegamente às palavras de ordem. Num pequeno intervalo entre as músicas, um coro masculino trrompeu, consagrador "Gostosa! Gostosa!"

Sim, apesar de perdida na modalidade canto aeróbico (deu estrelas vigorosíssimas), sem resfolegar no microfone nenhuma vez, Gwen mostrou afetação um pouco além da conta. A banda realmente não tem nenhum grande musico, mas toca com segurança e energia, sem se propor a ser autenticamente ska. O que aconteceu em Sampa? Provavelmente, o *girl power* estava naqueles dias. *Pedro So*

Como a ganância e a incompetência dos organizadores transformaram LAPADAS NO melhor show dos Raimundos na maior tragédia do rock nacional POVO

Leandro Faria de Almeida, 14 anos, uma das vítimas fatais do show dos Raimundos em Santos

"Santos dá muita sorte à gente", vibrou o vocalista Rodolfo. Era madrugada do dia 8 de novembro e os Raimundos iniciavam a turnê do álbum *Lapadas Do Povo* no Clube de Regatas Santista. Horas depois, a cidade talismã do grupo viraria palco de horror. O público, estimado em 4 500 pessoas, se espremeu diante da única saída de local, resultando em pisoteamentos e na quebra dos corrimões laterais. Saldo: oito mortos e mais de cinqüenta feridos. Foi a maior tragédia da história de shows no Brasil. Ganha da lendária apresentação da Legião Urbana em Brasília e tem mais vítimas que os shows dos Ramones, Sepultura e Midnight Oil juntos.

O presidente do Regatas, Reinaldo Gomes Ferreira, colocou a culpa na platéia. E afirmou que havia quatro portas à disposição – depois confessou que só duas estavam abertas. Mas com certeza não foram os fãs dos Raimundos que decoraram o cenário do horror.

O clube santista foi cuidadosamente preparado para sediar uma tragédia. Sua permissão para abrigar shows foi renovada de maneira irregular, havia poucos seguranças e muita bebida à disposição. "Eram quatro pontos de venda de bebidas. Dois dentro do ginásio e dois nas imediações. Vendiam de guaraná a cerveja e caipeta *(preparada com vodca, leite condensado e guaraná em pó)*", revelou o delegado Cláudio Rossi, do 3º DP (Santos), que apura o caso.

A revista na entrada do ginásio foi quase inexistente. "Eles gritavam: 'Ingresso na mão!' e mandavam a gente entrar", confessa o adolescente Fábio Francisco Farinella. A Rockstrobe, produtora do evento, não contratou sequer um grupo forte de segurança para um acontecimento desse porte (fala-se em dez homens para um público gigante e agitado). »

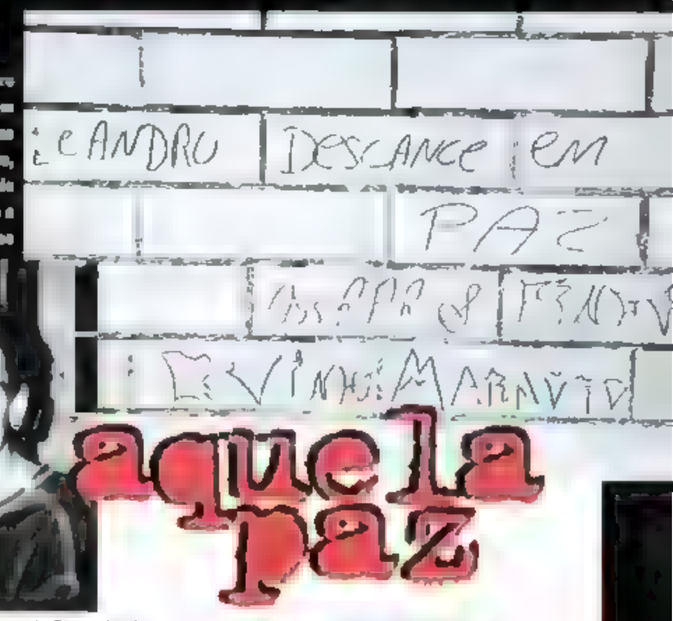
por SÉRGIO MARTINS, de Santos

4500 pessoas, apenas uma saída e nada de equipe de socorro. Muitos feridos foram levados para o hospital em camburão da polícia

Mario *(à esq.)* viu o amigo morrer, enquanto Farinella *(abaixo)* tentou salvar algumas vítimas da tragédia. Abalados, os Raimundos cancelaram a turnê do novo álbum *(à dir.)*

A abertura do show teve a participação de Gabriel Pulga. Ele se trancou em uma das cabines laterais e ficou tocando bateria durante todo o show dos Raimundos. Quando o último acorde soou, ele saiu e foi para o camarim. Ninguém o viu mais. Ninguém sabe onde ele está. Ninguém sabe se ele está vivo ou morto. Ninguém sabe se ele está bem ou mal. Ninguém sabe se ele está feliz ou triste. Ninguém sabe se ele está com fome ou sede. Ninguém sabe se ele está com frio ou calor. Ninguém sabe se ele está com dor ou sem dor. Ninguém sabe se ele está com medo ou sem medo. Ninguém sabe se ele está com raiva ou sem raiva. Ninguém sabe se ele está com vergonha ou sem vergonha. Ninguém sabe se ele está com ciúmes ou sem ciúmes. Ninguém sabe se ele está com inveja ou sem inveja. Ninguém sabe se ele está com orgulho ou sem orgulho. Ninguém sabe se ele está com culpa ou sem culpa. Ninguém sabe se ele está com arrependimento ou sem arrependimento. Ninguém sabe se ele está com esperança ou sem esperança. Ninguém sabe se ele está com fé ou sem fé. Ninguém sabe se ele está com amor ou sem amor. Ninguém sabe se ele está com ódio ou sem ódio. Ninguém sabe se ele está com paz ou sem paz. Ninguém sabe se ele está com guerra ou sem guerra. Ninguém sabe se ele está com vida ou sem vida. Ninguém sabe se ele está com morte ou sem morte. Ninguém sabe se ele está com vida ou sem vida. Ninguém sabe se ele está com morte ou sem morte.

Amigos de Leandro *(fotos)* escrevem mensagens em pedido de paz, fé do reggae e dos Raimundos



aquela paz

Leandro Faria de Resende, de 14 anos, não queria perder o show dos Raimundos por nada deste mundo. Comprou os ingressos por antecipação e recusou os convites para a festa do amigo Danilo Vivian, que iria ocorrer na mesma noite. "Eu falava para ele não ir ao show, ficar com a moçada", lamenta o amigo. Leandro foi cedo para o ginásio, acompanhado de mais cinco colegas. Dentro do local, não se cansou de elogiar a apresentação do grupo, dizendo que era um dos melhores shows que tinha visto desde então. Horas mais tarde, estava morto.

A mãe ficou em estado de choque. Os amigos homenagearam Leandro escrevendo mensagens na parede da escola em que o garoto estudava – a Med, no bairro do Gonzaga (Santos). Ainda fazem visitas diárias à mãe do colega. "A gente fica lembrando dele, colocamos o seu CD predileto (Reggae Vibrations, *que veio como brinde da revista* Fluir)", conta Fabio Francisco Farinella.

Leandro foi um dos primeiros a morrer na confusão que tomou conta do Clube Regatas. Estava para ir embora quando os Raimundos começaram a tocar "Eu Quero Ver O Oco". "Ele voltou para ouvir a música", lembra Mario Nascimento, que estava com o amigo na hora do acidente. Mario gagueja quando lembra da tragédia – e mostra que nunca vai esquecer do acidente. "Ele ficou com a perna presa durante a confusão.

Leandro estava ao lado de Caio, irmão de Mario. "Ele dizia para o Leandro ficar calmo e respirar fundo que eles iriam sair daquele inferno." Não conseguiram. Leandro caiu de uma altura de 5 metros e morreu na hora. Caio, que apesar dos 15 anos mede 1,80 metro, machucou as pernas.

Leandro era um típico adolescente normal: tinha alguma dificuldade nos estudos, mas estudava para passar. Raramente ia a shows, gostava mais de curtir uma discoteca. "A gente ia muito no Planet Z", recorda Farinella.

O garoto vai ser lembrado na formatura da escola, que deve acontecer no final de dezembro. Seus amigos vão cantar "Aquela Paz", da banda santista Charlie Brown Jr. "A música era a cara dele."

tanto que os dois cinturões laterais cederam. "Acho que foi a salvação de muita gente. Senão haveria muito mais fatalidades", aposta o delegado Rassi. Por outro lado, o cenário soturno deixado pelo desabamento assustou. "Tinha uma tenda com cair de uma altura de 5 metros. O ferro do cinturão caiu em cima dela", relata Farinella.

Não havia equipe de socorro à disposição. "Um pessoal chegou antes do salvamento", diz uma testemunha. Muitos jovens foram levados de camburão para os hospitais mais próximos. O Regatas parecia um campo de guerra. "Havia uma poça de lama e carregue as tinha gás e tiro", conta um segurança. "Era muita gente, muita confusão. Quando isso estava acontecendo, as pessoas tentavam escapar."

Os Raimundos, que ficaram no local – e que em nenhum momento foram algemados ou detidos –, não tiveram alternativa – se desesperaram e tentaram arrombar as outras portas restantes, mas em vão. Somente foram abertos os outros quatro portões, inclusive o reservado à saída de artistas.

Os Raimundos só deixaram o local depois do Regatas. Digão sentou na estátua e chegou a chorar. "A gente chegou a ligar o motel para o Pleno Sucesso", conta a vocalista, se referindo à banda de rock.

Nada mais pôde ser feito para entrevistar os roadies da banda. Eles cancelaram os catorze shows restantes da turnê. "Este ano foi o mais show dos Raimundos. A gente está consternado porque nos consideramos a continuação do público em cima do palco. Perdemos sete irmãos", diz Rodolfo (a oitava vítima faleceu após a entrevista). Para Digão, a desgraça causou o mesmo impacto que perder um membro da família. "É como se tivesse morrido um de nós."

Leia mais sobre a tragédia na edição de SHOW BIZZ que está nas bancas. Nessa edição, os Raimundos explicam o que aconteceu no show do Regatas e contam como estão lidando com a tragédia. Também na edição, Fernanda Abreu, Skank, Marcelo D2, Jota Quest, Cidade Negra, Pitty, Cássia Eller, Ivete Sangalo, Jorge Ben Jor, Gabriel o Pensador, Capital Inicial, Paralamas do Sucesso, Titãs, Lenine, Marisa Monte, Ed Motta, Seu Jorge, Ana Carolina, Zeca Baleiro, Nando Reis, Lulu Santos, Lobão, Ira!, Barão Vermelho, Legião Urbana, Engenheiros do Hawaii, Kid Abelha, Ultraje a Rigor, Blitz, Os

Pagando Mickey

Jon Bon Jovi encara o papel de pobre cantor de rock em novo filme da Disney

Bon está enroscado com o rato até as orelhas

O título do filme já dá, mais ou menos, o tom da parada. *Love Hurts* (Amor Dói), a nova aventura do nosso bom Jon no cinema, conta a história de uma banda de bar que batalha pelo sucesso. E é aí que entra o novo ator, se passando por um esforçado e carismático líder de grupo lutando para chegar ao estrelato. Envolvido até as orelhas com o projeto, Jon também irá compor a trilha do filme e dar uns pitacos no roteiro.

Quanto à volta do Bon Jovi... Como prometido no fim de 1996, o grupo só se reúne para compor as canções do próximo disco lá pelo meio de 1998. Enquanto isso, o guitarrista Richie Sambora vai babando na filhinha Ava Elizabeth, fruto de seu casamento com a atriz Heather Locklear. A menina chegou a essa beleza de mundinho no dia 4 de outubro, depois de um longuíssimo trabalho de parto de 35 horas (!)

De outro mundo

Lenine: Joe da MPB

Lenine é o novo queridão da música brasileira moderna. Seu primeiro disco solo (antes já dividiu trabalhos com Marcos Suzano e Lula Queiroga), *O Dia Em Que Faremos Contato*, é um retrato fiel do homem-que-plantou-uma-parabólica-na-lama-da-MPB. Para a gravação do álbum, ele e o produtor Chico Neves utilizaram-se até de um arquivo próprio de ruídos, já que não queriam os sons já existentes nos sintetizadores.

"O tema do disco é o futuro do passado, contido na ficção científica dos anos 50 e 60. Sou um profundo conhecedor de *Herculóides*, *Planeta dos Macacos* e *Perdidos no Espaço*. O que existe agora é MPP, Música Popular Planetária", manda.

Vem dançar comigo

Segundo o *kid abelha* George Israel, "aconteceu espontaneamente"... Ele se refere ao recém-lançado *Remix*, o disco em que DJs famosos remixam sucessos do Kid. O projeto pintou depois que as versões de "Te Amo Pra Sempre" e "Pintura Íntima" fizeram sucesso nas rádios. Aí surgiu a idéia de que feras como Corello, Cuca e Memê dessem outra cara para as músicas. Sem abelhudices da banda. "Nossa ligação com a dance é na onda de agitar em festas e boates... Este não pode ser considerado um disco do Kid, mas adoramos o resultado. Queremos que este CD toque na noite", conclui George.

Os abelhas querem atacar em festas e boates

Muito estranho...

Calma, John Squire não é o Dalto

Você há de concordar: o *guitar-hero* John Squire, hoje líder do Seahorses, é um sujeito para lá de esquisito. Traumatizado depois de ver o Stone Roses ir para o saco por causa de problemas com ego e drogas, ele agora está de olho no ocultismo. Assim como seu ídolo Jimmy Page, John é maluco pelo trabalho de Aleister Crowley, bruxo do início do século. Tanto que "Love Is The Law", o primeiro single do bom *Do It Yourself*, dos Seahorses, é inspirada nos mandamentos do mago. E o que Crowley diz de tão importante? "Não interessa. Depois de ler os livros dele, taco fogo. As informações dizem respeito apenas a mim." Eu, hein?

> "Nosso novo disco é uma m...."
>
> Gavin, do Bush, detonando *Deconstructed*, o álbum em que Tricky, Goldie e outros DJs remixaram as músicas do grupo

Zebra solta no planalto

Paraná tá na parada

Surpresa na parada dos discos mais vendidos em Brasília, na primeira quinzena de novembro. Acredite, *Last Blues* – o álbum instrumental (independente) de Kadu Lambach, o Paraná, primeiro guitarrista da Legião, entrevistado por SHOWBIZZ na edição de outubro – atingiu o quinto lugar da lista atrás apenas de Netinho, Martinho da Vila (com dois discos) e Gal Costa. Empolgadaço, Kadu ligou para cá: "Queria agradecer aos leitores da revista, os maiores responsáveis por essa conquista". Dado o recado.

Carioquinha

Cuccurulo (à esq.), do Duran, ama o Rio

É a velha história do gringo que chega ao Rio e cai de quatro pelo patrimônio nacional. O guitarrista do Duran Duran, Warren Cuccurullo, veio ao Brasil com o grupo em 1988, se apaixonou e se casou com uma brasileira. "Moro na Inglaterra por causa da banda. Senão já estaria aí há muito tempo", revela o confesso torcedor do Vasco. O motivo do papo com SHOWBIZZ é o lançamento de *Medazzaland*, primeiro álbum de canções inéditas do Duran desde 1993. "Esse disco demorou dois anos para ficar pronto. Mas tem as melhores canções que o grupo fez em anos", comemora Warren. Por falar em comemoração, saiu nos EUA o *Duran Duran Tribute Album*, uma homenagem [illegible] punk das bandas Goldfinger, Reel Big Fish, Home Grown e [illegible]

Alien

+Bizzes

JOGO PERIGOSO

Enforcado pelo próprio cinto numa suíte de hotel em Sidney, Austrália, no dia 21 de novembro, Michael Hutchence deixa saudade

O vocalista do INXS durante sua última visita ao Brasil, em 1994

Vocalista e líder do INXS, Michael era um dos mais carismáticos astros do rock australiano. Integrou o grupo desde que ele surgiu em Sidney em 1977 e estourou nos EUA em 1983 com o seu terceiro álbum, *Shabooh Shoobah*. *Kick*, de 1977, trouxe o seu maior hit, "I Need You Tonight", que chegou ao topo da parada americana. Em 1991, fez uma grande apresentação no Rock in Rio II e, em 1994, a banda tocou novamente no Brasil. Michael mantinha um relacionamento com a apresentadora de TV Paula Yates (ex-Bob Geldof), que há um ano havia lhe dado uma filhinha. À época do *Kick*, o cantor era considerado um dos homens mais sexies do planeta. Muitas vezes comparado com Mick Jagger, Michael vivia um pouco do estilo de vida decadente do *jet set* do rock. Nunca negou seu envolvimento com drogas e teve inocentes namoradas. Todas belíssimas, como a modelo Helena Christensen e a cantora Kylie Minogue. Entre seus grandes sucessos estão "Devil Inside", "New Sensation", "Never Tear Us Apart", "Original Sin" e "Suicide Blonde".

Este mês, excepcionalmente, não publicamos a coluna Pipoca Moderna, de José Emílio Rondeau. Ela volta, saltitante, na próxima edição

EXCLUSIVO NO BRASIL
CAMISETAS OFICIAIS
FABRICAÇÃO AUTORIZADA

PREÇO ESPECIAL R$ 17,00
DESCONTO PARA REVENDEDORES

RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR
TAMANHOS P M G
TEL 011-2997478

TS200 IRON MAIDEN · TS203 RAMONES · TS275 BON JOVI · TS276 BON JOVI · TS277 BON JOVI
TS204 PINK FLOYD · TS294 MARILYN MASON · TS290 DOORS · TS288 IRON MAIDEN · TS300 RUSH · TS208 IRON MAIDEN
TS209 LED ZEPPELIN · TS210 PANTERA · TS211 DOORS · TS213 DOORS · TS214 IRON MAIDEN · TS215 RAMONES · TS217 DOORS · TS218 IRON MAIDEN · TS225 DOORS
TS226 RAMONES · TS227 PINK FLOYD · TS228 LED ZEPPELIN · TS229 DOORS · TS 231 LED ZEPPELIN · TS232 DOORS · TS272 GUNS'N'ROSES · TS 289 SLAYER · TS237 PANTERA
TS243 LED ZEPPELIN · TS 295 VAN HALEN · TS 245 LED ZEPPELIN · TS 247 SLAYER · TS 297 VAN HALEN · TS 278 VAN HALEN · TS 256 PANTERA · TS 301 RUSH · TS 258 PANTERA
TS 298 JIMI HENDRIX · TS 260 PANTERA · TS 261 LED ZEPPELIN · TS 262 ALANIS MORISSETTE · TS 296 RUSH · TS 264 IRON MAIDEN · TS 265 DOORS · TS 267 IRON MAIDEN · TS 282 ALICE IN CHAINS
TS 270 IRON MAIDEN · TS 291 PANTERA · TS 273 IRON MAIDEN · TS 251 ALANIS MORISSETTE · TS 299 JANE'S ADDICTION
TS 238 SEPULTURA · TS 239 SEPULTURA · TS 246 SEPULTURA · TS252 SEPULTURA · TS 283 SOUNDGARDEN

MERCHANDISING OFICIAL SOB LICENÇA DE WINTERLAND NICE MAN BLUE GRAPE
VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.
O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE
ENVIE O CUPOM ABAIXO OU CÓPIA PARA STAMP:
RUA HELIODORA,321 - 02022-051 - SÃO PAULO/SP

REF	TAM	REF	TAM	REF	TAM

NOME:
END:
CEP: CIDADE: EST:
TEL: ASSINATURA:

ATENÇÃO! LEIS DE PROTEÇÃO AOS CONSUMIDORES PREVISTAS EM LEI. OS INFRATORES ESTARÃO SUJEITOS AS PENALIDADES PREVISTAS EM LEI. OS ARTISTAS AQUI VEICULADOS NÃO ESTÃO LIGADOS A ESTES PRODUTOS

Não atendendo a nenhum pedido, **mudamos os Classificados do Estadão.**

Capa índice inédita que envolve todos os cadernos

Aqui você aprende como ir direto ao que interessa

A mais completa segmentação de produtos ou serviços por características

Tabela com os bairros contidos em cada zona para o caso de imóveis

As seções numeradas não mudam nunca, facilitando consultas constantes

As ofertas também são organizadas por faixa de preço

Guia detalhado para o anunciante na segunda página

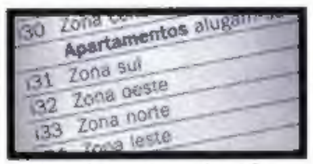
*Produto válido para a Grande São Paulo

Parecia impossível melhorar um classificado tão completo e líder há tantos anos. Parecia. Mas mais uma vez, os Classificados do Estadão se superaram. Com mudanças que vão trazer mais facilidade para quem consulta e mais resultado para quem anuncia. Foi um ano de planejamento em conjunto com especialistas internacionais, mas valeu a pena. O resultado é um classificado totalmente inovador, até para os **melhores jornais do mundo.**

O que mudou. As novidades começam pela nova capa índice inédita. Com a ajuda dessa capa índice e da nova organização, você vai direto ao que interessa. Esse **sistema de consulta é baseado no do seu computador.** Vamos supor, por exemplo, que você esteja procurando um apartamento para comprar na cidade de São Paulo.

Você pode localizar este apartamento por região, número de quartos ou bairro pela ordem alfabética. E, no final do caderno, você ainda encontra uma **classificação por faixa de preço, o Preço Fácil.** Este recurso exclusivo de poder comparar produtos e serviços semelhantes lado a lado, com certeza, vai ajudar você a **fechar o melhor negócio.**

Localize o produto ou serviço.



Identifique o número da seção.

Encontre o número da seção direto no caderno.

Os Novos Classificados do Estadão* têm quatro cadernos específicos: para autos, imóveis, empregos e oportunidades.
Estes cadernos vêm agrupados e envolvidos pela capa índice. Neles, o que você procura está numa **seção numerada**, que vai ter sempre o mesmo número, toda semana. Facilitando a busca de quem faz consultas constantes.
Tudo isto são os Novos Classificados do Estadão.
O índice é novo, a diagramação é nova, a organização é nova. **Mas a liderança continua a mesma de sempre.**

Só o Estadão poderia fazer um classificado assim.

Novos **Classificados** ESTADÃO

Para anunciar, ligue: **855-2001**

Discoteca básica

"O R.E.M. sempre foi uma das maiores influências do Live. Gosto das letras de Michael Stipe e nós tocávamos covers deles em nossos primeiros shows. Eu também aprecio o modo como eles administram sua carreira, iniciada com o clássico *Murmur*. É uma banda que ficou famosa sem apelar para declarações bombásticas ou causar grande alvoroço. Apenas deixou as coisas acontecerem." *(Ed Kowalczyk, Live)*

MURMUR

R.E.M.

Primeira vez que se ouve R.E.M. a sensação é quase sempre de estranhamento. Como uma banda pode soar tão pop e tão esquisita no espaço estreito de uma música? Como pode estar no mainstream e no underground ao mesmo tempo? A resposta está na história do grupo.

Tudo começou em 1978, quando Michael Stipe, um tímido estudante de pintura e fotografia na Universidade da Georgia, foi comprar discos na loja onde Peter Buck trabalhava em Athens – a Wustry Records. Eles gostavam das mesmas coisas – basicamente Velvet Underground, as novas bandas inglesas e o punk "literário" de Nova York, do tipo Patti Smith Group e Television. Conheceram Bill Berry e Mike Mills numa festa e formaram o R.E.M. O primeiro show foi em 1980, numa igreja reformada. Passaram a tocar a torto e a direito pelo sul dos EUA, em qualquer espelunca. Tocavam as músicas que a audiência pedisse, de Sex Pistols a Hank Williams.

Em 1981 deram um passo decisivo e lançaram o single "Radio Free Europe", que foi eleito pelo jornal *Village Voice* o melhor single do ano. Começava o mito. Veio o excelente EP *Chronic Town* e então, *Murmur*, uma estréia perfeita.

A composição de *Murmur*, em que se misturam o country e a modernidade da new wave, o folk poético e a atitude do punk, refletia o estilo único de cada um dos integrantes da banda. Bill Berry, o homem do aneurisma e das sombrancelhas grossas (infelizmente ele deixou a banda), toca uma bateria simples, marcada, de forte acento new wave. Ele abre o disco com a batida entusiasmante do hino anti-conformista "Radio Free Europe".

O trabalho reflete o estilo único dos quatro integrantes da banda, com influências de Velvet, punk e new wave

Mike Mills, o nerd genial, toca como se fosse guitarrista, de modo sinuoso, bastante melódico. É também responsável pelos vocais de apoio. Em *Murmur*, ele se destaca tanto pela linha de baixo como pelos vocais, na belíssima "Pilgrimage" e em Catapult".

Peter Buck é o *guitar hero* esquisitão dá o tom da banda. Seus riffs curtos, evocativos, ultrafuncionais, são como versões minimalistas dos Byrds. Basta ouvir a levada e o dedilhado de "Sitting Still", os espasmos cortantes de "Song 9-9" e o riff antológico de "Talk About The Passion" para saber por que ele é um puta guitarrista.

E por fim Michael Stipe, um dos vocalistas e letristas mais originais do rock. Em *Murmur*, ele não apenas canta, mas murmura (ops!), balbucia, rasga a garganta, hesita, recita, dialoga. Stipe junta as palavras mais pelo som do que pelo sentido. Não há um refrão fácil no disco, e só "Perfect Circle" pode ser chamada de canção de amor. Cita personagens da mitologia greco-romana (Laocoonte, em "Laughing"), da Revolução Francesa (Marat, em "We Walk") e usa palavras em latim e francês. Em "West Of The Fields", professa a confusão dos sentidos: "ouvir com os olhos".

Num certo sentido, o R.E.M. é a banda mais subversiva dos EUA.

Daniel Benevides

Performance

Lançamento: maio de 1983

Produção: Mitch Easter e Don Dixon

Músicas: "Radio Free Europe" • "Pilot Image" • "Laughing" • "Talk About The Passion" • "Moral Kiosk" • "Perfect Circle" • "Catapult" • "Sitting Still" • "9-9" • "Shaking Trough" • "We Walk" • "West Of The Fields".

Murmur foi o disco que tornou o R.E.M. popular entre as college radios. As paradas americanas também não ignoraram o lançamento. O grupo alcançou a 36ª posição e vendeu bem durante 36 semanas. O primeiro single do álbum foi "Radio Free Europe".

Para divulgar o álbum, o R.E.M. foi banda de abertura do Police. Como? Ambos eram contratados de Miles Copeland, empresário do trio inglês e dono do selo I.R.S., por onde o R.E.M. lançava seus discos. Na época, o grupo americano apimentava suas performances com covers de "Born To Run", de Bruce Springsteen, e "Paint It Black", dos Rolling Stones.

"A reencarnação existe.
Ou não?"

Yankee Street

YANKEE
STREET
AGORA OU NUNCA